



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA - UEFS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO

**UMA HISTÓRIA SOCIAL DOS CARNAVAIS DE AMARGOSA:
Modos de Brincar e os “Cão”, 1940-1980.**

Edicarla dos Santos Marques

Dissertação final de Curso apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS como requisito básico para a obtenção do Grau de Mestre.

Feira de Santana, julho de 2010.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA - UEFS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO

UMA HISTÓRIA SOCIAL DOS CARNAVAIS DE AMARGOSA:
Modos de Brincar e os “Cão”, 1940-1980.

Edicarla dos Santos Marques

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo César Nascimento Leite

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

M315h Marques, Edicarla dos Santos.
Uma história social dos carnavais de Amargosa: modos de brincar e os “Cão”, 1940-1980 / Edicarla dos Santos Marques. – Feira de Santana, 2010.
170 f.:il.

Orientador: Rinaldo César Nascimento Leite

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, 2010.

1.Carnaval – História – Amargosa,BA 2. Festa religiosa – Amargosa, BA. I. Leite, Rinaldo César Nascimento. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 394.25(814.22)(091)

TERMO DE APROVAÇÃO

**UMA HISTÓRIA SOCIAL DOS CARNAVAIS DE AMARGOSA:
Modos de Brincar e os “Cão”, 1940-1980.**

Edicarla dos Santos Marques

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr. Charles D’Almeida Santana - UNEB/UEFS/UCSAL
Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, Brasil.

Prof^a. Dra. Edilece Souza Couto - UFBA
Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista, UNESP, Brasil.

Prof. Dr. Rinaldo César Nascimento Leite - UEFS (Orientador)
Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, Brasil.

Dissertação Defendida:

___/___/___

Aprovada:

___/___/___

RESUMO

Os carnavais de Amargosa das décadas de 1940-1980 foram tomados como foco de estudo neste trabalho. Uma tentativa de compreender não apenas a cidade em seu período burlesco e as diversas práticas comemorativas empreendidas, mas, sobretudo, as relações, conflitos, diálogos, que socialmente foram estabelecidos e que no carnaval se apresentavam de modo dilatado. Buscou-se também uma concepção tímida da história da cidade, como meio de identificar identidades, representações, bem como as dinâmicas urbana e festiva. Este trabalho é uma reflexão sobre as relações sociais a partir dos diferentes modos de experimentação do carnaval, considerando-se fatores de classe, raça e cultura que demarcavam estas distinções. Ainda há um pouco da condição feminina a partir do estudo da presença destas no carnaval. Neste contexto, também se insere uma breve análise das práticas dos “Cão”, espaços de circulação, identidades e tensões relacionadas a estes representantes do imaginário festivo religioso em Amargosa.

ABSTRACT

The carnivals in Amargosa between 1940 and 1980 were the focus of study in this work. An attempt to understand not only the city at your burlesque time and the many commemorative practices undertaken, but, above all, the relations, conflicts and dialogues, that were socially established and that in the carnival presented themselves an dilated way. Was also sought a shy conception of the history of the city, how a way to identify, identities, representations, as well the urban and festive dynamic. This work is a reflection of the social relations through the different kinds of the experimentation of the carnival, considering the factors of class, race and culture that marked these distinctions. Still exists a little bit of the condition of the woman from the study of their presence in the carnival. In this context also inserts itself a brief analysis of the practices of the “Cão”, spaces of circulations, identities and tensions related to these representatives of the festive religious imagery in Amargosa.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, força e também pelos momentos de fraqueza, por ter me ajudado a superá-los.

À CAPES pelo apoio financeiro e institucional junto a esta pesquisa.

Ao meu querido professor e orientador Rinaldo, com muito carinho, obrigada pela “santa” paciência!

Ao corpo docente e funcionários do Programa de Pós Graduação em História da UEFS que contribuíram direta ou indiretamente com o desenvolvimento desta pesquisa. À professora Ione Celeste de Souza pela correção detalhada do texto de pré-qualificação.

Aos professores que participaram da banca de qualificação Charles Santana D’Almeida e Elizete Silva, pela atenção dispensada ao texto, recomendações e indicações bibliográficas.

A toda turma do mestrado, meus sinceros colegas, pela atenção, contribuições e pela amizade que sempre guardarei. Em especial aos que, pelas circunstâncias, se fizeram mais presentes, Emanuel (Mano), Rosana (Rô), Jackeline Lopes (Jack), e Jacó (este último fazendo a ponte interinstitucional com a UNEB) que dividiram comigo as dúvidas e angústias do percurso.

Aos professores Denilson Lessa e Edinéia Oliveira, ambos da UNEB Campus V, pela ajuda fundamental no início desta pesquisa, quando os estudos se concentravam apenas sobre os “Cão”.

Aos construtores, junto comigo, deste imenso quebra-cabeça que é a História de Amargosa. Ao Sr. Emanuel Oliveira dos Santos (Nené) por autorizar a citação ao seu trabalho, ainda não publicado. Aos homens e mulheres que me disponibilizaram fotografias e dispuseram de seu tempo para concederem os depoimentos necessários a esta pesquisa: Alexandre, Angelito, Antonio Pedro, Antonio Santos, Antonio Soares, Aurelino, Carlos, Edvaldo, Esmeraldo, Fernando, Floripe, Helena, José, Maria José L., Maria José B., Maria B., Maria da C., Miguel, Olivia, Regina, Terezinha e Zorilda.

Aos familiares do Sr. Angelysio C. dos S. Borges por permitirem acesso aos documentos guardados pelo mesmo.

Aos que, anteriores a mim, debruçaram-se sobre algum aspecto da História de Amargosa, e compartilharam seus trabalhos monográficos comigo: Elson Bitencourt, Graça Maria M. da Silva, Joseane do Espírito Santo e Miguel José da Silva.

Aos que me apoiaram, nos vários momentos da vida acadêmica.

À Káthia pelo apoio inicial, incentivo, exemplo de profissionalismo, serenidade, obrigada querida, aprendi muito com você nos anos de convivência. À Fernanda pela disciplina e seriedade. À Karol pelo parentesco espiritual, e pela experiência às avessas, dez anos a menos de idade e tanto a compartilhar. Obrigada minha pequena por ter me feito criança, quando a saudade de “mainha” apertava o coração.

À Vivi pela irmandade e paciência, à Josy pelo coração generoso e “amadrinhamento” e a pró/mãe Graça pelo ensinamento das coisas da vida, a todas pela amizade, “florear-lhe-eis” aonde eu for!

A minha família “santoantonioamarense”, nossos vínculos são indestrutíveis. Nandê, Nelminha e Mel, nos meus anos mais difíceis em Santo Antonio, Deus me presenteou com, três “meninas superpoderosas”. Nandinha obrigada pelo abraço antes da prova do Mestrado, Mel definitivamente nós não sabemos brigar, à Nelminha pela “divina” comida e comédias!

As minhas amigas de inquilinato em Feira de Santana, Sarama e Anne, obrigada pelas diferenças! À Isana pela convivência atual e tranquila no Feira VI. À minha amiga Renata, amizade inesperada, que juntamente com Mano, colega de mestrado, me fizeram sentir menos só nos “rega-bofes” da vida.

A Daniel e Nine, obrigada pelo apoio afetivo em Santo Antonio e na Feira de Santana.

Tenho profundo amor e zelo por todos/as que aqui foram citados e apesar da minha “indisciplina afetiva”, da distância em tempo e espaço que me separam de alguns dos mencionados, saibam que a minha relação de amor com vocês é atemporal.

A minha mãe, Terezinha, nome doce e personalidade forte, da qual tenho os defeitos e as qualidades, sem a sua força nada seria possível. Eu te amo eternamente!

Ao meu pai, Carlos, pelo que poderia ter sido e não foi, mas com esperança do que poderá vir a ser.

As minhas irmãs Carla Tereza e Neyla Carolina com imenso amor e carinho.

Também aos tios, tias, primos, primas e cunhado, grande abraço a todos/as.

Ao meu sobrinho lindo (Isaque) que logo, logo, chegará ao mundo, contar-lhe-ei muitas histórias!

E finalmente, com especial apreço, ao amor da minha vida, cúmplice desse trabalho e colega de profissão, Henrique Sena, pelo companheirismo e paciência dispensada. Por amar a mim e por ter aprendido a conviver com a minha teimosia, obrigada! Entramos juntos nessa, meu amor!

Aos não citados, mas que em algum momento serão lembrados.

In memoriam às falas que não mais se fazem presentes, mas que se fizeram ouvir:
Maria J. L. dos S., Floripe L. e Angelysio C. dos S. B.

Eternamente grata a todos vocês!

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Circuito Central	17
Figura 02 - Esquema das Estações da Estrada de Ferro de Nazaré	32
Figura 03 - Mapa do Recôncavo Sul da Bahia	34
Figura 04 - Mapa do Vale do Jiquiriçá	34
Figura 05 - Praça Manoel Victorino	43
Figura 06 - Jardim Dr. Lourival Monte	43
Figura 07 - “Observe-se a poda e asseio impecáveis”	45
Figura 08 - “Praça da Estação”	46
Figura 09 - “Praça da Estação” remodelada	47
Figura 10 - Carnaval em 1935/36	58
Figura 11 - Carro Alegórico	60
Figura 12 - Bloco Paladino Ideal	61
Figura 13 - Rei e Rainha do Sol do Oriente	62
Figura 14 - Bloco Carnavalesco I	65
Figura 15 - Cordão Cowgirl	68
Figura 16 - Grupo da Ema	70
Figura 17 - Aniversária da Jega	74
Figura 18 - 8 Gêmeos	76
Figura 19 - Os Nenéns	77
Figura 20 - Críticas aos hospitais	78
Figura 21 - A última “obra” do... Prefeito	80
Figura 22 - Os Travestidos I	82
Figura 23 - Os Travestidos II	83
Figura 24 - O Baile da Quinze	85
Figura 25 - Bloco Carnavalesco II	94
Figura 26 - Duas Senhoritas com Lança-perfume	95
Figura 27 - Mocinha e o Lança-perfume	96
Figura 28 - Bloco de Fada	99
Figura 29 - Fantasias Infantis I	100
Figura 30 - Fantasias Infantis II	101
Figura 31 - Irmãos com Lança-perfume	102

Figura 32- O Trio elétrico I	104
Figura 33 - O Tiro elétrico II	105
Figura 34 - O Trio elétrico III	106
Figura 35 - Batucada Aurora	110
Figura 36 - Batucada década de 1940	115
Figura 37 - Lira Carlos Gomes	117
Figura 38 - Batucada	118
Figura 39 - “Cão” pedindo dinheiro	148

À minha mãe, Terezinha, com todo o amor do mundo!

“O Carnaval é o nudismo da vida. E’ a vida em si mesma, tal qual como ela é, sem artifícios, sem mentiras.

Um protesto muito alto, ás máscaras que a sociedade afivela durante o ano inteiro, mentindo a si própria e que por isso mesmo, cansada, despe por três dias, para se deixar ver sem fantasias, ao menos por algumas horas. É um parenteses aberto pelo homem, nos 365 dias do ano.

A humanidade é assim. Para se desmascarar, compõe o rosto com uma mascara. Contradição humana”.

(Festa Revista Ilustrada, Ano II, Nº 4/6, Fevereiro/abril)

SUMÁRIO

<u>APRESENTAÇÃO</u>	<u>13</u>
1. Os descaminhos e os caminhos da pesquisa	17
<u>CAPÍTULO 1: AMARGOSA: CIDADE, SOCIABILIDADES E FESTIVIDADES</u>	<u>25</u>
1.1 Representações e Identidades	28
1.2 “O grau de civilização de um povo”	41
1.3 As Festas Santas	53
<u>CAPÍTULO 2: OS CARNAVAIS</u>	<u>56</u>
2.1 Pranchas, Cordões e Blocos	57
2.2 Os Bailes da Quinze, da Lira e do Alvorada Tennis Club	83
<u>CAPÍTULO 3: MODOS DE BRINCAR</u>	<u>92</u>
3.1 O Lança Perfume	93
3.2 A Infância Perfumada	98
3.3 O “Trio paralítico”	103
3.4 As Batucadas ou Escolas de Samba?	108
3.5 O Baile da Gordura e o Sereno	122
<u>CAPÍTULO 4: “LÁ VEM OS CÃO...”</u>	<u>127</u>
4.1 Lá Vem os “Cão”... De Rabo, Chifre e Laço	130
4.2 “É Pantomia do diabo”	136
4.3 Os “Cão” e as Almas	141
4.4 Os “Cão” e a pedagogia do medo	149
<u>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES</u>	<u>161</u>
<u>FONTES</u>	<u>163</u>
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	<u>166</u>

APRESENTAÇÃO

A variedade das práticas carnavalescas em períodos e contextos históricos distintos foi tamanha que não convém referir-se a um carnaval, mas a *carnavais*, ou a modos de brincar, empregando-lhe um sentido mais amplo e ambivalente. Nesse trabalho, os esforços foram de encontrar as diversas folias, brincadeiras, disfarces, máscaras, diversões, representações, lutas inusitadas e por vezes sutis que existiram na cidade de Amargosa nos quatro dias do carnaval, entre as décadas de 1940 e 1980. A tentativa foi de recuperar parte das práticas populares e de elite, que outrora interagiram e se distinguiram, em Amargosa, no desencadear dos processos históricos.

Os carnavais amargosenses foram reconstruídos, em alguns momentos, a partir de panfletos, fotografias, manuscritos, textos de memorialistas, mas maciçamente a partir da memória dos sujeitos que deles participaram, em infância, juventude ou em fase adulta. Sujeitos estes que comungaram do universo festivo da cidade. Todos os depoimentos foram importantíssimos para a compreensão mais ampla das esferas que configuraram os carnavais e revelaram pequenos prazeres, costumes da vida cotidiana, mas também conflitos.

O carnaval alcançava as mais diversas esferas da vida social, e indistintamente interferia de algum modo na vida das pessoas. Datam do início da década de 1930 as primeiras formas de comemorar o carnaval em Amargosa. Os desfiles a cavalo, na década referida, já pareciam ser “tradicionalis”¹. E as práticas de Entrudo também foram mencionadas por uma das depoentes².

Deste modo, no final da década de 1920, a prática do Entrudo ainda parecia ser comum em Amargosa. Segundo Maria Clementina Pereira Cunha estas práticas estiveram presentes no Brasil desde os primórdios da colonização e se prolongaram até a passagem do império para a República, compreendendo variadas formas de brincar no período do carnaval. Porém o que se compreende hoje, de um modo mais geral, como práticas de

¹Comemorando o Centenário do Nascimento de Eulina. Disponível na Biblioteca Municipal de Amargosa, Carlos Cohen. Produzido em Amargosa, 23 de outubro de 1999, por familiares da Sra. Eulina Nogueira Pita.

²Sra. S. L. J. M., 93 anos, 2007.

Entrudo, está relacionado mais especificamente àquelas de finais do século XVIII até o início do século XX, que consistia basicamente no costume de jogar uns nos outros limões de cheiro, esguichar água de bisnagas, ou mesmo barricas com água, água suja, farinha, e outros tantos sortimentos de produtos. O ato de melar em si era bastante característico destas práticas de Entrudo muito comuns na cidade do Rio de Janeiro, estudada por Cunha, mas não se restringiu a mesma³. Patrícia Vargas Lopes de Araujo, por exemplo, realizou estudos sobre a transição dos festejos de Entrudo, costume considerado bárbaro e pouco civilizado, para o Carnaval, em Minas Gerais no séc. XIX⁴.

As práticas de Entrudo, a partir do momento em que começaram a se difundir entre as classes mais populares, entre escravos e negros, também começaram a ser contidas com uma série de restrições e proibições. Quando alcança um caráter acentuadamente popular o Entrudo é praticamente abolido. João José Reis, em estudo sobre a festa negra na Bahia, observou que após a independência houve um esforço dos governos em disciplinar, sobretudo, a população livre e escrava, em seus diversos aspectos. No caso da Bahia as políticas de contenção estavam direcionadas aos batuques e sambas, associados ou não às práticas religiosas⁵. Do mesmo modo, Martha Abreu se referiu à “política imperial” desencadeada a partir de 1830 como responsável por grande parte da “disciplina” imposta aos populares como reguladora do espaço público, mas também das condutas individuais e coletivas⁶. É neste contexto, de contenção das práticas de Entrudo, que começam a se projetar as primeiras práticas carnavalescas, não à toa o “Carnaval Veneziano” é introduzido no Brasil na década de 1840, mas precisamente em 1846, com a realização do primeiro baile de mascarados nos três dias sequencialmente anteriores à Quarta-feira de cinzas no Rio de Janeiro⁷.

³CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecoss de Folia: uma História Social do Carnaval carioca 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁴ARAUJO, Patrícia Vargas de Lopes de. *Folganças Populares e Festejos de Entrudo e Carnaval em Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG; Fapeming; FCC, 2008. Coleção Olhares.

⁵REIS, J. J. “Tambores e Temores: A festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX”. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002.

⁶ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Nova Fronteira, São Paulo, Fapesp, 1999.

⁷ARAUJO, Patrícia Vargas de Lopes de, *op. cit.*

As duas primeiras décadas republicanas na Bahia foram marcadas, segundo Edilece Souza Couto, por tentativas do poder público e das elites em impedir as manifestações lúdicas populares, dentre outras contenções que em grande parte foram direcionadas às populações afro-brasileiras no espaço das ruas⁸. Não por acaso, o fim quase que por completo das brincadeiras de Entrudo, se situam no início do século XX. Em detrimento das práticas de Entrudo, nasceu o carnaval enquanto prática higiênica, moderna, civilizada e liberal de brincar durante os dias anteriores à Quaresma. Alguns apontam o nascimento do Carnaval como marco final das práticas de Entrudo. Contudo, não foi necessariamente isso que aconteceu, ao menos não aconteceu assim em todos os lugares.

Como já afirmado a prática não era exclusiva da capital do Brasil, outras capitais e cidades apresentaram suas próprias formas de brincar o Entrudo. Se as práticas eram diversas, bem como seus tempos, espaços e contextos, não seria possível pensá-las atribuindo-lhes um fim único. Na cidade de Amargosa, a “brincadeira” do entrudo consistia basicamente nas pessoas molharem umas às outras com água, como evidencia o depoimento da falecida Sra. S. L. J. M.:

O Entrudo eu já tava bem moderna, meus catorze anos, botava barrica de água, hoje é tuné, mas meu tempo era barrica, ia na porta da rua pra molhar quem passasse, era no meu tempo de meu pai moderno, é, eu me alembro, domingo de Entrudo, chamava. Hoje cabou-se tudo, não tem mais nada em Amargosa⁹.

Em 1928, segundo afirmou a depoente, ainda persistia a prática do Entrudo em Amargosa, que costumava acontecer no domingo de carnaval. Compreende-se que estas práticas existiram e coexistiram em diversos contextos. Permanecendo muitas vezes com características genuínas, outras vezes enquanto resquícios e às vezes como atualizações destas, as práticas do Entrudo eram tidas por intelectuais, classes abastadas e imprensa, como grosseiras e/ou grotescas¹⁰. Assim ainda acontece no Recife com as brincadeiras de “mela-mela” e em Amargosa mais intensamente até meados da década de 1980 com os “Cão” e suas constantes ameaças de melar os transeuntes.

⁸ COUTO, Edilece Souza. *Festa e Cultura na Bahia Republicana*. Anais do ENECULT.

⁹ Sra. S. L. J. M., 93 anos, 2007.

¹⁰ ARAUJO, Patrícia Vargas de Lopes de, *op. cit.*

As práticas de festejar o carnaval em Amargosa se diversificaram com o decorrer das décadas. Além das comemorações a cavalo e das brincadeiras de Entrudo, a cidade contou ainda com o desfile de Pranchas, Cordões, Blocos, Blocos Críticos, Bailes, Grupos, Trios elétricos, Batucadas, Escolas de Samba, Zé-Pereiras, Mandús, Grupos de travestidos, Caretas, Dominós, os “Cão” e mascarados de toda ordem. Algumas dessas brincadeiras, por um bom tempo foram regadas com muito lança-perfume. Crianças, jovens, adultos, idosos, homens e mulheres, ricos e pobres, brancos e negros, “graxeiras”¹¹, “meretrizes” e senhoritas da sociedade, do grupo dos “Cão” ao bloco das Almas, diversos segmentos sociais compartilhavam das festividades carnavalescas de Amargosa, mesmo aqueles que iam “só pra espiar”¹².

Apresentados estes atores da festa, destaco que me propus a reconstruir, parcialmente, os modos de brincar o carnaval na cidade e seus significados sociais, raciais, culturais e políticos. O objetivo foi reconstituir tensões e interações entre todos estes sujeitos nos dias de carnaval. Mais do que uma síntese do carnaval de Amargosa no âmbito da cultura, objetiva-se o lugar social destas práticas festivas, os espaços de diversão em que se desenvolveram e as representações que as alicerçaram e as modificaram.

Como nem todas as ruas eram iguais, nem todas as ruas tinham o mesmo valor social, e nem todos eram considerados dignos socialmente de circulação pelas ruas centrais, e ou outros ambientes, então também os lugares de brincadeiras eram distintos, disputados e enfim, por meio de alguma estratégia, compartilhados. Assim, os diferentes sujeitos envolvidos nos festejos carnavalescos construíram seus itinerários, definiram como muitos depoentes mencionaram o “movimento” do carnaval, o movimento das estratégias e táticas de circulação por todos os ambientes festivos. E estes caminhos estiveram, muitas vezes, crivados por barreiras sociais, raciais, culturais e de gênero.

Através da frequência com que alguns pontos, ruas e praças da cidade foram aparecendo, na narrativa dos depoentes, ora sobre o trajeto das Batucadas, ora sobre o trajeto dos Blocos, Pranchas, Cordões, grupo dos “Cão”, ou ainda pelas fotografias analisadas, notou-se que o circuito principal das festividades carnavalescas tinham quase

¹¹ Trabalhadoras domésticas.

¹² Sra. L. F., 75 anos, 2007.

obrigatoriamente que passar pelas três principais praças da cidade. Primeiro pela Praça do Bosque, segundo pelo Jardim da Igreja e terceiro pela Praça do Cristo. Esta última apresentou-se nas narrativas orais como o ponto mais alto da festa, durante as décadas estudadas. Deste modo, torna-se significativa a apresentação da imagem abaixo, na qual os principais pontos de festividade foram demarcados a fim de deixar mais claro o entendimento do leitor (Fig. 01).

Figura 01 - Circuito Central



Fonte: Acervo digital da Prefeitura Municipal de Amargosa. Sem datação.

1. OS DESCAMINHOS E OS CAMINHOS DA PESQUISA

O que começou como a história do imaginário amargosense acerca do “Cão”, leia-se diabo, tornou-se nestas linhas, uma breve história do carnaval de Amargosa. Quando iniciada esta pesquisa, no carnaval de 2006, muito do que é discutido neste texto, não fazia parte das expectativas. O projeto inicial de seleção no mestrado chamava-se: “‘Lá vem os Cão...’ Demônios Sociais e Cultura Popular em Amargosa, 1950-1980”. Já na

primeira disciplina do mestrado o projeto passou a ser: “‘Lá vem os Cão...’ Uma História Social do Carnaval de Amargosa, 1940-1980”. O projeto amadureceu depois de cursados os créditos no mestrado e orientações do prof. Rinaldo Cesar Nascimento Leite. O referido, após várias reelaborações, se tornou mais consistente do ponto de vista temático e teórico-metodológico. Por sugestão da Banca de Qualificação a atual pesquisa passou a: *Uma História Social do Carnaval de Amargosa: modos de brincar e os “Cão”*.

A História Social fez emergir os chamados “temas malditos” – quase todos que tratam dos excluídos sociais, sejam pobres, vagabundos, prostitutas, negros, mulheres, índios, entre outros. É inegável a contribuição da História Social no que se refere ao alargamento dos campos de investigação histórica por meio da inserção de novas fontes e abordagens. Como o interesse era a compreensão das práticas carnavalescas na cidade de Amargosa, a partir de uma ótica diferenciada, a partir de fontes que possibilitassem acesso aos diálogos estabelecidos por sujeitos que normalmente eram excluídos do fazer histórico, a opção teórica norteadora da pesquisa foi pela História Social¹³. A opção metodológica igualmente procurou trazer estes sujeitos a partir de seus depoimentos. No tocante a esse aspecto, Tânia Gandon chama atenção “sobre o papel da memória oral e tradição oral na consolidação da identidade cultural de grupos que participam em condições desfavoráveis dos processos econômicos e socioculturais da sociedade global em que se inserem¹⁴”.

Déa Fenelon, em resposta às críticas direcionadas à História Social, pela visão reducionista que erroneamente compreendem a mesma enquanto história do efêmero, do particular, afirmou que na maioria das vezes a perspectiva de análise empregada pela historiografia social contempla as realidades micro inserido-a no contexto geral da sociedade¹⁵.

Assim, neste trabalho, objetivou-se diferenciar os modos de experimentação do carnaval de Amargosa de acordo com os espaços sociais ocupados; compreender a dinâmica cultural da cidade no carnaval; e analisar o lugar social das

¹³FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa. In: *Projeto História: revista do Programa de Pós-graduados em História da PUC – SP*. São Paulo: Editora EDUC, 1981, p. 76. (Grifo da autoria)

¹⁴GANDON, T. “Palavras de Itapuã: literatura e história”. In: *neho-historia - Revista do Núcleo de Estudos em História Oral*. Número 1, Novembro 1999, p.35-36.

¹⁵FENELON, Déa Ribeiro, *op. cit.*

práticas/representações das diversas experiências carnavalescas. A pesquisa atenta para a necessidade crescente de se pensar as relações e trocas entre os diferentes sujeitos que integram o processo histórico, problematizando a cultura popular, que deve ser compreendida na sua pluralidade¹⁶, e destacando as práticas carnavalescas que vigoraram no município de Amargosa a partir das particularidades e das circularidades existentes entre elas.

Este trabalho se insere na perspectiva da História Social da Cultura. Neste foi utilizada a noção de circularidade Cultural de Mikhail Bakhtin¹⁷ enquanto uma possibilidade de compreender o carnaval como uma manifestação da cultura popular e os diálogos que estabelece com outras práticas. Por sua vez, os conceitos de representação, prática e apropriação desenvolvidos por Roger Chartier também foram utilizados, uma vez que estes contribuíram para pensar o carnaval como um fenômeno do campo das representações humanas atreladas aos contextos específicos e relações reais.

Assim, Roger Chartier contribui significativamente para ratificar essa nova perspectiva de entendimento do conceito de cultura popular, noção adotada.

O “popular” não está contido em conjuntos de elementos que bastaria identificar, repertoriar e descrever. Ele qualifica, antes de mais nada, um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras.¹⁸

Esta relação entre as culturas é circular. “A cultura popular é uma categoria erudita¹⁹”, assim a definiu Chartier, mas só uma concepção elitista de cultura poderia forjar e instituir a cultura popular enquanto um conjunto de elementos e ou temas preestabelecidos enquanto populares. O conceito “cultura popular” só pode ser pensado enquanto um tipo de relação estabelecida, enquanto um espaço de apropriação e experiência do sujeito em relação ao discurso. Compreender “cultura popular” significa então situar neste espaço de enfrentamentos as relações que unem dois conjuntos de

¹⁶CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. Campinas, Papirus Editora, 1995.

¹⁷BAKHTIN, Mikhail. *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. 3 ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

¹⁸CHARTIER, Roger. “Cultura Popular”: revisitando um conceito historiográfico. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol 8, n. 16, 1995, p.179-192.

¹⁹*Ibidem*.

dispositivos: de um lado os mecanismos da dominação simbólica, de outro lado, as lógicas específicas em funcionamento nos usos e nos modos de apropriação do que é imposto.

É nesta dimensão que se inserem as contribuições de Certeau sobre os espaços²⁰. Deve-se ater aos espaços de apropriação e experiências dos diferentes sujeitos²¹. Compreender as “apropriações” exige pensar os próprios conceitos de prática e representação propostos por Chartier²².

Assim, Bakhtin concebeu inicialmente a noção de circularidade da cultura²³. Todavia, pensar esta relação circular ou dialógica não significa desconsiderar a ausência de conflitos. Apesar das relações empreendidas no período burlesco serem dinâmicas, é de cada lugar na hierarquia social em específico que partem as críticas, as condutas e os diversos modos de festejar o carnaval; os lugares constituem permanência e não inversão. Neste sentido, o presente estudo distancia-se de algumas abordagens que perceberam o carnaval como momento de inversão das hierarquias sociais ou de suspensão de tensões cotidianas, como em grande medida o concebeu Roberto Da Matta²⁴. Muito pelo contrário, no carnaval, as ações são projetadas, necessariamente, dos lugares sociais e das referências culturais próprias a cada indivíduo ou grupo. Renato Ortiz, assim definiu a dinâmica no espaço carnavalesco: “Quando afirmo que o espaço carnavalesco é ‘explosivo’ entendo com isto que ele, mesmo contido e domesticado pela ordem social, é elemento de manifestação do político no interior do ritual da folia²⁵”.

A respeito das fontes utilizadas na pesquisa o único arquivo existente na cidade de Amargosa é de caráter público e está em fase inicial de organização. Muitas fontes sobre a história de Amargosa podem ser encontradas no porão da prefeitura, ambiente totalmente insalubre. A possibilidade de pesquisa no fórum da cidade foi solicitada através de três pedidos oficiais, mas, infelizmente, não tivemos o acesso permitido, problema que esperamos superar em outra oportunidade. Também foram empreendidas pesquisas no Arquivo Público da Bahia e Biblioteca Pública Central, sendo quase

²⁰CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, 1994.

²¹CERTEAU, Michel de, *op. cit.*, 1994.

²²CHARTIER, Roger, *op. cit.*, 1987.

²³Sobre o conceito de circularidade cultural, ver: BAKHTIN, Mikhail, *op. cit.*

²⁴Da Matta, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

²⁵ORTIZ, Renato. *A consciência fragmentada: ensaios de cultura popular e religião*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, p. 11. (Grifo da autoria).

inexpressiva a quantidade de documentação existente sobre a cidade de Amargosa para o período estudado. Porém, na cidade muitos particulares têm em posse documentos de valor histórico dos mais diversos. No entanto nem sempre o acesso foi permitido.

Aliado ao problema das fontes escritas poucos são os trabalhos de produção histórica sobre a cidade. E se quase nada fora escrito como escrever a história do Carnaval de Amargosa sem bibliografia relacionada e com a precariedade das fontes? A viabilidade da pesquisa só foi possível com um corpo central de fontes orais, que, no desenrolar da pesquisa, revelou-se como uma opção metodológica pertinente para tratar do tema proposto, além de aliar-se adequadamente às escolhas teóricas e conceituais. Ainda no primeiro ano de pesquisa no mestrado surpreendeu a quantidade identificada de fotografias relacionadas ao carnaval de Amargosa, bem como relacionadas à cidade, que acabaram inseridas como fonte para este estudo.

A metodologia empregada buscou dar conta das fontes orais e das iconográficas. A fotografia enquanto fonte histórica é compreendida também como representação de uma determinada realidade, que transmite intenções e subjetividades, pois é além da fotografia que se pretende perceber.²⁶ Como forma de abordagem das iconografias, a estratégia foi promover o diálogo entre oralidade e visualidade, utilizando fotografias como estímulo visual, como “detonadores” da memória. Para esta proposição de relação dialógica Ana Maria Mauad utilizou o conceito de intertextualidade “segundo o qual todo o texto só pode ser interpretado a partir de outros textos que o precedem e referenciam histórica e culturalmente. Imagens e palavras não existem”²⁷.

Referente à captação das fontes orais, convém admitir-se a não uniformidade dos métodos utilizados, tendo em vista que a prática de entrevistar foi-se aprimorando desde o primeiro depoimento colhido em 2006. Alguns depoimentos, coletados anterior ao mestrado, sequer podem ser classificados com precisão metodológica. Porém, estes depoimentos iniciais se aproximaram muito da opção metodológica associada a roteiros semi-estruturados; a falta de precisão metodológica não comprometeu a riqueza

²⁶MASSEI, R. Fotografia e História. In: *Revista História*. São Paulo: UNESP – V. 8, 1989.

²⁷MAUAD, Ana Maria. “Fragmentos de Memória: Oralidade e Visualidade na construção das trajetórias familiares.” In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo n.0 (1981) São Paulo: EDUC, 1981. Projeto História 22, História e Oralidade, p.157.

narrativa nem a validade dos mesmos. Posteriormente, estabeleceu-se com maior sucesso a opção por questões mais abertas, de cunho temático.

As estruturas textuais centrais resultantes constituíram-se em Enotextos²⁸. A análise empregada aos etnotextos procurou sistematizar os assuntos mais recorrentes em eixos temáticos²⁹ ou chaves temáticas³⁰. A supressão dos nomes dos depoentes foi também uma opção metodológica visando preservação dos envolvidos e familiares. A transcrição dos depoimentos tentou contemplar as formas da fonética na ortografia. Assim, os depoimentos estão muito próximos das “falas” dos entrevistados. Não houve interesse metodológico em adequar os depoimentos às normas cultas da língua escrita.

No mais, foram utilizados memorialistas, revistas e diversos jornais, além de panfletos de propaganda dos festejos carnavalescos e dos Bailes organizados pela Sociedade Filarmônica “15 de Abril” na década de 1950 e pelo “Alvorada Tennis Club” na década de 1960. Por fim, utilizei como fontes, algumas páginas manuscritas do Sr. Angelysio Borges, datadas de 1992, que refletia sobre o carnaval do seu próprio tempo e rememorava alguns momentos os carnavais amargosenses do passado.

Como forma de estruturação narrativa dividiu-se o trabalho em quatro capítulos quais sejam: 1) “Amargosa: cidade, sociabilidades e festividades”; 2) “ Os Carnavais”; 3) “Modos de Brincar”; e 4) “Lá vem os Cão...”.

O primeiro se refere, sem grandes pretensões, aos aspectos sociais da cidade e algumas das suas festividades. Trata-se muito menos de contar a história da cidade, e muito mais de contar uma história da cidade vista pelas representações construídas em torno da mesma por aqueles que escreveram sobre ela. Trata-se muito menos dos encontros, e muito mais dos desencontros entre fontes utilizadas na elaboração deste capítulo que traduz em grande medida o “caos historiográfico” que recobre Amargosa. Intitulado “Amargosa: cidade, sociabilidades e festividades” este capítulo apresenta a cidade nas suas primeiras décadas de existência, passando por representações e

²⁸GANDON, T. “Enotexto e Identidade Cultural na Construção da Memória”. In: Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v.14, n23, jan./jun. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, V Campus I, 2005.

²⁹*Idem*. “Entre Memória e História: tempos múltiplos de um discurso a muitas vozes.” In: Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo n.0. São Paulo: EDUC, Projeto História 22, História e Oralidade, 1981.

³⁰RIOS, A, MATTOS, H. “Memórias do cativo: narrativa e identidade negra no antigo Sudeste cafeeiro.” In: Memórias do Cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. RJ: Civilização Brasileira, 2005.

identidades que giraram em torno dela desde o seu período de esplendor cafeeiro; as sociabilidades estabelecidas nos espaços urbanos e seu cotidiano cultural; e por último são identificadas algumas práticas festivas da cidade.

O segundo capítulo intitulado “Os Carnavais” procurou compreender a dinâmica dos carnavais de rua praticados pelas elites e organizados em Pranchas, Cordões e Blocos. Mas também a compreensão dos Cordões, Blocos e dos “Grupos” organizados pelas classes pobres. As interlocuções existentes entre as diversas classes e presentes em alguns Blocos, como nos Blocos críticos, também foram elementos de estudo. A inserção do “Carnaval de clube” em Amargosa também fez emergir distinções que talvez antes fossem desconhecidas, tendo em vista que os espaços das festas eram o mesmo: as ruas. Neste sentido, este capítulo também traz uma abordagem do “Carnaval de clube”.

O terceiro capítulo, denominado “Modos de Brincar”, trabalha, sobretudo, as mais diversas e heterogêneas práticas festivas. Nele são contempladas discussões sobre a utilização do lança-perfume na cidade; algumas das formas das crianças se divertirem incluindo o uso do lança-perfume; reflete ainda sobre a inserção do Trio elétrico nas brincadeiras carnavalescas de Amargosa; trata-se das articulações populares na estruturação das Batucadas e das Escolas de Samba; e são apresentados alguns indicativos da presença de mulheres pobres, negras e mestiças, em Bailes organizados no Barracão de Farinha.

O quarto e último capítulo “Lá vem os Cão...” se concentra nas práticas dos “Cão”, um personagem diferenciado do carnaval amargosense, discorrendo sobre sua estética, seus itinerários, a relação com os outros modos de brincar o carnaval e o sentido da sua presença na festa momesca. Assim, são exploradas algumas narrativas sobre os sujeitos que saíam de “Cão” que forneceram indícios sobre a representação deste no imaginário dos amargosenses. O capítulo traz também o Bloco das Almas e a presença das “Almas” nas brincadeiras dos “Cão”. Interessou a percepção destes sujeitos, trajados de “Cão”, sobre a vida cultural da cidade e suas táticas de circulação na construção dos espaços de sociabilidades, configurados neste cenário mais amplo do carnaval, além de seus posicionamentos frente às investidas de organização e controle de suas práticas culturais que de algum modo causavam estranhamento e/ou desconforto.

Atenta aos modos diferenciados de experimentação do carnaval em Amargosa e aos seus distintos significados foi possível localizar os espaços de diversão e as apropriações que despontaram deste cenário carnavalesco e denunciaram lugares sociais e aspectos da vida cotidiana das pessoas. Foram os sujeitos que participaram efetivamente dos carnavais de Amargosa que tornaram possível a construção social de uma memória histórica³¹ a qual se faz uso. Por meio desta, emergiu uma memória coletiva das práticas, representações e imaginários que compreenderam os festejos de carnaval na cidade.

³¹HALBWACHS, Maurice. "Memória individual e memória coletiva". In: *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

CAPÍTULO 1:
AMARGOSA: CIDADE, SOCIABILIDADES E FESTIVIDADES

“Naqueles tempos tão distantes, quando o meu berço tinha vida e sua lavoira ainda era notável.”³²

³²Theodomiro Jordão. *Vultos e Factos da Minha Infância*. Imprensa Glória, Bahia, 1949. P. 27.

A ideia deste primeiro capítulo é situar o leitor nos aspectos mais gerais de constituição da sociedade amargosense. Aspectos estes ainda desconhecidos pela historiografia baiana, bem como as dificuldades implícitas ao processo de escrita sobre as histórias de pequenas cidades interioranas que não apresentam produções historiográficas. Outras dificuldades permeiam a pesquisa sobre estas cidades, uma delas está relacionada à ausência de acervos, museus ou arquivos públicos.

Assim, as linhas seguintes apresentam, muito timidamente, algumas dimensões da cidade, das sociabilidades e festividades de Amargosa. Este capítulo foi, sobretudo, uma tentativa de superar limites. Primeiro o limite bibliográfico, pouco existe sobre a cidade de Amargosa, ou mesmo sobre a “Região de Amargosa” que no início do século XX apresentou vultosa produção cafeeira. Segundo em relação à escassez e limites impostos pelas fontes.

O corpo central de fontes deste capítulo foi composto por fontes escritas. O trabalho da professora Maria Hilda Baqueiro Paraíso³³, apesar de ser um trabalho que implicou formação acadêmica e teórica, foi utilizado como fonte, pois não houve pretensão em adentrar nas discussões sobre história indígena. O mesmo possibilitou a compreensão de alguns aspectos relacionados ao povoamento do município. Do mesmo modo foi utilizado o relatório elaborado por Milton Santos³⁴ e uma equipe de treze geógrafos, do Laboratório de Geomorfologia da Universidade da Bahia datado de 1963, após oito dias de observação e pesquisa no que denominaram de “A Região de Amargosa”. Embora a equipe tenha empregado rigores teóricos e metodológicos, o relatório em si constituiu-se nesta pesquisa, em rica fonte onde foi possível perceber além de características da sociedade amargosense do início da década de 1960, representações existentes sobre esta sociedade.

A Enciclopédia dos Municípios Brasileiros datada de 1958³⁵, cujas informações estavam muitas vezes em desacordo com outras fontes, foi aproveitada de modo

³³PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. *Os Kiriri Sapuyá de Pedra Branca*. Centro de Estudos Baianos. Publicação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1985.

³⁴SANTOS, Milton. *et alia*. *A Região de Amargosa*. Universidade da Bahia. Comissão de Planejamento Econômico, Salvador, dez. 1963.

³⁵Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. Presidente do IBGE. Obra conjunta dos Conselhos Nacional de Geografia e Nacional de Estatística, Jul. de 1958.

bastante prudente. Igualmente a Revista “Amargosa Centenária”³⁶ organizada com o objetivo de se ter algo escrito sobre a história de Amargosa, porém apresenta alguns problemas historiográficos. A mesma, ora oferece informações baseadas em documentos escritos, ora apresenta informações da memória dos autores, faz várias menções de registros documentais, porém não traz referência alguma, onde possíveis documentações podem ser encontradas ou sobre a existência destas. Contudo, por apresentar algumas imagens de documentos no corpo textual, ou informações que podem ser consideradas como pertencentes ao campo da memória, a revista foi muito útil. O trabalho do Sr. Emanuel de Oliveira dos Santos³⁷, ainda não publicado, auxiliou com informações diversas, fragmentos da memória, documentos avulsos anexos, fotografias, depoimentos e cartas. O livreto datado de 1949, do memorialista Theodomiro Jordão³⁸, cujas matérias dos seus escritos são as lembranças da infância na cidade de Amargosa, também constitui o corpo deste trabalho.

Ainda foram utilizados alguns números de jornais avulsos de circulação estadual e municipal. Também como fonte duas edições da Revista dos Municípios, ambas sem datação. A primeira edição o acesso foi por meio de uma professora de Amargosa, a revista original estava degradada e igualmente a cópia disponibilizada. Já a outra edição foi resultado de pesquisa na Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Como as edições se referiam às administrações do Intendente Antonio Espinheira, foi possível saber, pelo teor propagandista da revista favorável a renovação do biênio da administração, que a primeira edição que trouxe como título “A Rainha do Café” se referia ao primeiro período de administração de Antonio Espinheira (1926-1927). Já a segunda edição intitulada “Amargosa” inicia o texto com a informação “E seu Intendente, tendo o biênio renovado – 1928-1929, o Dr. Antonio Espinheira...”³⁹. Deste modo chegou-se a possível datação aproximada das duas edições. Textos em Revistas e jornais, relacionados à Amargosa, eram comuns em períodos de eleição, aniversário da cidade ou eventos religiosos. Geralmente apresentavam um tom propagandístico relacionado à administração pública ou então tendiam ao engrandecimento de Amargosa.

³⁶REZENDE, Gildeflá Costa. et alia. (Orgs.) *Revista Amargosa Centenária*. Bahia, 1991.

³⁷Emanuel Oliveira dos Santos (Sr. Nené). *Amargosa de A a Z. Eu conto os contos que me contaram em contos e histórias, 1825 a 2008*. Trabalho não publicado.

³⁸Theodomiro Jordão. *Vultos e Factos da Minha Infância*. Imprensa Glória, Bahia, 1949.

³⁹Revista dos Municípios. “Amargosa”, 1928-1929, sem paginação.

1.1 REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES

Origens, populações e nome

“E’ este o principal motivo porque nós, que residimos a beira mar, somos agitados e inquietos e o sertanêjo é calmo e sempre feliz no lugarejo onde nasceu.”⁴⁰ Deste modo a Revista dos Municípios referiu-se ao amargosense, primeiro compreendendo-o enquanto sertanejo e depois como “calmo e sempre feliz no lugarejo onde nasceu”, mas nem sempre foi assim. Antes mesmo que as primeiras fazendas de criação de animais e plantio de cereais começassem a despontar na região hoje conhecida por Amargosa, a mesma foi espaço de vivência de grupos indígenas que visitavam estas terras, desestabilizando os ares de calma e felicidade que porventura existissem.

A região que atualmente compreende Amargosa serviu de refúgio a muitos dos indígenas da etnia Kiriri Sapuyá, um subgrupo Kiriri estabelecido no Médio Paraguaçu. Os Kiriri Sapuyá habitavam as terras onde foi criada a aldeia jesuítica de Pedra Branca, região que no transcorrer dos séculos XVI, XVII e XVIII, com as frentes pioneiras, foi fortemente marcada por conflitos e conseqüentes deslocamentos populacionais.⁴¹ Ainda no século XVIII, mas especificamente em 1761, passou à categoria de Villa de Nossa Senhora de Nazaré de Pedra Branca⁴². Segundo uma tabela apresentada por Francisco Antonio Zorzo (2001), intitulada “Aldeamentos Indígenas Localizados no Sul do Recôncavo e no Sudoeste da Bahia no S. XIX”, a Vila de Pedra Branca foi integrada ao município de Nsa. Sra. da Conceição de Tapera que atualmente corresponde ao município de Santa Terezinha.⁴³

Durante todo o século XIX estes indígenas sofreram represarias armadas ao serem constantemente acusados de “roubos” de gado, farinha de mandioca, e de ataques àqueles que tentavam penetrar em suas terras. Resistentes à obediência das leis e

⁴⁰Revista dos Municípios. Município de Amargosa. “A Rainha do Café”, 1926-1927, sem paginação.

⁴¹PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro, *op. cit.*

⁴²LINS, Robson Oliveira. A Região de Amargosa: Transformações e Dinâmica Atual. (Recuperando uma contribuição de Milton Santos). Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal da Bahia, UFBA, Instituto de Geociências, Salvador, BA, 2007.

⁴³ZORZO, Francisco Antonio. *Ferrovias e Rede Urbana na Bahia: Doze Cidades Conectadas pela Ferrovia no Sul do Recôncavo e Sudoeste Baiano (1870-1930)*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001, p.24.

autoridades constituídas, estes indígenas refugiados deslocaram-se pelas regiões próximas, embrenhando-se nas matas e atingindo também áreas como aquelas do povoamento de Amargosa, como evidencia o trecho abaixo:

O próprio delegado de Tapera alertava que, em suas diligências, havia constatado que... ‘a pretexto que tomaram os mal intencionados, foram perpetrados alguns assassinatos na povoação de *Amargosa* de que foram vítimas alguns índios’... (Gama, ms, 22/01/1853)⁴⁴

Em 1853, data em que se deu o assassinato dos índios, apontados pela fonte, Amargosa era apenas um povoado pertencente ao nascente município de Nsa. Sra. da Conceição de Tapera.⁴⁵ Povoado que começou a se esboçar por volta de 1825 a 1830 e que em 30 de junho de 1855 tornou-se a Freguesia de Nossa Senhora do Bom Conselho, pela resolução nº 574 do vice-presidente da província da Bahia, Sr. Álvaro Tibério de Moncorvo e Lima.⁴⁶ Enquanto freguesia, permanecia dependente administrativa e politicamente ao município de Tapera. Desmembrou-se deste pela lei provincial nº. 1726, de 21 de abril de 1877, sendo elevada à categoria de Vila de Nossa Senhora do Bom Conselho de Amargosa, porém instalada oficialmente em 15 de fevereiro de 1878.⁴⁷ A solenidade que elevou Amargosa de Vila à cidade aconteceu no dia 02 de julho de 1891, executando deste modo o ato de criação de 19 de junho de 1891 do então governador do Estado da Bahia, José Gonçalves da Silva⁴⁸. Milagres, Tartaruga, Brejão (atual Brejões) e Veados (atual Nova Itarana) já corresponderam a territórios amargosenses⁴⁹.

Além de indígenas, Amargosa também teve a sua população constituída por negros que foram escravizados em fazendas da região. Um termo de compromisso de empréstimo, datado de 24 de outubro de 1884, registrado em cartório, entre os Srs. José Virgílio, sua esposa a Sra. Laurinda Amélia Vaz Sodré e o Sr. Francisco Almeida Sampaio, todos moradores da Vila de Amargosa, ratifica a presença de negros em condição escrava no município. O termo trazia como garantia ao empréstimo de três contos e quinhentos

⁴⁴PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro, *op. cit.*, p. 63.

⁴⁵PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro, *op. cit.*

⁴⁶NETO, Raul Lomanto. A “Região de Amargosa”: olhares contemporâneos. In: GODINHO, Luís Flávio R. et alia (Orgs.) *Recôncavo da Bahia: educação, cultura e sociedade*. Amargosa, Bahia: Ed. CIAN, 2007, 184p.:II ; 21 cm -. (Reconvexo: 1).

⁴⁷Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, *op. cit.*

⁴⁸REZENDE, Gildeflá Costa. *et alia*. (Orgs.), *op. cit.*

⁴⁹Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, *op. cit.*

mil reis 3.500\$000, do segundo casal ao primeiro, dois escravos “Quirino, criôlo, solteiro e Rita, criôla, solteira, matriculados na forma da lei⁵⁰”. Estes escravos eram levados à região muito provavelmente para atender às demandas das fazendas que surgiram a partir do início do século XIX.

Ainda algumas fontes inéditas sobre a presença de africanos e descendentes estão presentes no Arquivo Público da Bahia. Constam no arquivo supracitado alguns processos crimes referentes ao município de Amargosa que registram a condição dos sujeitos envolvidos, não sendo incomum encontrar a denominação “liberto” para uma das partes, o que necessariamente remete a um passado escravo. Também vasto número de inventários e testamentos, compreendendo um século da história de Amargosa, pode ser encontrado, apontando deste modo para a presença de negros e afrodescendentes na constituição social e cultural do município, tendo em vista que em muitos destes inventários podem constar nomes e informações sobre escravos⁵¹.

Cabe mencionar que até 1844, Amargosa era ocupada, principalmente, pelas fazendas de seus primeiros habitantes. Porém, uma grande seca no alto sertão, que ocorreu neste ano, levou centenas de pessoas a procurarem terras produtivas e abundantes em água. Supostamente, encontraram em Amargosa ambos os recursos⁵². Muitas outras secas ocasionaram, posteriormente, processos de imigrações ao território amargosense. Também imigrantes europeus ocuparam áreas no município desde as primeiras povoações. Contudo, foi no final do século XIX que ocorreram os maiores deslocamentos de famílias portuguesas, italianas e espanholas, que se estabeleceram espontaneamente na região, sem que houvesse uma política de imigração. Estas famílias atuaram principalmente na agricultura com o plantio de café e fumo e no comércio com

⁵⁰Emanuel Oliveira dos Santos (Sr. Nené), *op. cit.*, p. 56. A respeito das “matrículas” de escravos, foram duas, que seguiram à Lei do Ventre Livre e à Lei do Sexagenário, respectivamente em 1872-1873 e novamente em 1886-1887. Os donos de escravos de todo o Brasil foram obrigados por lei a registrar seus cativos, matriculá-los sob a pena de perdê-los caso não a fizesse. Ver: SLENES, Robert W. “O que Rui Barbosa não queimou: novas fontes para o estudo da escravidão no Século XIX”. In: *Estudos Econômicos*, 13, (1983): 117-149.

⁵¹Ver catálogos sobre Amargosa no Arquivo Público da Bahia.

⁵²Revista dos Municípios. Município de Amargosa. “A Rainha do Café”, 1926-1927, sem paginação.

empórios, com armazéns de exportação e importação⁵³. Elas constituíam dois ramos das elites amargosenses: uma proprietária de terra e outra comercial⁵⁴.

Quanto ao nome da cidade “Amargosa” parece haver concordância entre as fontes⁵⁵ que o território foi assim denominado pelos caçadores de diversas partes do Recôncavo que costumavam direcionar-se à região e por consequência saboreavam a carne amarga da pomba (*Patagioenas plúmbea*) popularmente conhecida como Pomba-Amargosa. Como nenhuma outra evidência histórica foi encontrada, considera-se aqui esta elaboração peculiar e coletiva sobre o nome da cidade de Amargosa. Assim, é recorrente aos moradores e memorialistas a justificativa de que o nome da cidade está relacionado diretamente a esta fábula, de tal modo que recorrem à expressão “Vamos às amargosas” atribuindo-a aos caçadores e primeiros moradores quando estes tiveram a necessidade de denominar o lugar ao qual se fixaram. Deste modo, fontes escritas e orais, em Amargosa, renovam este argumento ao recorrerem à história da denominação do município associada às pombas para igualmente assinalarem o lugar em que moram.

Nestas terras das “amargosas” as primeiras atividades econômicas foram de caráter extrativista e agrícola. Muitas culturas foram apontadas como desenvolvidas no início de sua formação e na primeira metade do século XX. Todavia, foram sem dúvida as culturas do café e do fumo as mais rentáveis ao município.⁵⁶ Foi a partir da crescente produção agrícola que se fez a criação de uma dinâmica econômica baseada na armazenagem e no escoamento dos referidos produtos. Neste contexto foi criado o ramal da Estrada de Ferro de Nazaré (EFN) em Amargosa, inaugurado em 17 de julho de 1892. A EFN integrou uma região que anterior a sua chegada estava mal articulada, além de efetivamente constituir uma via de comércio e exportação, agenciou trocas culturais e sociais. Fomentou ainda conjunturas territoriais importantes nos vales que por ela foram

⁵³NETO, Raul Lomanto, *op. cit.*

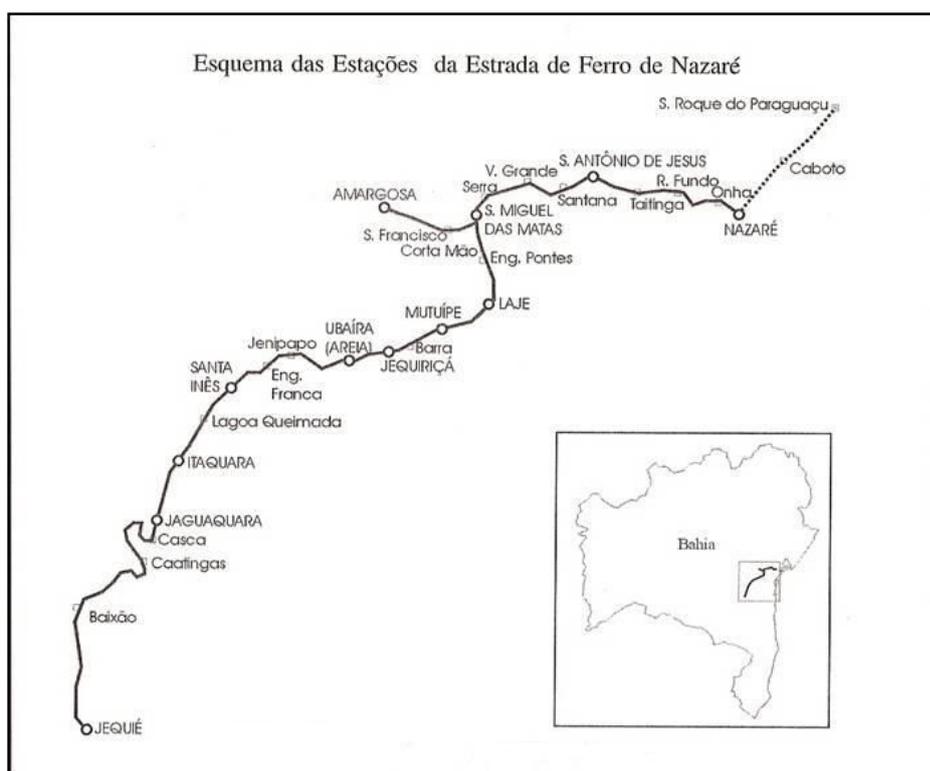
⁵⁴ZORZO, Antonio Francisco. Transporte e Desenvolvimento Urbano-regional: o caso de Amargosa e da Estrada de Ferro de Nazaré. In: Recôncavo da Bahia: educação, cultura e sociedade. Orgs. Luís Flávio R. Godinho, Fábio Josué S. Santos, autores, Maria de Azevedo Brandão [et. alia] -. Amargosa, Bahia: Ed. CIAN, 2007, 184p.:Il ; 21 cm -. (Reconvexo: 1).

⁵⁵As fontes que recorrem à história das Pombas-Amargosas para justificar o nome da cidade são: REZENDE, Gildeflá Costa. *et alia*. (Orgs.), *op. cit.*, p. 06. NETO, Raul Lomanto, *op. cit.* Emanuel Oliveira dos Santos (Sr. Nené), *op. cit.* Almanaque Sapucaia. Orgs. Neves, Márcia Luzia Cardoso.; Marques, Carla Tereza dos Santos.; Souza, Everton Hilo de. Amargosa: Sapucaia, 2008. Além de vários jornais que também reproduziram a lenda das Pombas Amargosas.

⁵⁶Revista dos Municípios. Município de Amargosa. “A Rainha do Café”, 1926-1927, sem paginação.

cortados: Jaguaripe, Jequiçá e de Contas. Por ter existido uma relação muito direta entre ferrovia e rede urbana, deixou a região marcadamente dependente da via férrea⁵⁷. O ramal da estrada de ferro de Nazaré em Amargosa⁵⁸ articulou o município às demais áreas sertanejas, sem, no entanto, deixar de estabelecer contatos dos mais diversos com as outras cidades do Recôncavo baiano.

Figura 02 - Esquema das Estações da Estrada de Ferro de Nazaré



Fonte: RFFSA. 4ª Divisão - Leste. Esquema Geral da Ex-estrada de Ferro de Nazaré. 1973. In: ZORZO, Francisco Antonio. *Ferrovia e Rede Urbana na Bahia: Doze Cidades Conectadas pela Ferrovia no Sul do Recôncavo e Sudoeste Baiano (1870-1930)*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001, p. 04. (Adaptado)

Amargosa passou a ser considerada “Bôca de sertão e ponta de trilho da Estrada de Ferro de Nazaré, que a ligava com Santo Antonio de Jesus, Nazaré e com o Recôncavo (...)”⁵⁹. Dos municípios que eram cortados pela Estrada de Ferro, Amargosa era o mais populoso⁶⁰. Talvez esse contingente populacional, aliado a questões políticas e

⁵⁷ZORZO, Antonio Francisco, *op. cit.*, 2007.

⁵⁸*Idem*, *op. cit.*, 2001.

⁵⁹SANTOS, Milton, *et alia.*, *op. cit.*.

⁶⁰Informações fornecidas pelo Agente Estatístico da cidade de Amargosa, Sr. Manoel Guimarães Passo, ao *Jornal Nova República* de 15 de março de 1955.

econômicas tenham sido bem relevantes para que o “curso normal” da Estrada de Ferro fosse interrompido pelo ramal de Amargosa, como evidencia o esquema acima (Fig. 02).

A “região de Amargosa” e suas representações

A atual Amargosa fica compreendida em uma região que é de transição da zona litorânea para o sertão baiano. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a divisão política do município consiste em vinte nove setores rurais que constituem três distritos: Diógenes Sampaio conhecido como “São Roque”, Jorge Sales conhecido como “Itachama” e Corta-Mão. A sede do município é dividida em doze setores e compreende nove bairros.⁶¹ O município de Amargosa limita-se atualmente com Elísio Medrado, Milagres, Brejões, Ubaíra, Laje e São Miguel das Matas. Segundo o último censo do IBGE, de 2007, Amargosa apresentava uma população de 33.554 (trinta e três mil quinhentos e cinquenta e quatro) habitantes. A maior parte de suas terras correspondente a áreas rurais.⁶²

Segundo Zorzo, Amargosa “era, singularmente, pertencente ao vale do Jequiriçá e ao mesmo tempo ao Recôncavo⁶³”. O município pertencia à micro-região denominada de Recôncavo Sul (Fig. 03), que compreendia 33 municípios. A partir do ano de 2007 passou a constituir, com a nova reterritorialização, efetuada pela Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, através da Conferência da Cultura, o Território de Identidade designado de “Vale do Jiquiriçá” (Fig. 04), que compreende 25 municípios⁶⁴.

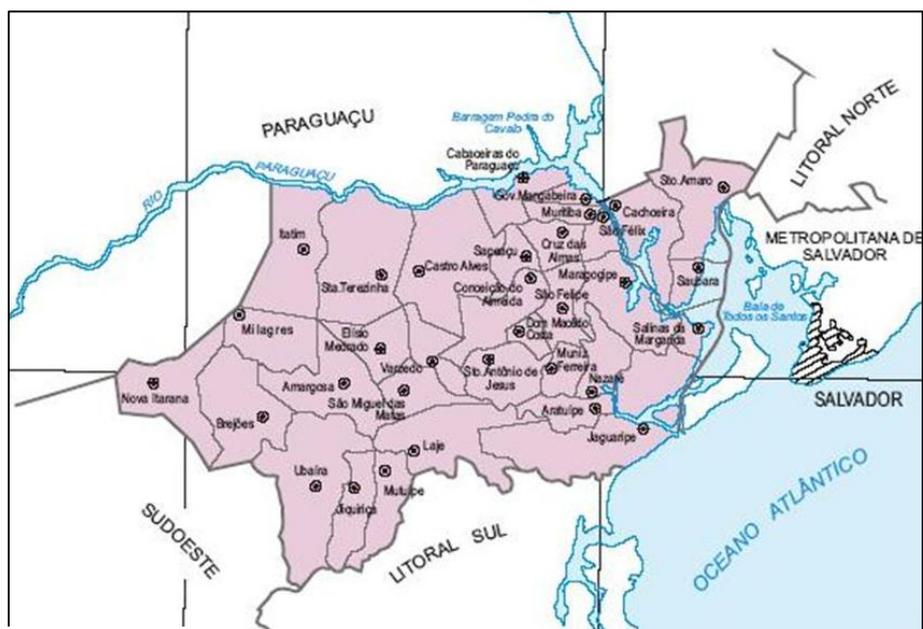
⁶¹Dados do Cf. IBGE 2000 citados por: SILVA, Graça Maria Magalhães da. *Vassouras que trazem a sobrevivência: História e Memória da Comunidade de Três Lagoas, Amargosa/BA*. Trabalho Monográfico de Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Santo Antonio de Jesus, 2007.

⁶²Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 21 de jul. 2009.

⁶³ZORZO, Antonio Francisco, *op. cit.* 2007, p. 93.

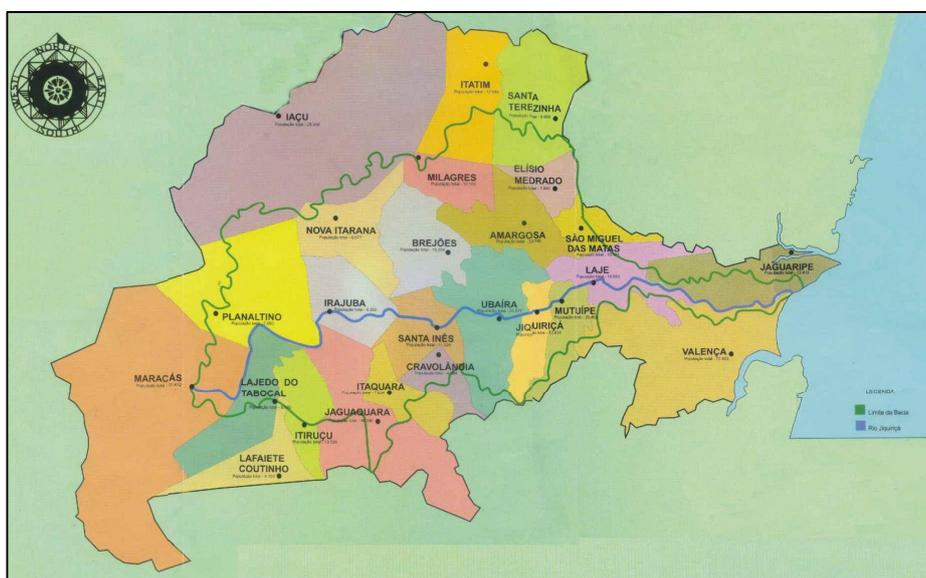
⁶⁴Dados disponíveis no site oficial da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia- SECULT, Superintendência de Cultura, SUDECULT. Ver Territórios Culturais de Identidade.

Figura 03 - MAPA DO RECÔNCAVO SUL DA BAHIA



Fonte: SEI

Figura 04 - MAPA DO VALE DO JIQUIRIÇÁ



Fonte: IBGE

A “Região de Amargosa”, como foi concebida por Milton Santos, compreendia a área de influência econômica do município. Foi inicialmente definida em função da convergência da produção agrícola de vasta área sertaneja para Amargosa. A importância de centro econômico foi alcançada graças à alta produtividade cafeeira, em destaque no

município desde meados do século XIX. Apesar da produção de outras culturas, como a mandioca e a cana-de-açúcar, ambas bem tradicionais no Recôncavo, foram o fumo e o café os produtos agrícolas comerciais mais bem sucedidos no município, sobretudo o café. Estes determinaram uma dinâmica econômica específica e seus reflexos ficaram visíveis nas paisagens rurais e urbanas. Amargosa tornou-se centro da região cafeeira e afirmou-se enquanto entreposto comercial para a região. No início do século XX, Amargosa era considerada “A Rainha do Café”⁶⁵, entretanto, ficou conhecida, já em finais do século XIX e nas primeiras quatro décadas do XX, como “A Pequena São Paulo”. Tal comparação é demonstrativa da importância que a cultura cafeeira teve no município. O café foi uma cultura economicamente forte, desenvolvida por fazendeiros abastados, que se utilizavam da mão-de-obra inicialmente escrava, depois do pequeno lavrador, colonos e agregados, e destinada à exportação. Para atender a demanda agrícola, existiram os armazéns compradores, assim como de escolha, enfardamento e exportação.

Já em 1897, uma grande fábrica de charutos instalou-se dentro da cidade, além de uma máquina de beneficiamento de café.⁶⁶ No início da década de 1910, além de lojas, empórios, farmácias e padarias, Amargosa já contava com 14 armazéns de compras de café e fumo, além de 50 casas retalistas e grossistas e demais estabelecimentos, dentre estes podem ser citados:

Tude, Irmão & Cia. Mario Muricy Santa’Anna, Arnupho Rebouças, Euthychio de Lemos, Almachio Ribeiro Gonçalves e Scaldaferrri Irmãos; no ramo de fazendas destacam-se: Aurelino Barros Almeida, Affonso de Mello Pitta, Dantas & Dias, Ricardo Britto, com uma das mais bem montadas alfaiatarias do interior. Dentre as varias casas de molhados chamamos a atenção do leitor para ‘O Brasileiro’, grande empório, de propriedade do Snr. Aloysio João de Wasconcellos. A tradição do comercio de Amargosa vem desde os tempos em que existia na cidade o grande estabelecimento do Snr. Pedro Calmon Freire Bittencourt, a casa de maior movimento da Zona, e talvez mais importante do interior do Estado naquella época, porque as suas transações attingiam a milhares de contos de reis mensalmente.⁶⁷

Em 1923, funcionavam três fábricas que processavam o fumo e duas torrefadoras de café. Em 1934, existiam quatro armazéns de beneficiamento do café, dois destes dedicavam-se também ao fumo, além de uma usina de beneficiamento do Departamento

⁶⁵Revista dos Municípios. Município de Amargosa. “A Rainha do Café”, 1926-1927, sem paginação.

⁶⁶SANTOS, Milton. *et alia.*, *op. cit.*

⁶⁷Revista dos Municípios. Município de Amargosa. “A Rainha do Café”, 1926-1927, sem paginação.

Nacional do Café, que nunca chegou a funcionar.⁶⁸ O Sr. Pedro Calmon Freire Bittencourt, pai do historiador, professor, literato e político Pedro Calmon Muniz de Bittencourt⁶⁹, estabelecera-se como negociante na Região de Amargosa em 1877, e foi um dos comerciantes de maior destaque no município. Seu estabelecimento era realmente um dos mais importantes da cidade – a “Casa Paris na América”, como era denominada, emitia vales que circulavam como “moeda local”, pois apresentavam valor de troca. Pedro Calmon Freire Bittencourt, segundo informações do seu filho em entrevista ao jornal A Tarde, chegou a ser o empresário que mais pagou imposto em todo o interior da Bahia⁷⁰.

Em função da alta produção de café e fumo, bem como da intensa atividade comercial, alguns pontos centrais da cidade funcionavam como espaços de trocas e de trocas, como a Praça da Estação, atual “Praça do Bosque”, onde estava localizada a Estação de Trem. As primeiras décadas do século passado foram marcadas pela preocupação constante de se criar meios de transporte que dessem sustentação à demanda comercial existente em Amargosa e proveniente dos municípios vizinhos de “Breijões, São Miguel das Matas, Monte Cruzeiro, Areia, Nova Lage, Jequiriçá, Mutuype e Maracás.”⁷¹

Na segunda metade da década de 1920, a principal preocupação do Sr. Antonio Espinheira, Intendente Municipal, “auxiliado pela patriótica iniciativa de particulares”, era a construção de Estradas de Rodagem. O município já contava com a estrada de rodagem que, segundo a Revista dos Municípios, levava às “grandes povoações” de “Tartaruga, Milagres, Lugêdo Alto e Veados.” Outra rodovia, estava por ser construída, e dirigia-se para o arraial de São Roque, até alcançar a Rodovia de Tapera e, enfim, a Estrada de Ferro Central da Bahia.

Estas iniciativas estavam atreladas a um forte ideal de desenvolvimento porque “os grandes surtos de progresso de uma localidade agricultora, está devéras dependendo

⁶⁸SANTOS, Milton. *et alia., op. cit.*

⁶⁹Ver: LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. A Rainha Destronada: Discursos das Elites sobre as Grandezas e os Infortúnios da Bahia nas Primeiras Décadas Republicanas. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. São Paulo, 2005.

⁷⁰Jorge Calmon, filho de Pedro Calmon Freire Bittencourt, em entrevista ao Jornal A Tarde, 19 de junho de 1991.

⁷¹Revista dos Municípios. Município de Amargosa. “A Rainha do Café”, 1926-1927, sem paginação.

do maior numero possível de meios de transporte”⁷². A duplicidade de meios de transportes, com a construção de estradas de rodagem direcionadas à Linha Férrea Central da Bahia, corresponderia, segundo as expectativas regionais, a uma resposta ao aumento das cifras de exportação. As estradas de Rodagem, segundo a Revista dos Municípios, estavam para um país assim como as artérias para o corpo humano, as primeiras levando sangue novo ao coração, e a segunda, ao cortarem o país, levavam a civilização e o desenvolvimento⁷³.

Atrelada a esta dinâmica econômica estava a “Linha Federal”, como era chamado o trecho até Amargosa da EFN, já que o financiamento e concessão deste trecho foram de responsabilidade do governo nacional. Em 1926 a Assembléia Legislativa transferiu o contrato da Companhia Estrada de Ferro de Nazaré para a Companhia Viação Sudoeste da Bahia, que em sua extensão máxima estabeleceu diretamente a conexão entre doze cidades localizadas no Sul do Recôncavo e Sudoeste Baiano (Fig. 02, p. 32). Francisco Antonio Zorzo definiu a história desta estrada de Ferro em duas etapas: a primeira de 1871 a 1906, em que a mesma era administrada pela iniciativa privada e os contratos giravam em torno do nome Tram Road de Nazareth; e uma segunda etapa que se iniciou em 1906, quando a Estrada de Ferro passou ao domínio estatal e em duas ocasiões chegou a ser arrendada a firmas particulares.⁷⁴

Em sua fase inicial foram definidos os primeiros arranjos empresariais e territoriais do empreendimento, que sem dúvida envolveram muitas questões políticas. Zorzo assinala o fato de que comerciantes de Nazaré, que compunham uma elite capitalizada, teriam incentivado o surgimento da EFN. A quase totalidade do café escoado por Nazaré, segundo dados apresentados por Milton Santos, era proveniente de Amargosa⁷⁵.

Tamanho era a representatividade da cultura cafeeira, que a Revista dos Municípios, a mesma que apresentou Amargosa como a “Rainha do Café”, cantou a sua grandiosidade,

Poesias que lhe cantassem as bellezas; tellas que reproduzissem as paysagens de sua opulenta vegetação, nada disso traduziria a grandeza do espectáculo que

⁷²Revista dos Municípios. Município de Amargosa. “A Rainha do Café”, 1926-1927, sem paginação.

⁷³*Ibidem*.

⁷⁴ZORZO, Francisco Antonio, *op. cit.*, 2001.

⁷⁵SANTOS, Milton. *et alia.*, *op. cit.*

observamos, sem saber o que de mais bello podessemos admirar – se todo aquele festival da verde ramaria em flor embalsamada de mysticos perfumes ou se a phantasia das cores que no momento bordava a concha azul do infinito.⁷⁶

O espetáculo da “ramaria em flor embalsamada de mysticos perfumes” dos cafeeiros, cantada na década de 1920, cederá lugar, na década de 1960, à surpresa para Milton Santos e uma equipe de treze geógrafos, do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia. O autor, na introdução, direcionou o que denominou de ponto de vista empírico e científico para designar a região de Amargosa como “(...) rodeada por áreas mais dinâmicas, contagiadas pelo ritmo de vida da sociedade industrial contemporânea, uma região que tentamos crismar como sendo uma *ilha de inércia ou uma ilha de arcaísmo*”⁷⁷. Tal surpresa deveu-se ao contraste notado entre aquilo que tinham ouvido falar, de uma riqueza regional, e o que realmente constataram em visita à antiga zona do café: para que os cafeeiros fossem vistos pela equipe, tiveram que recorrer à ajuda de “guias advertidos”⁷⁸.

O reinado cafeeiro na “Pequena São Paulo” perdurou de 1891, data de sua elevação à categoria de cidade, até aproximadamente 1937, quando a lavoura cafeeira começou a se desestruturar no município. Porém, neste período de esplendor econômico das “verdes ramarias” a cidade passou por remodelamento de alguns dos seus aspectos urbanos.⁷⁹ Theodomiro Jordão, memorialista amargosense, recordou com saudosismo alguns aspectos da vida amargosense em princípios do século XX e questionou a Amargosa decadente do seu tempo, 1949.

Dessa época feliz, dessa quadra ditosa, dessa fase de vida e de progresso, *que resta ali, na minha estremecida Amargosa?* Vetustos prédios de construção arcaica, um casario inestético e secular, coevo dos primeiros habitantes e a saudade dos tempos idos torturando o coração de minha gente!⁸⁰

Aliado à decadência da lavoura cafeeira no município e às transformações agrárias da região, desde o final de 1930, aconteceu em 04 de março de 1966, o “Projeto de Erradicação dos Trilhos”⁸¹. Após períodos de crise e de concorrência com as estradas de

⁷⁶Revista dos Municípios. Município de Amargosa. “A Rainha do Café”, 1926-1927, sem paginação.

⁷⁷SANTOS, Milton. *et alia.*, *op. cit.*, p. 34. (Grifo nosso)

⁷⁸*Ibidem* para as expressões entre aspas.

⁷⁹*Ibidem*.

⁸⁰Theodomiro Jordão, *op. cit.*, p. 28. (Grifo nosso)

⁸¹ZORZO, Francisco Antonio, *op. cit.*, 2001.

rodagem, chega ao fim o ramal da EFN em Amargosa. As estradas de rodagem, tão desejadas a princípio, tornaram-se desnecessárias ao objetivo primeiro: escoar a produção de café e fumo destinada à exportação.

A cidade, antes centro regional, encontrava-se decadente. Os grandes eixos rodoviários que correspondiam a Rio-Bahia (BR-4) limitando-se a oeste, e o outro a Rio-Bahia Litorânea limitando-se a leste, apresentavam precariedades; o primeiro por limitar-se às faixas “marginais” e o segundo ainda em fase de construção. Todavia, era este sistema rodoviário precário e a função de empório exercida por Amargosa em relação a sua região que constituíam os principais fatores que ainda lhe davam determinada importância regional.⁸² Porém, Milton Santos alertava para o fim da área de influência de Amargosa, o fim da “região de Amargosa”, dividida entre Feira de Santana, Jequié ou Santo Antonio de Jesus, centros mais dinâmicos e nervosos, caso não fossem criadas condições imediatas para reter e aplicar a economia regional.

A própria cidade de Amargosa, cabeça da região, salvo algumas casas “coquettes”, onde despontam antenas de televisão, parece ter parado em um dado momento glorioso de sua história, ainda visível pelos belos casarões que enfeitam a sua paisagem outrora senhoril. Mas a verdade é que os sinais de uma decadência galopante podem ser sentidos, vistos e medidos, num contato menos superficial com a aglomeração. Sob certos aspectos, *dá até a impressão de que tal desânimo já se incorporou à mentalidade local*, tão reduzidos nos pareceram os esforços para obter melhoria, a não serem pequeninas exigências da vida moderna.⁸³

A decadência era visível na percepção de Milton Santos, restando a impressão de que o desânimo, fruto da decadência econômica do município, já havia se incorporado à “mentalidade local”. Contudo, Robson Lins, ao tomar como base para a sua pesquisa de mestrado o relatório elaborado por Milton Santos e equipe em 1963, com o objetivo de recuperar suas contribuições, definiu quatro fases que caracterizaram a região de Amargosa. A primeira denominou Gênese Regional, a segunda Consolidação Regional, a terceira “Ilha de Inércia” e apontou uma quarta denominando-a de Reestruturação Regional⁸⁴. Desta forma o desânimo que parecia a Milton Santos, em 1963, incorporado à

⁸²SANTOS, Milton. *et alia.*, *op. cit.*

⁸³*Ibidem*, p. 35. (Grifo nosso)

⁸⁴LINS, Robson Oliveira, *op. cit.*

mentalidade local, na perspectiva de Lins se transformou em Reestruturação Regional iniciada na década de 1970.

A economia amargosense passou de um modelo agroexportador, no qual o principal produto era o café, para uma economia baseada na pecuária e que acentuava a concentração de terras. No fim da década de 1970, os programas nacionais de crédito rural, principalmente os empreendidos pelo Banco do Brasil, financiaram a instalação definitiva da pecuária leiteira no município⁸⁵.

Em 1978 ocorreu a inauguração da Cooperativa Agropecuária de Amargosa (COAMAR) cujos membros eram fazendeiros de influência econômica e política no município. Elson Bitencourt citou em sua pesquisa, a mensagem de abertura do então Sr. Prefeito João Ângelo, em uma revista publicada por ocasião da inauguração da Referida Cooperativa, para chamar atenção à distância existente entre os dois termos contidos em “Agropecuária”. Assim como a mensagem de abertura, o texto geral da revista deu ênfase aos pecuaristas da região em detrimento dos pequenos e médios produtores rurais, ou mesmo a representatividade de suas produções agrícolas⁸⁶. Os pequenos e médios produtores, bem como meeiros e rendeiros, tiveram a migração como válvula de escape. Os primeiros motivados pela falta de crédito rural, baixos financiamentos, os outros para aliviar a tensão motivada, sobretudo, pelas péssimas condições de trabalho.

Esta migração da população ativa se deu para São Paulo e Norte do Paraná, permanecendo apenas velhos, mulheres e crianças. Na análise de Milton Santos, “Cafeeiros arrancados eram substituídos por capim, enquanto o gado tomava o lugar das pessoas, empurradas para São Paulo e para o Paraná, para Salvador ou para os pontas de rua de Amargosa e outros centros, onde é comum vê-los com a mão estendida, à espera de uma esmola”⁸⁷. As áreas rurais, inclinando-se à concentração de terras, além do despovoamento da região, afetaram o contingente populacional e as condições sociais das áreas urbanas, gerando graves problemas econômicos e sociais e também outras modificações no espaço urbano.

⁸⁵SANTOS, Milton, *et alia.*, *op. cit.*

⁸⁶BITENCOURT, Elson. *A cultura da mandioca em Amargosa (1960-1990): o plantar e o colher imbricados ao viver de homens e mulheres “da roça”*. Trabalho Monográfico de Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Santo Antonio de Jesus, 2006.

⁸⁷SANTOS, Milton. *et alia.*, *op. cit.*, p. 38.

1.2 “O GRAU DE CIVILISAÇÃO DE UM POVO...”

Em relação às modificações urbanas no município de Amargosa, teve-se acesso a duas fontes que permitiram um relativo conhecimento acerca destes remodelamentos e “melhoramentos” materiais, na primeira metade do século passado. A primeira trata-se de duas edições da Revista dos Municípios⁸⁸ relacionadas ao período de administração do Intendente Antonio Coimbra Espinheira que foi de 1926 a 1929. A segunda é um Auto de Defesa⁸⁹ do prefeito Raul Paranhos, que administrou a cidade de 1938 a 1944. O auto de defesa contém além das noventa e cinco páginas de processo mais de cem anexos e fotografias, em que o mesmo responde a vinte e sete itens de acusação relacionados a quase todo o período de sua administração, 1938-1943. As acusações se iniciaram em seu primeiro ano de gestão quando alguns “cidadãos de representação social” solicitaram por meio de uma carta aberta ao jornal “Diário de Notícias” uma sindicância na administração de Amargosa, “em virtude de certa propaganda de imaginárias realizações⁹⁰”.

No início do século XX o sítio urbano amargosense visava atender especialmente às elites formadas em função das atividades cafeeira e fumageira no município. A cidade, ocupando o centro de uma região agroexportadora, estava vulnerável a mudanças de toda ordem. Neste sentido, foi preciso forjar espaços que assegurassem a “civilização” do povo amargosense.

O grau de civilização de um povo hoje em dia, aquilata-se pelo numero de suas escolas e instituições outras de subitito valor moral e social, taes como: Hospital, sociedades beneficentes, recreativas e literárias, Theatro ou cinema, agencias de bancos, Caixa Rural, telegrapho, Correio, hotéis, bem como automobilismo, com bôas estradas de rodagem, que se encaminhem para centros produtores. *Tudo isto possue, mercê de Deus, a rainha do café bahiano.*⁹¹

⁸⁸Revista dos Municípios. Município de Amargosa. “A Rainha do Café”, 1926-1927, sem paginação. Revista dos Municípios. “Amargosa”, 1928-1929, sem paginação.

⁸⁹Fundo/Grupo: Secretaria de Justiça/Gabinete. Séries/Livro: Representação contra o prefeito de Amargosa (fotografias). Auto de Defesa do Prefeito da cidade de Amargosa. Datas-limite: 1943. Constam 95 páginas, além de anexos sobre a administração do Prefeito Raul Paranhos que neste auto responde a 27 itens de acusação.

⁹⁰*Ibidem.*

⁹¹Revista dos Municípios. Município de Amargosa. “A Rainha do Café”, 1926-1927, sem paginação.

Na segunda metade da década de 1920, Amargosa contava com uma área urbana bastante diversificada em serviços e computava pouco mais de duas mil e quinhentas casas de “bella e variada construcção”⁹².

Além das instituições de “subito valor moral e social” que Amargosa parecia possuir, a cidade se propôs a apresentar outros meios que assegurassem “o grau de civilização de um povo”. Na administração de Antonio Espinheira, por exemplo, foi construído o “Matadouro Modelo”, e realizado o remodelamento dos passeios de praças e das ruas do Ribeirão, dos Artistas, Santa Izabel, e Marquez do Herval. Paralelamente a esta reforma de passeios, se deu a arborização de algumas ruas e, por fim, a inauguração da iluminação pública à eletricidade.

No início da década de 1930 alguns outros espaços de sociabilidades passaram a se configurar. Assim, na administração do Sr. Lourival Monte, 1932-1936, a antiga Praça Manoel Victorino, aparentemente um espaço vazio (Fig. 05), destinado às tropas, circos e touradas, se transformou numa Praça em estilo neoclássico, de mesmo nome do criador. A construção foi uma forma de ressarcir um débito municipal da prefeitura junto ao Governo do Estado. Iniciada em 1932 e finalizada em 1934, a Praça Lourival Monte passou a ser conhecida como “Jardim da Igreja”, tendo em vista que a Matriz da Igreja Católica, também em estilo neoclássico, iniciada em 1917 e inaugurada em 1936, está localizada em uma das laterais da Praça⁹³.

⁹²Revista dos Municípios. Município de Amargosa. “A Rainha do Café”, 1926-1927, sem paginação.

⁹³Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, *op. cit.*, p. 31.

Figura 05 - Praça Manoel Victorino



Fonte: Acervo digital da Prefeitura Municipal de Amargosa. Anterior a 1932.

Figura 06 - Jardim Dr. Lourival Monte



Fonte: Acervo digital da Prefeitura Municipal de Amargosa. Datação, 1943.

A Praça Lourival Monte ganhou visibilidade no Estado da Bahia, por sua estética, sendo considerada, pela Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, como “a mais bonita do interior baiano⁹⁴”. Ela transformou-se em um espaço único de lazer para os cidadãos, pois comemorações das mais diversas passaram a ser realizadas em torno do Coreto, ao centro da praça. Em dezoito de abril de 1942 um folheto intitulado “Aos Brasileiros de

⁹⁴Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, *op. cit.*, p. 31.

Amargosa” convidava os cidadãos amargosenses para uma missa a ser realizada na matriz em homenagem a data natalícia do “valoroso pioneiro da democracia Sul-Americana”, Getúlio Vargas. As comemorações tiveram a praça como ponto de concentração e as homenagens aconteceram ao som de hinos patrióticos entoados pelas “Philarmônicas Lyra Carlos Gomes e 15 de Abril” onde também foram pronunciadas “vibrantes orações cívicas por vários oradores⁹⁵”. Fossem apresentações cívicas ou religiosas, a Praça Lourival Monte passou a ser ponto de culminância dos mais diversos acontecimentos da cidade (Fig. 06, p. 43).

Sabe-se que para atender à demanda das elites cafeeira e comercial muitos dos remodelamentos estavam pautados em princípios modernos e civilizatórios. O Jardim Lourival Monte foi uma das realizações datadas deste período, mas não foi a única. A partir de 1938, com a administração do Sr. Raul Paranhos, a cidade passou por mudanças em sua estrutura. Na Praça Cônego Francolino, onde foi erigida a primeira igreja de Amargosa, demolida no governo de Lourival Monte, foi construída uma réplica do Cristo Redentor do Rio. A partir de então, a praça ficou popularmente conhecida por “Praça do Cristo”. No Jardim Lourival Monte foi construído um obelisco todo em granito no ano de 1940, com uma placa em homenagem póstuma a Lourival Monte, pelo traço “magnífico e indelével da administração⁹⁶”, no caso o Jardim. Calçamentos, pontes em áreas rurais, restauração do prédio escolar Almeida Sampaio, criação da biblioteca Municipal de Amargosa, além da construção de três estradas de rodagem, as duas primeiras ligando Amargosa aos municípios de São Miguel e Brejões e a terceira aos distritos de Tartaruga e Milagres, foram obras arroladas no auto de defesa do Sr. Raul Paranhos.

Todavia, as práticas mais polêmicas da administração do referido prefeito foram as desapropriações ocorridas nos anos de 1941 e 1942, quando o Executivo de Amargosa desapropriou cinco prédios pertencentes à Santa Casa de Misericórdia, situados a Rua Moreira Coelho, no centro urbano, além de também terem sido demolidas de propriedades do Sr. A. T. casas na Rua Tiradentes. A ordem era corte, demolição e reconstrução dos “velhos pardieiros condenados pela higiene e utilidade pública”. Para

⁹⁵Fundo/Grupo: Secretaria de Justiça/Gabinete. Séries/Livro: Representação contra o prefeito de Amargosa (fotografias). Auto de Defesa do Prefeito da cidade de Amargosa. Datas-limite: 1943. Constam 95 páginas, além de anexos sobre a administração do Prefeito Raul Paranhos que neste auto, responde a 27 itens de acusação.

⁹⁶Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, *op. cit.*, p. 31.

que passassem a obedecer ao estilo moderno prezando pela “boa estética, alinhamento e alargamento das ruas”. A substituição destas casas por “bungalows” deveria atender a “renovação da mentalidade popular e da mentalidade social”. A sustentação para determinadas desapropriações estava, segundo o prefeito, na Carta Constitucional de 1937 que “sublinha com energia o caráter social da propriedade”⁹⁷.

Em 1942, O jornal “Cidade do Salvador”, de 01 de setembro, cantava as maravilhas da administração do Sr. Prefeito Raul Paranhos. Ressaltava o asseio e alinhamento das avenidas da cidade, primeiro dando destaque a aquisição pela prefeitura de carroças e de um caminhão para a coleta do lixo, depois afirmando que “Suas lindas avenidas caprichosamente alinhadas, com sua arborização frondosa, fazem o visitante ficar encantado, julgando mesmo estar em uma grande metrópole.”⁹⁸ As fotografias anexas ao Auto de Defesa do Sr. Raul Paranhos, trazem comentários datilografados. Muitos destes chamam atenção aos aspectos de asseio e higiene dos cenários urbanos representados, como o fragmento que acompanha uma das fotografias do processo: “Observe-se a poda e asseio impecáveis”.

Figura 07 - “Observe-se a poda e asseio impecáveis”



Fonte: Acervo digital da Prefeitura Municipal de Amargosa. De acordo com o auto de defesa de Raul Lomanto, esta fotografia data de 1942.

⁹⁷Todos os trechos entre aspas deste parágrafo são do Auto de defesa do Sr. Raul Paranhos: Fundo/Grupo: Secretaria de Justiça/Gabinete. Séries/Livro: Representação contra o prefeito de Amargosa (fotografias). Auto de Defesa do Prefeito da cidade de Amargosa. Datas-limite: 1943 Constam 95 páginas, além de anexos sobre a administração do Prefeito Raul Paranhos que neste auto, responde a 27 itens de acusação.

⁹⁸Jornal Cidade do Salvador, 01 de setembro de 1942.

Ruas retilíneas, limpas, árvores bem podadas e alinhadas, eram representações desejáveis e divulgáveis nas décadas de 1930 e 1940. Estas representações da cidade de Amargosa perduraram até o final da década de 1950, quando a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros discorreu sobre os seus aspectos urbanos, “suas ruas bem delineadas, sendo as principais arborizadas. É das mais belas cidades do interior do Estado”⁹⁹.

No ano de 1952, quando à frente da administração municipal se encontrava o Sr. José Viana Sampaio (1951-1954), a Praça da Estação passou por uma reforma. Era conhecida por este nome por nela localizar-se a Estação de Trem, mas após a reforma passou a chamar-se “Praça da Bandeira”. A mesma foi um espaço caracterizado por embarques e desembarques tanto de passageiros quanto de cargas, de convergências do campo com a cidade, de tropas, barganhas e comércio¹⁰⁰ (Fig. 08). As funções eram aparentemente bem definidas, porém, a partir de 1940, quando o município entrou em processo de decadência, restou encontrar novas funções aos espaços cada vez mais vazios, sem café, fumo ou tropeiros. Por isso que em 1952 a “Praça da Estação” começou a ganhar contornos mais característicos de uma praça (Fig. 09), mas quando as árvores cresceram o espaço se consagrou enquanto Praça do Bosque.

Figura 08 - “Praça da Estação”



Fonte: Acervo digital da Prefeitura Municipal de Amargosa. Atribuída a 1920.

⁹⁹Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, *op. cit.*, p. 31.

¹⁰⁰Emanuel Oliveira dos Santos (Sr. Nené), *op. cit.*

Figura 09 - “Praça da Estação” remodelada



Fonte: Acervo digital da Prefeitura Municipal de Amargosa, 1952.

Alguns destes “espaços vazios” transformaram-se em espaços de lazer, em jardins, em praças, em bosque. Para Lins, o acúmulo de capital proveniente da produção cafeeira possibilitou o “remodelamento paisagístico da cidade, com incremento da sua infraestrutura – praças, ruas, avenidas – dentro da proposta paisagística de Cidade-Jardim, em voga na Inglaterra no início do séc. XX”¹⁰¹. Todavia, Lins concluiu que o conceito de Cidade-Jardim, que de modo sintético refere-se a um esquema teórico de uma cidade planejada nos princípios de autonomia, gestão comunitária, sustentabilidade, desenho urbano-paisagístico e concentração de áreas verdes, no caso específico de Amargosa se distanciou do conceito original no plano administrativo. Aí se limitou ao ornamento urbano, caracterizado pela criação de praças e jardins, pelos casarões em estilo neocolonial que ocupam a área central, avenidas arborizadas com calçadas ornamentadas, e concentração de áreas verdes¹⁰².

Com o desencadear dos anos Amargosa passou a ser considerada a “Cidade Jardim”, mas esta identificação é relativamente recente. De finais da década de 1920 foram encontradas menções às “praças de bellissimo aspecto”; nas décadas de 1930 e 1940 a cidade passou por “remodelamentos urbanos”; seguiu as décadas de 1950 readaptando seus espaços e praças; porém, até a década de 1970, não foram encontradas fontes que se referissem a Amargosa como a “Cidade Jardim”.

¹⁰¹LINS, Robson Oliveira, *op. cit.*, p. 76.

¹⁰²*Ibidem*.

Com exceção da Praça Lourival Monte, que data de 1934, as outras praças e jardins funcionavam como espaços de comércio, lazer, de convivência e sociabilidades, mas não eram jardins. Até a década de 1990 a “Praça do Cristo” era ocupada pela feira livre, e nada mais além do Cristo e do calçamento existiam. O bosque até a década de 1950 era um espaço destinado às tropas, embarques e desembarques de mercadorias e pessoas. A preocupação com o espaço público de lazer existia, porém a construção da “Cidade Jardim”, mais do que ser proveniente de uma política de planejamento bem estruturada parece ter sido fruto de iniciativas circunstanciais no tempo. Com o passar das décadas o que houve foi uma especialização dos espaços públicos, espaços passaram a ser destinados apenas ao lazer e outros apenas às atividades econômicas e comerciais, mas tudo de modo processual.

Porém, a estagnação econômica não representou estagnação política. Tendo em vista que em 1941, com esforços de autoridades locais, coronéis, pessoas de destaque da cidade, setores organizados e um grande número de fiéis, foi criada a Diocese de Amargosa, a sexta do Estado da Bahia, que preservou a cidade no lugar de centro regional, agora no campo religioso. A criação da Diocese garantiu grandes benefícios na área educacional¹⁰³. Em 1944 foi criado o Seminário, pelo Bispo Diocesano D. Florêncio Sisínio Vieira. Além de permitir a formação dos futuros clérigos, este foi um espaço privilegiado em meados do século XX para a escolarização masculina na região¹⁰⁴. Também foi fundado o Ginásio Santa Bernadete, dirigido pelas religiosas do Santíssimo Sacramento, que iniciou as aulas em 1946 com o curso primário. Em 1948 foi introduzido o curso ginásial e em 1953, o Curso Pedagógico. No ano de 1960 foi extinto o curso primário, permanecendo então o curso de admissão, o ginásio e o pedagógico¹⁰⁵. No ano de 1953, foi fundado o Seminário Menor da Imaculada Conceição e, em 1956, a Escola Paroquial. Em 1958, anexo ao Santa Bernadete, foi criada a Escola Nossa Senhora de Lourdes, com o objetivo de atender às crianças (meninas) carentes de Amargosa. No ano de 1970, o colégio Santa Bernadete, na iminência de fechar, realizou uma campanha na

¹⁰³SILVA, Miguel José da. *Educação da Rainha do Lar: Um estudo sobre a formação das mulheres no Ginásio Santa Bernadete em Amargosa - 1946-1973*. Trabalho Monográfico de Especialização em História Regional. Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Santo Antonio de Jesus, 2006.

¹⁰⁴*Ibidem*.

¹⁰⁵SANTOS, Milton, *et alia.*, *op. cit.* SILVA, Miguel José da, *op. cit.*

cidade, conseguindo apoio para disponibilizar bolsas de estudo, sendo estadualizado no ano de 1974¹⁰⁶.

Ainda nas décadas de 1960 e 1970 a Igreja Católica exerceu grande influência na Região de Amargosa, através das CEB's - Comunidades Eclesiais de Base e do Movimento de Educação de Base (MEB)¹⁰⁷, criado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1961, quando as estatísticas apontavam que 70% da população rural brasileira compunham-se de analfabetos. A Diocese de Amargosa, que comportava trinta e uma cidades, foi contemplada em 1973 com a única destas unidades do MEB na Bahia, que funcionou nos exatos posteriores trinta anos, quando foi extinta pelo Governo Federal.¹⁰⁸ A atuação política da Diocese, no que concerne a educação no município, foi significativa.

Além do Ginásio Santa Bernadete, a cidade ainda contava com a Escola Técnica de Comércio de Amargosa, ou Escola Comercial de Amargosa, particular, que foi fundada em 1957 sob a iniciativa da Associação Educacional de Amargosa, criada um ano antes por ação de algumas autoridades religiosas e políticas locais.¹⁰⁹ No início da década de 1960, a então Escola Técnica de Comércio de Amargosa passou a Ginásio Estadual Pedro Calmon¹¹⁰.

Se nas primeiras décadas do século XX Amargosa possuía escolas e instituições apresentadas pela Revista dos Municípios como de “súbito valor moral e social”¹¹¹ a conferir o título de civilizada, para Milton Santos, na década de 1960, “Exceto no setor educacional, onde algumas iniciativas individuais tiveram êxito, os elementos de convivência civilizada e moderna praticamente se ausentam.”¹¹² O autor não deixou de relatar sobre uma rede escolar deficiente, principalmente na zona rural, onde a relação

¹⁰⁶ REZENDE, Gildeflá Costa. *et alia.* (Orgs.), *op. cit.*

¹⁰⁷ Em 1961 o então presidente da república, Jânio Quadros, criou oficialmente o MEB, que deveria atuar diretamente junto às populações carentes dos interiores e ao homem do campo, com programas de alfabetização para jovens e adultos. O Governo Federal se comprometeu a fornecer os recursos necessários para execução de programas que promovessem a Educação de Base através de escolas radiofônicas, com recepção organizada por meio da rede de emissoras concedida pela CNBB, nas áreas subdesenvolvidas do país.

¹⁰⁸ SANTO, Joseane do Espirito. *O MEB e os Movimentos Populares de Caráter Reivindicatório - Amargosa, 1980 -1990*. Trabalho Monográfico de Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Santo Antonio de Jesus, 2006.

¹⁰⁹ SILVA, Miguel José da, *op. cit.*

¹¹⁰ SANTOS, Milton, *et. alia*, *op. cit.*

¹¹¹ Revista dos Municípios. Município de Amargosa. “A Rainha do Café”, 1926-1927, sem paginação.

¹¹² SANTOS, Milton, *et. alia.*, *op. cit.*

de trabalho e o baixo nível de vida do grande percentual da população, além de outros fatores, foram os responsáveis pelo aumento do índice de analfabetismo na cidade que era, em 1940, de 67.53%, passando em 1950 para 73.49%.

Quanto aos periódicos que circularam pela cidade, na Revista intitulada “Amargosa Centenária”, publicada na ocasião da comemoração do centenário, há uma relação de 40 títulos, entre revistas e jornais, que foram editados entre 1884 até a década de 1950. Duas imagens dos jornais “Nova República”, datado de 1955, e do jornal “O Tanjo”, do início do século XX, acompanham a edição da revista¹¹³. Dos vários títulos de periódicos mencionados, apenas poucos exemplares foram localizados, alguns relativos ao “Nova República”, em guarda da família do Sr. Angelysio Borges; alguns números do “Echo Amargoense” e “Cidade de Amargosa”, que estão disponíveis na Biblioteca Nacional; e microfilmes de números do “A Evolução”, “O Popular” e o “Echo Amargoense”, localizados no Arquivo Público da Bahia (APB). Os jornais além de apresentarem informações *da* própria cidade, traziam informações *para a* cidade.

Em relação aos espaços de lazer, Amargosa contou com o “Theatro Variedades”, inaugurado em 1893, estava localizado à Rua do Curiaxito, posteriormente denominada Rua Moreira Coelho, nome do fundador do “Variedades”. Theodomiro Jordão, memorialista amargosense, se referiu com saudosismo a uma realidade próspera presidida pela lavoura cafeeira e por ele vivenciada no início do século XX. O “Variedades”, com a vinda do “Bioscope Inglês”, passou também a funcionar como cinema. Jordão relatou sobre a chegada do “primeiro cinema que minha terra viu: o Bioscope Inglês, em 1903 [...]”:

Naqueles tempos tão distantes, quando o meu berço tinha vida e sua lavoura ainda era notável [...] Que de reboliço, de agitação, de frenesi, naquele paraíso! Que de alegria entre a gurizada, quando trepidou ali o primeiro motor, quando as lâmpadas eléctricas, como no *fiat* do “Gênesis”, iluminaram a fachada do teatrinho da Rua do Curiaxito! E em a noite da estréia, meus sisudos *patrícios* estareceram-se, boquiabriram-se ante o “Variedades”[...] A quase totalidade da população nunca tinha visto iluminação eléctrica e muito menos figuras animadas numa tela de pano. [...] Fora, nas noites de função, as pretas de minha terra, todas endomingadas, torso à cabeça, taboleiro referto de guloseimas e os inseparáveis fumaguentos candeeiros pavio, para os intervalos da electricidade.¹¹⁴

¹¹³REZENDE, Gildeflá Costa, *et. alia.*, (Orgs.), *op. cit.*

¹¹⁴Theodomiro Jordão, *op. cit.*, p. 27.

A chegada do cinema em Amargosa se deu de forma duplamente gloriosa, pois se festejava tanto o cinema quanto a luz “elétrica”, ambos nunca antes vistos pela quase totalidade da população. Uns poucos elementos da vida moderna, cinema e luz elétrica, assemelhavam-se, na concepção do memorialista, ao “faça-se a luz” do Gênesis. Todavia, neste período nem todas as cidades interioranas podiam “conhecer os amavios, gozar dos atractivos, sentir os encantos dum cinema animado; somente as povoações servidas por estradas de Ferro, devido o peso dos respectivos petrechos”.¹¹⁵ E mesmo em Amargosa, o público era restrito, apenas os “sisudos patrícios estarreceram-se, boquiabriram-se”, as “pretas de minha terra” ficavam de fora com o torço à cabeça, taboleiro repleto de guloseimas e os fumagentos candeeiros¹¹⁶.

Na década de 1940 o “Variedades” passou a ser propriedade do Sr. José de Almeida, já com o nome de “Cine Pérola”. Muitos foram os eventos que aconteceram no Cine Teatro, com seus mais de trezentos lugares. O cotidiano citadino era permeado pelo Pérola, com sessões de filmes, apresentações teatrais, programas de calouros, shows com artistas reconhecidos nacionalmente, funcionando ainda como rádio local, com seu sistema de alto-falantes espalhados pelo centro da cidade. Suas atividades findaram na década de 1970, quando mobiliário e projetor foram vendidos a cinemas de cidades circunvizinhas¹¹⁷. Exatamente no ano de 1970, quando ainda perduravam as sessões, Glauber Rocha e equipe frequentaram o Pérola, na ocasião da gravação do filme “O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro”, tendo como cenário a cidade vizinha de Milagres.¹¹⁸

Em relação às Instituições beneméritas “que os povos cultos não podem dispensar”¹¹⁹, data de 1892 a instalação da Santa Casa da Misericórdia em Amargosa, que foi canonicamente aprovada pela autoridade Diocesana em 1893. Contava-se na época de sua fundação com 488 irmãos.¹²⁰ A Santa Casa de Misericórdia representava “a

¹¹⁵ *Ibidem*, p.27.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 28.

¹¹⁷ Sra. A. V. M. R., 66 anos, 2008.

¹¹⁸ Informação recolhida em conversa informal com Roque Araujo, que fazia parte da equipe de Glauber Rocha.

¹¹⁹ Revista dos Municípios. Município de Amargosa. “A Rainha do Café”, 1926-1927, sem paginação.

¹²⁰ REZENDE, Gildeflá Costa. *et alia*. (Orgs.), *op. cit.*

mais bella das revelações de seus sentimentos christãos”¹²¹. A respeito da data de fundação do Hospital da Santa Casa, as informações são desencontradas¹²².

Do final do século XIX, datam ainda o Clube Literário Amargoense, fundando em 1890 e o Clube Caixeiral Amargoense de 1895. O primeiro apresentava uma biblioteca com 600 volumes, sendo 80 o número de sócios. Este clube também fundou um “Comitê Patriótico”, do qual não se tem maiores informações, mas sabe-se que apresentou a finalidade exclusiva de socorrer as vítimas da Guerra de Canudos. O segundo organizou um grupo cênico, disponibilizou cursos diversos, além de ter oferecido lazer aos seus sócios, contando com uma biblioteca, um bilhar e instrumentos musicais¹²³.

Mas, apesar destes clubes contarem com bibliotecas, parece que o gosto pelas letras não era muito apreciado no início do século XX em Amargosa. Em 1915 “O Tanjo”, órgão “humorístico, crítico e noticioso”, editado por uma sociedade “anonyma”, é responsável por tecer uma crônica a respeito da “indiferença pelas letras” em Amargosa, quando comparada a outras cidades interioranas, como Feira de Santana. Ao afirmar que,

Dia a dia cresce entre nós a indiferença pelas letras. Em cidades outras do interior – citemos a Feira de Sant’Anna – os moços, findos seus labores, fazem, com manifesto prazer, uma visita à Bibliotheca Municipal, onde folheiam obras, jornaes, revistas, ali colleccionadas com rigoroso cuidado. E bem merece a visita a variada bibliotheca. Em Amargosa – funda-se um ‘Gremio Litterario’ onde a presença dos sócios fora desconhecida; dizemos – fora –, porque teve a duração das Rosas de Malherbe! Ora! Muito melhor é falar *segredinhos* – à namorada debaixo de uma janella, que ler *sandices* de um escriptor desoccupado!¹²⁴

Como visto o “grau de civilização de um povo”, no caso o de Amargosa, esteve representado pelas Instituições Educacionais, Sociedades Beneméritas, Sociedades e Clubes Recreativos ou Literários, Bibliotecas, Teatros, Cinemas, pela existência de Estradas de Ferro e de Rodagem que integrava a cidade aos Sertões e ao Recôncavo, pela

¹²¹Revista dos Municípios. Município de Amargosa. “A Rainha do Café”, 1926-1927, sem paginação.

¹²²Enquanto a Revista “Amargosa Centenária” (*op. cit.*) menciona 1894 para a data em que “foi bento e inaugurado o Hospital”, a “Revista dos Municípios” (*op. cit.*, 1926-1927) apresenta 1920 como data de instalação do mesmo, que contou com “solemnidades que ficaram no registro dos grandes acontecimentos de Amargosa”.

¹²³Emanuel Oliveira dos Santos (Sr. Nené), *op. cit.*

¹²⁴Jornal O Tanjo, Amargosa, 22 de agosto de 1915. Reproduzido em REZENDE, Gildeflá Costa. *et alia*. (Orgs.) *Revista Amargosa Centenária*. Bahia, 1991, p. 27.

estrutura urbana, bem como pela própria formação moral e religiosa pautada na ética cristã católica. Estas eram as prerrogativas civilizatórias da primeira metade do século XX em Amargosa.

1.3 AS FESTAS SANTAS

“Amargosa como a maioria das nossas cidades, emergiu da religiosidade dos primeiros agricultores que aqui chegaram¹²⁵”. Foram estas as primeiras palavras da revista “Amargosa Centenária” sobre a origem da cidade, emergida da religiosidade, leia-se cristã, dos seus primeiros habitantes. Elemento fundante da sociedade amargosense, a cristandade determinou muitas das práticas festivas da cidade ou demarcou suas temporalidades, como no caso do carnaval que termina na Quarta-feira de cinzas, ou seja, antes do início da Quaresma¹²⁶. Distinguindo-se assim do término dos festejos carnavalescos em muitas cidades brasileiras como Salvador, Olinda e Rio de Janeiro. Em Salvador o carnaval encerra-se na manhã da Quarta-feira de cinzas com o desfile dos Trios Elétricos; em Olinda a festa só termina oficialmente no primeiro sábado da Quaresma ao som dos frevos; e no Rio de Janeiro a apuração do desfile das Escolas de Samba acontece na tarde da quarta-feira de cinzas e adentram a madrugada¹²⁷.

Assim, podem ser relacionadas outras festividades que em alguma medida estavam atreladas ao calendário cristão: os Ternos de Reis paralelo, à cultura dos presépios, em janeiro; o carnaval, em fevereiro; a queima de Judas, na noite do sábado de Aleluia, e a festa da Padroeira Nossa Senhora do Bom Conselho, em abril; os festejos de Santo Antonio, São João e São Pedro, em junho; São Cristovão, em julho; São Roque, em agosto; em setembro, as tradicionais rezas de São Cosme e Damião; e em dezembro, as comemorações à Santa Bárbara.

¹²⁵REZENDE, Gildeflá Costa. et alia. (Orgs.), *op. cit.*, p. 4.

¹²⁶Sobre a dimensão cristã do carnaval ver: BAROJA, Julio Caro. *Le Carnaval*. Paris, Gallimard, 1979 e ORTIZ, Renato, *op. cit.*

¹²⁷CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. “O rito e o tempo: a propósito do carnaval carioca”. In: LOPES, Antonio Herculano (Org.) *Entre Europa e África: A invenção do carioca*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, Topbooks, 2000.

As rezas de Cosme e Damião e de Santa Bárbara, eram celebrações relacionadas às práticas de catolicismo popular¹²⁸, presente no Recôncavo baiano, que pode ser pensado enquanto categoria cultural na qual o “santo”, o “sentimento” religioso e o “mito” têm um papel importante. Estas tradições festivas estavam, em grande medida, mescladas a elementos de vivência religiosa afro-referenciada, como os ritos de possessão. Estas comemorações, aos santos principalmente, se traduziam em rezas, sambas de roda, e no caso de São Cosme e Damião e Santa Bárbara na oferta do Caruru aos sete ou quatorze meninos e aos demais participantes dos festejos. Algumas destas celebrações contavam ainda com a incorporação de caboclo. Orações e ladainhas cantadas eram expressões de fé e de festas¹²⁹.

Algumas destas práticas festivas reduziram a sua intensidade com o passar dos anos, a queima de Judas, por exemplo, perdurou até a década de 1990. Porém, toda a expressividade destes festejos, ou destas festas santas, estava relacionada ao universo religioso, à vida comunitária, aos laços culturais, sociais, e de parentesco, dos participantes. As festas eram espaços de interlocução da comunidade e de afirmação de suas identidades. No Terno de Reis se visitavam as casas para que os presépios fossem desmontados; na queima do Judas se lia o inventário do “finado”, a partir do qual se repartia os pertences do mesmo com os diversos membros da comunidade; nos sambas de roda, se falava sobre “as moças, as casadas e as solteiras assanhadas”¹³⁰. Nota-se que por meio destas festas a comunidade mantinha permanente diálogo sobre si mesmo.

Estas comemorações aconteciam no espaço privado das casas, em comunidades rurais, nas praças de bairros, e também nas praças e jardins centrais da cidade. Como visto, Amargosa passou por períodos de remodelamento urbano até que praças e jardins chegassem enfim a apresentar uma função mais específica: a de lazer. A Praça Tiradentes, conhecida por “Praça do Cristo”, é um desses exemplos, em que as quartas e aos sábados funcionava a feira livre, e em dias de carnaval desfilavam as Escolas de Samba, Blocos e Cordões. A “Praça do Bosque” e o “Jardim da Igreja” também compunham circuitos privilegiados das festas em Amargosa. Deste modo, a dinâmica social dos cidadãos era

¹²⁸Sobre Catolicismo popular ver: SÜSS, Paulo Günter. *Catolicismo popular no Brasil: tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida*. São Paulo, Edições Loyola, 1978.

¹²⁹SILVA, Graça Maria Magalhães da, *op. cit.*

¹³⁰*Ibidem*, p.41.

acentuadamente marcada pela temporalidade cristã e por uma dinâmica espacial sagrado/festiva. As praças tornaram-se os espaços mais utilizados pelos cidadãos nos eventos festivos. As festas transitaram por estas e impuseram modificações. Em todos estes espaços percebe-se que as mudanças tenderam a delimitar e especificar as diversas práticas em relação aos lugares.

CAPÍTULO 2:
OS CARNAVAIS

“Duas bem ornamentadas pranchas de senhoritas de nossa sociedade desfilarão pelas ruas dando maior imponência ao nosso carnaval.”¹³¹

¹³¹Folhetins sobre o carnaval em Amargosa. Publicação do Alvorada Tênis Club, 1966. Domínio Público. Documentos cedidos pelos familiares do Sr. Angelysio Cabral dos Santos Borges, um dos fundadores do Alvorada Tenis Club.

Muitas foram as formas de festejar o carnaval na cidade de Amargosa. Do início destas práticas tem-se, como já foi visto, o Entrudo e as Parelhas de cavalo. Neste capítulo algumas outras destas práticas carnavalescas serão apresentadas. Em primeiro momento o carnaval praticado por homens e mulheres que se apropriaram dos espaços das ruas e brincaram os carnavais de meados da década de 1920 até finais da década 1950. Os principais modos de organização deste carnaval aconteciam através das Pranchas, Cordões e Blocos. Em segundo momento, a partir da década de 1950, mais acentuadamente, tem-se a realização dos Bailes fechados, foi a ascensão do “Carnaval de clube”. Não exclusivamente, mas principalmente, o público participante tanto das Pranchas, Blocos e Cordões, quanto dos Bailes no “Carnaval de clube”, era constituído por pessoas das elites de Amargosa.

O corpo de fontes deste capítulo é formado por fotografias, depoimentos orais, e panfletos de clubes locais. Neste sentido, optou-se por considerar as denominações fornecidas pelas fontes. Algumas práticas como os corsos¹³², por exemplo, constituídos por desfiles em carros alegóricos com bastante serpentina e confetes, foram denominados pelas fontes como Pranchas. Assim, considerou-se esta última denominação. Em todo caso, as fontes dizem sobre práticas relativas ao contexto amargosense, por isso não seria coerente considerar algumas denominações, às vezes genéricas, que pretendem contemplar todas as formas de festejar os carnavais no Brasil.

2.1 PRANHAS, CORDÕES E BLOCOS

As evidências mais antigas sobre o carnaval em Amargosa são fotografias que datam uma de meados da década de 1920 e outra de meados de 1930. Alguns depoimentos colhidos auxiliaram na periodização destas e demais fotografias, que eram apresentadas aos sujeitos no transcorrer das entrevistas. Estas fotografias dizem sobre alguns dos modos de brincar o carnaval em Amargosa neste período. As Pranchas, os Cordões e os Blocos eram bastante comuns na cidade desde a década de 1930. A partir das décadas seguintes outros modos de brincar, como os Bailes e o Trio elétrico, inserido no carnaval amargosense na década de 1960, surgiram e integraram ou modificaram

¹³²PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

estes modos anteriores de festejar o carnaval. Muitos outros aspectos deste carnaval amargosense, relativos à década de 1960, puderam ser reconstruídos graças aos panfletos do Alvorada Tennis Club que traziam anúncios sobre o “Carnaval de rua¹³³”. As Pranchas, os Cordões e os Blocos foram comuns ao carnaval em Amargosa até os finais da década de 1960, quando estes elementos já não mais ocupam o centro das narrativas dos sujeitos.

Mas antes que se narre o fim destes modos de brincar o carnaval em Amargosa, que se comece com as primeiras formas de comemoração. Através de um livro comemorativo do centenário de nascimento da Sra. Eulina Nogueira Pita¹³⁴, foi possível encontrar uma fotografia onde aparecem algumas pessoas festejando o carnaval em um desfile a cavalos.

Figura 10 - Carnaval em 1935/36



Eram famosos os carnavais de Amargosa, e Nestor, um folião, possuía uma parelha de cavalos e tradicionalmente desfilava com mamãe.

Esta foto, de 1935 ou 1936, aparecem, da esquerda para a direita, minha irmã – a primeira Nini – de quem tenho o mesmo nome e apelido, Nestor, no 2º cavalo, e Eulina, no 4º cavalo.

Fonte: Comemorando o Centenário do Nascimento de Eulina, 23 de outubro de 1999. Disponível na Biblioteca Municipal de Amargosa, Carlos Cohen.

¹³³Sobre o “Carnaval de rua” popular, praticado em estâncias diferenciadas por negros e brancos em São Paulo ver: VON SIMSON, Olga R. de Moraes. *Carnaval em Branco e Negro: carnaval popular paulistano: 1914-1988*. Campinas; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2007.

¹³⁴*Comemorando o Centenário do Nascimento de Eulina*. Disponível na Biblioteca Municipal de Amargosa, Carlos Cohen. Produzido em Amargosa, 23 de outubro de 1999, por familiares da Sra. Eulina Nogueira Pita.

Na fotografia acima se encontram senhoritas, rapazes, homens e mulheres comemorando o carnaval num desfile a cavalo. O texto que acompanha a fotografia aponta como possível data da mesma 1935 ou 1936. Neste período os festejos carnavalescos eram comemorados com estes desfiles já tidos por “tradicionais”. Das oito pessoas que se encontravam dispostas na imagem, três são identificadas pelos nomes de Nini, Nestor e Eulina, todos, membros de um mesmo núcleo familiar. Nota-se com isso que a prática de comemorar o carnaval nos tempos idos de meados da década de 1930 estava vinculada aos familiares. Estas brincadeiras carnavalescas por muito tempo permaneceram associadas aos laços familiares, sobrinhos, sobrinhas, primos, primas, tios e tias que ou participavam dos desfiles, ou de alguma forma auxiliavam na organização de mesmo. Posteriormente, estas práticas comemorativas estenderam-se aos vizinhos e amigos mais próximos.

No decorrer do livreto ainda tem-se o fragmento “Nestor e Eulina participaram ativamente da vida de nossa cidade: dos carnavais desfilando em parselhas de cavalo ou em carros alegóricos (...)”¹³⁵ A respeito dos desfiles em carros alegóricos tem-se fotografias e depoimentos. Porém não foram estas as únicas formas de festejar o Carnaval. Ou melhor, não foram estas as únicas práticas de comemoração do período do Carnaval.

Mas o desfile em carros alegóricos, ou as “Pranchas” como eram denominadas, se distinguiram pela beleza das ornamentações e pela elegância das fantasias. O corpo documental sobre o carnaval em Amargosa é composto por muitas fotografias e uma destas aponta para uma prancha, que foi associada por uma das depoentes ao carnaval de 1925¹³⁶. Demonstrando que em alguma medida, além das brincadeiras de Entrudo de finais da década de 1920, já eram presentes na cidade alguns dos modos de festejar o carnaval enquanto festa “civilizada”, aos moldes europeus.

A fotografia abaixo, atribuída pela Sra. A. V. M. R. de 66 anos ao carnaval de 1934, revela algumas das características das Pranchas, representantes diretas dos então novos modos de brincar o carnaval.

¹³⁵ *Comemorando o Centenário do Nascimento de Eulina*. Disponível na Biblioteca Municipal de Amargosa, Carlos Cohen. Produzido em Amargosa, 23 de outubro de 1999, por familiares da Sra. Eulina Nogueira Pita.

¹³⁶ Sra. A. V. M. R., 66 anos, 2008.

Figura 11 - Carro Alegórico



Fonte: Cedida pela Prof^a. Regina Maria Vaz de Almeida, 1934.

Como se pode notar a fotografia representa uma “prancha”, como eram conhecidos este modo de desfilar no carnaval em carros abertos e ornamentados. Três carros alegóricos compõem a imagem, um ao fundo coberto de flores, outro ao centro em segundo plano composto por mulheres, oito exatamente, e o terceiro ocupando o centro da fotografia coberto de serpentinas. A diferenciação principal, apontada pelos depoentes, entre os Cordões, Blocos e as Pranchas era a forma como esta última se realizava, ou seja, em cima de carros abertos e enfeitados. Como a Sra. A. V. M. R. recordou em depoimento:

Anterior a mim, eu sei por que meu pai me contava muito, falava demais também, existiam blocos com carro alegórico e tudo, aí eu sei [...] Eram Pranchas, eram carros alegóricos, lindíssimos, a família Passos, e outras famílias, a família de D. Elza Cardoso também que organizava, eram famosíssimas, a família de professora Zilda e a família do pessoal de Noélia Passos. Mas já não foi do meu tempo.¹³⁷

O depoimento traz evidências de como se davam a organização dos festejos carnavalescos, incluindo aqui as Pranchas, Cordões e alguns dos Blocos, que ocorriam a partir de um lócus familiar. O carnaval amargosense das famílias mais abastadas saía às

¹³⁷Sra. A. V. M. R., 66 anos, 2008.

ruas ostentando luxo, beleza e elegância, características fundamentais para que o próprio desfile acontecesse. Deste modo, a narrativa aponta algumas famílias como tradicionalmente organizadoras de Pranchas e Blocos, como as famílias Cardoso e Passos.

Figura 12 - Bloco Paladino Ideal



Fonte: Cedida pela Profª. Regina Maria Vaz de Almeida. Data aproximada 1935.

Alguns Blocos destacaram-se como o Sol do Oriente, Girassol, Rosa do Amor, Periquitinho Verde, Paladino Ideal, Abelha Dourada e Luar de Verona¹³⁸. Mas parece haver muita confusão entre os nomes dos Blocos e dos Ternos de Reis, também comuns em Amargosa. O Sr. Emanuel Oliveira menciona, por exemplo, o “Sol do Oriente” como um terno de Reis, além de citar outros, dentre eles o “Rosas de Ouro” e “Flor do Rancho”. Acima se observa uma fotografia do bloco carnavalesco “Paladino Ideal” e logo abaixo se tem a fotografia do casal de reis do bloco carnavalesco “Sol do Oriente”.¹³⁹

¹³⁸REZENDE, Gildeflá Costa. *et alia.* (Orgs.), *op. cit.*, p. 07. Emanuel Oliveira dos Santos (Sr. Nené), *op. cit.* Mencionados em depoimento pela Sra. A. V. M. R., 66 anos, 2008.

¹³⁹REZENDE, Gildeflá Costa. *et alia.* (Orgs.), *op. cit.* Mencionados em depoimento pela Sra. A. V. M. R., 66 anos, 2008.

Figura 13 - Rei e Rainha do Sol do Oriente



Fonte: Cedida pela Profª. Regina Maria Vaz de Almeida, 1925.

Ambos os Blocos tinham em comum a família que os organizava, atribui-se à família Passos a organização dos mesmos¹⁴⁰. Os dois componentes coroados rei e rainha do “Sol do Oriente” não foram identificados. Porém, outra fonte¹⁴¹ atribuiu a organização do “Luar de Verona” também à família Passos, o que parece ser contraditório, tendo em vista que estes Blocos, na memória da Sra. S. L. J. M. aparecem enquanto rivais¹⁴².

“Anterior a mim”¹⁴³, assim outra depoente relatou sobre o carnaval de Amargosa e os “lindíssimos” carros alegóricos, as Pranchas, que eram de um tempo que não o seu, mas de seu pai. É provável que as lembranças do pai, passadas à filha, estivessem relacionadas ao meado da década de 1920, 1930 e 1940. Pois, no início dos anos de 1950 a depoente aos dez anos de idade já participava de Cordões e Blocos carnavalescos e deste período não se recorda das Pranchas.

¹⁴⁰Sra. A. V. M. R., 66 anos, 2008.

¹⁴¹Emanuel Oliveira dos Santos (Sr. Nené), *op. cit.*

¹⁴²Sra. S. L. J. M., 93 anos, 2006.

¹⁴³Sra. A. V. M. R., 66 anos, 2008.

Quando a mesma afirma que as Pranchas já não eram do seu tempo, deve-se aferir que em 1950 estas estruturas alegóricas, se ainda persistiam, talvez não fossem mais comuns, ou então não ocupavam mais o centro dos festejos carnavalescos. Assim, dos seis Panfletos do Alvorada Tennis Club¹⁴⁴, cinco datados da década de 1960 e um do ano de 1971, que traziam, além da propaganda carnavalesca do próprio Club, informações sobre as demais práticas carnavalescas da cidade, faz uma única menção a duas Pranchas que iriam se apresentar no carnaval de 1966.

Duas bem ornamentadas Pranchas de senhoritas de nossa sociedade desfilarão pelas ruas dando maior imponência ao nosso carnaval. Apesar do absoluto sigilo, conseguimos apurar que são as mesmas denominadas: “Coristas de Pigalli” e “Voando para a Lua”.¹⁴⁵

Deste modo acredita-se que estas Pranchas realmente já não mais tinham o mesmo *status* ou representavam o centro dos festejos carnavalescos, que neste período, em 1960, parece estar muito mais associado ao “Carnaval de clube”, mais necessariamente aos Bailes que aconteciam nestes ambientes fechados.

Coincidência ou não, no dia 3 de fevereiro do ano de 1966, a Luna 9, uma sonda soviética não tripulada, alcançou o solo lunar com sucesso e enviou fotografias. Foi a primeira experiência bem sucedida de uma espaçonave chegar a superfície da lua. O carnaval de Amargosa, deste mesmo ano, aconteceu nos dias 19, 20, 21 e 22 de fevereiro. É provável que a prancha “Voando para a Lua” tenha feito algum tipo de alusão a este acontecimento do contexto da Guerra Fria. Eram comuns às Pranchas e mesmo aos Cordões elegerem como temas para os seus desfiles assuntos que estivessem em pauta na mídia escrita, nas rádios e na televisão, apesar de reconhecer a menor influência desta última em relação ao rádio.

O fato é que atribuídas à década de 1950 tem-se muitas fotografias de Grupos, Cordões e Blocos dos mais diversos e nenhuma fotografia de Prancha. Tanto os Cordões formados por senhoritas abastadas, quanto as Pranchas, apresentavam uma preocupação grande com o luxo e sofisticação das fantasias. As Pranchas, no entanto, contavam com a

¹⁴⁴Folhetins sobre o carnaval em Amargosa. Seis exemplares datados de 1964, 1965, 1966, 1967, 1968 e 1971. Publicação do Alvorada Tênis Club. Domínio Público. Documentos cedidos pelos familiares do Sr. Angelysio Cabral dos Santos Borges, um dos fundadores do Alvorada Tennis Club.

¹⁴⁵Folhetins sobre o carnaval em Amargosa. Publicação do Alvorada Tênis Club, 1966. Domínio Público. Documentos cedidos pelos familiares do Sr. Angelysio Cabral dos Santos Borges, um dos fundadores do Alvorada Tennis Club.

ornamentação dos carros, transformando-os em carros alegóricos, como ficou muito evidente nas fontes apresentadas.

Enquanto as “senhoritas de nossa sociedade” desfilavam pelas ruas amargosenses dando maior “imponência ao nosso carnaval”,

As moças das ruas dos Artistas, Linha, Quebra Viola e Cajueiro, desde julho de 1965, estão em plena marcha para o sucesso do carnaval de 1966, com a formação dos seguintes cordões: “GAROTAS EM FOLIA”, contando com 20 componentes. “AS CAMPONESAS” com 43 passistas. “FILHAS DO ORIENTE” outro caprichado cordão que promete fazer sucesso no carnaval.¹⁴⁶

Estes Cordões em específico, anunciados no panfleto do Alvorada Tennis Club eram compostos por moças provenientes de bairros periféricos, nota-se pelas ruas as quais elas residiam: Rua dos Artistas, da Linha, Quebra Viola e Cajueiro, sendo este último um bairro. Deste modo participavam intensamente do carnaval, formando e organizando com antecedência seus Cordões carnavalescos. A nota anuncia a composição de três Cordões “Garotas em Folia”, “As Camponesas” e “Filhas do Oriente”, todos em processo de organização desde julho de 1965, ou seja, sete meses antes do carnaval.

Porém, estas mobilizações aconteciam tanto nos Grupos, Blocos e Cordões formados por jovens moradoras da periferia, quanto nas composições das jovens de famílias mais abastadas. Mobilizações que interferiam no cotidiano de mulheres, pois os Cordões e Blocos eram organizados e formados majoritariamente por elas. Como mencionou a Sra. A. V. M. R. “Os Blocos que eu tô falando pouquíssimos entravam rapazes, a maioria dos Blocos, esses que eu participei só entravam mulheres¹⁴⁷”.

¹⁴⁶Folhetins sobre o carnaval em Amargosa. Publicação do Alvorada Tênis Club, 1966. Domínio Público. Documentos cedidos pelos familiares do Sr. Angelysio Cabral dos Santos Borges, um dos fundadores do Alvorada Tennis Club.

¹⁴⁷Sra. A. V. M. R., 66 anos, 2008.

Figura 14 - Bloco Carnavalesco I



Fonte: Cedida pela Prof^a. Regina Maria Vaz de Almeida. Data aproximada 1950.

Apesar do bloco acima ser representado nesta fotografia, apenas por mulheres, homens também faziam parte da sua composição. Não se excluía destes Blocos e Cordões a participação masculina que em muitos momentos poderia ser interessante. Interessante para as mesmas no que concerne a “proteção” de um cordão formado em maioria por mulheres, tendo em vista que o desfile acontecia nas agitadas ruas amargosenses, agitadas devido ao movimento do carnaval; interessante para a imagem destas mulheres que se permitiam sair às ruas e acompanhadas da presença masculina poderiam desfilar sem o risco de serem rechaçadas. Sobre a presença das mulheres nas ruas tem-se o depoimento da Sra. S. L. J. M. se referindo à década de 1930 quando a cidade ainda não contava com colégios:

Nesse tempo não tinha colégio, os rapazes ia aprender a música tinha professor, uma moça não saia oito horas da noite na rua, era ignorada ‘eu vi a fia de fulana na rua uma hora dessa’ e hoje não, tudo precisa trabalhar de noite, estudar de noite, cabou-se isso tudo.¹⁴⁸

Convém lembrar que em 1950, data a que foi atribuída esta fotografia, havia apenas dois anos que o curso ginásial em Amargosa tinha sido instalado, isso, em 1948, e

¹⁴⁸Sra. S. L. J. M., 93 anos, 2006.

somente em 1953 o curso pedagógico seria introduzido, ambos sob a direção das religiosas do Santíssimo Sacramento. É neste sentido que o depoimento acima aponta para a instrução feminina como um dos meios de alcançar os espaços da rua sem que necessariamente as mulheres passassem a ser “ignoradas”. Apesar da fig. 14 não se referir especificamente a presença das mulheres na rua à noite, a questão é perceber como se deu a circulação destas mulheres no espaço público, como estas eram coibidas de algum modo de participarem de festas públicas, no caso particular do carnaval, e como e em quais circunstâncias a presença delas poderia ser aceita. Assim, a organização em Pranchas, Cordões e Blocos, e o horário dos desfiles serem diurnos, eram formas mais “aceitáveis” da presença feminina nas ruas. Outros dois depoimentos exemplificam de forma mais concisa algumas destas restrições, apesar de se referirem respectivamente ao final da década de 1940 e início de 1950 e meados da década de 1960.

Eu? Eu não, mãe não deixava eu ir não minha fia, mãe não deixava eu ir não, eu adulava mãe pra eu ir, mãe não deixava eu sair não. O Baile dava bom viu, daqui a gente ouvia, vinha instrumento de fora.¹⁴⁹

Mãe não deixava a gente sair de noite, nós só saia de dia. Não deixava não, de noite a gente não saia não, só saia de dia. Chegava seis horas, seis horas era pra tá em casa.¹⁵⁰

Os três últimos depoimentos (um na página anterior) apontam para os limites da presença feminina em alguns espaços na cidade de Amargosa. A partir das seis horas da noite ou mais tardar às oito horas, uma moça corria o risco de ser “ignorada” se fosse encontrada circulando pela rua à noite. Se associado ao espaço da rua e à noite, estivesse o carnaval, aí que não adiantava nenhum tipo de adulação, pois “mãe não deixava eu sair não”. Rua, noite, carnaval não era uma boa junção para as mulheres de Amargosa pelos idos das décadas de 1930, 1940, 1950 e meados da década de 1960, a não ser, que estas mulheres e/ou moças estivessem acompanhadas de familiares ou contassem com a presença masculina de um parente próximo.

Ambos os depoimentos evidenciam a centralidade das decisões maternas no que diz respeito à educação feminina. As origens social e econômica precárias das duas depoentes acima e de suas mães, não lhe possibilitaram acesso à educação no colégio

¹⁴⁹Sra. L. F., 75, 2007.

¹⁵⁰Sra. S. S. Z., 57 anos, 2006.

Santa Bernadete, ou a qualquer outro que existisse, pois educação pública em Amargosa só foi a partir de 1963, ano em que a antiga Escola Técnica de Comércio de Amargosa, transformada em 1960 em Ginásio Estadual Pedro Calmon, e mantido até 1963 pela Associação Educacional de Amargosa, foi estadualizada¹⁵¹. Antes de 1960, o Colégio Santa Bernadete atendia a demanda da Região de Amargosa, sendo muitas das alunas filhas de comerciantes importantes e/ou fazendeiros, havendo inclusive o sistema de internato.¹⁵² Mas o ginásio atendia também às alunas bolsistas, que realizavam tarefas diversas para cumprir “as obrigações”, pois as mesmas não tinham como pagar pelos estudos.

Todavia, a centralidade materna na educação feminina parece ter sido indistinta às diferenças de classes. O fato é que a instrução feminina influenciou o comportamento da mulher, proporcionando-lhe vida social, elevação do nível cultural, despertar do espírito crítico, maior independência em relação aos homens e responsabilidade pelas suas próprias ações¹⁵³. Assim, não era incomum encontrá-las à frente das Pranchas, Blocos e Cordões em Amargosa, apesar de todas as restrições a presença destas no espaço da rua, à noite e em Blocos carnavalescos. À frente das organizações supracitadas, estabeleceram e fortaleceram sociabilidades, seja no interior da família, seja na vizinhança ou mesmo entre famílias de um mesmo meio social. Assim, a participação feminina nos desfiles carnavalescos ia muito além do momento em si do desfile. A organização dos Blocos e Cordões se dava com meses de antecedência ao carnaval. E compreendia a escolha do tema do desfile, confecção das fantasias, as encomendas de sapatos, chapéus, acessórios outros em cidades vizinhas, contratação das bandas de sopro que acompanhariam os Cordões e mobilização das integrantes.

E de tarde eu desde dez anos ou menos, eu saía em blocos carnavalescos, muito lindos, muito lindos, muito organizados e quem tomava a frente era a minha tia, M. N. A., chamada Mara, trabalhava na loja de meu pai, meu pai era o dono do cinema e meu pai tinha uma loja uma casa de comércio grande, muito bonitinha. E minha tia que tomava a frente, então tinham as costureiras que se encarregavam de fazer as roupas do bloco, o tecido não podia ser diferente, as cores não podiam ser diferentes, os modelos não podiam ter variação nenhuma! Era tudo igual do sapato ao chapéu. Eram os blocos de carnaval, tinha de Cowgirl, tinha de Fada, tinham blocos... eu saí de Cowgirl de Fada... de Correio do amor, tinha. [...] Eu ainda era menina [...] Tão criancinha não! [...] Não, não, mas não era fada, não era fada de roupinha comprida não, era uma

¹⁵¹SANTOS, Milton, *et. alia.*, *op. cit.*

¹⁵²*Ibidem.*

¹⁵³SILVA, Miguel José da, *op. cit.*

fada estilizada, Cowgirl também era estilizada, Correio do Amor também era uma fantasia estilizada, nós tínhamos, deixa eu ver outra que eu me lembre aqui, tô lembrando dessas três. Mas eram fantasias muito caras, muito bonitas, de cetim ou de tafetá, bem trabalhosas, com chapéus todos iguais, os chapéus às vezes mandavam fazer em outra cidade, ou faziam com armação em como é... [...] Não, entretela, o chapéu todos forrados.¹⁵⁴

O depoimento aponta para o caráter familiar e feminino destes Cordões ou Blocos: “minha tia que tomava a frente”. Eram bastante comuns Cordões formados por mulheres e crianças. As fantasias costumavam ser confeccionadas na própria cidade, obedecendo às padronizações de tecido, cor e modelo; caso necessário, chapéus e outros acessórios poderiam ser feitos em cidades próximas. Mas tudo tinha que obedecer ao mais rigoroso padrão, “o tecido não podia ser diferente, as cores não podiam ser diferentes, os modelos não podiam ter variação nenhuma! Era tudo igual do sapato ao chapéu.” Variados mesmo só os temas dos desfiles que necessariamente determinavam as fantasias. Assim além de “muito caras, muito bonitas” essas fantasias podiam ser de Fadas, Gregos, Romanos, Odalisca, Correio do Amor, Cigana, Marinheiro, Havaiana ou de Cowgirl, como evidencia a fotografia abaixo.

Figura 15 - Cordão Cowgirl



Fonte: Cedida pela Prof^a. Maria Belarmina dos Santos, 1953.

¹⁵⁴Sra. A. V. M. R., 66 anos, 2008.

Trata-se de um cordão ou bloco carnavalesco formado por mulheres e crianças. A Sra. A. V. M. R. atribuiu esta fotografia ao ano de 1953, quando a própria tinha dez anos de idade e neste cordão ocupava o centro do desfile, ela é a primeira criança da fila, ao meio. Às margens da fotografia alguns meninos pobres e negros e alguns outros brancos e mais bem vestidos, a assistirem ao desfile. Mais ao fundo é possível notar a banda de sopro, formada apenas por homens, que acompanhava o cordão. Neste período os Cordões, Blocos e Grupos ou tinham seus próprios instrumentos e desfilavam ao som dos seus integrantes, ou faziam como a maioria dos Cordões femininos, contratava uma banda de sopro e cantavam durante todo o trajeto as músicas e marchinhas mais famosas daquele carnaval. Mas estas marchinhas não eram cantadas aleatoriamente, afinação e harmonia requeriam ensaios que se iniciavam em dezembro.

Outra coisa, que eu acho muito interessante, não é só no caso de Amargosa, mas era no carnaval de um modo geral, é que nós passávamos de dezembro, novembro, dezembro, até fevereiro, aprendendo as músicas do carnaval daquele ano. Hoje no carnaval é o quê? É axé, é pagode, é rock, é funk, é... é tudo. Lá não, no meu tempo de carnaval mesmo que eu participava, não era. Eram marchas e sambas, tinha marcha rancho, marchinha, como a gente chama e samba. [...] Marcha rancho, era um tipo de marcha, mais, mais pausada, mais é... diferente, o ritmo é diferente, é porque eu não tenho voz nenhuma, mas o ritmo é diferente, é uma marcha mais arrastada, mais entoada, a outra é mais... muito mais acelerada, era samba, marcha rancho e marcha. Normalmente era só marcha e samba. Agora aquele samba de carnaval não era esse samba que a gente vê, samba de Fundo de Quintal, desses grupos de samba não, era um outro tipo de samba. Mas não é a música que tocava durante o ano não, tocava durante o carnaval. Existiam marchas de carnaval, vendiam os livretos com todas as letras e nós treinávamos, ligava o rádio, o rádio passava uma época que só tocava aquilo, pra todo mundo ficar treinado cantando só música de carnaval. É como o São João, o São João da minha época não tocava tudo, nada a ver, era só forró. No carnaval não tocava outro tipo de música que não fosse marcha de carnaval ou samba de carnaval, de forma alguma!¹⁵⁵

“No meu tempo de carnaval”, década de 1950, a depoente se recorda como a sua rotina era modificada durante os três meses que antecediam e compreendia o carnaval em função dos ensaios das “músicas de carnaval”. Indicando desta forma que estas músicas ensaiadas graças ao rádio e aos livretos que eram vendidos, eram músicas que só tocavam no período do carnaval. A depoente tem o cuidado de fazer caracterizações da marcha e da marcha racho e consegue ainda estabelecer diferenças entre o samba que era tocado naquele período com o samba contemporâneo. Dimensionando em certa

¹⁵⁵Sra. A. V. M. R., 66 anos, 2008.

medida a dinâmica carnavalesca dos ensaios que se iniciavam, como já foi dito, em dezembro e não eram apenas restritos ao universo amargosense, mas ao “carnaval de um modo geral”.

Contudo, a diversidade das brincadeiras carnavalescas em Amargosa não se limitavam às Pranchas e Cordões. Neste contexto, também se destacavam os Blocos ou Grupos compostos majoritariamente por homens que ocupavam as ruas amargosenses nos dias de carnaval. Grupos que mesclavam fantasias, sátiras, críticas, diversão e geralmente muita música. Deste modo, em 1939, data atribuída por uma das depoentes¹⁵⁶ à fotografia abaixo, têm-se acesso a um destes Grupos.

Figura 16 - Grupo da Ema



Fonte: Cedida pela Prof^a. Regina Maria Vaz de Almeida, 1939.

Era, muito provavelmente, o Grupo da Ema, organizado por Augusto Tosta, violinista e artesão, que juntamente com Rubens Amorim sempre organizavam brincadeiras novas a cada carnaval. Ambos foram lembrados como personalidades importantes do “Carnaval de rua” amargosense¹⁵⁷.

¹⁵⁶Sra. A. V. M. R., 66 anos, 2008.

¹⁵⁷Srs. Luís Sande e Clóvis de Brito Santos em entrevista ao Jornal *A Tarde*, 19 de junho de 1991.

Neste Grupo tem-se a Ema, figura que se aproximava em estrutura da burrinha¹⁵⁸, por serem ambas representadas por uma pessoa, parte trajada de burro ou ema, outra parte trajada de vaqueiro, no caso da burrinha, e de menina, no caso da ema, que penduravam pernas fictícias fazendo-as confundir com as pernas do montador do animal. Este era um típico Grupo de mascarado, ou bloco de caretas. O Grupo pousa para a foto aparentando estar bastante descontraído, era um Grupo formado por treze componentes, pessoas de condições socioeconômicas baixas. Nota-se pela simplicidade dos trajes, pela não preocupação com um padrão de vestimenta, as roupas, chapéus e sapatos parecem ser improvisados. Não há uniformidade nas máscaras e as mesmas parecem ter sido confeccionadas artesanalmente. Também os instrumentos musicais que seguravam não eram instrumentos que dependiam de grande poder aquisitivo para serem adquiridos, são “caixas¹⁵⁹” e chocalhos. Outros dois componentes seguravam ainda cipós, o que é bastante curioso, pois algumas caretas (homens mascarados) costumavam utilizar este tipo de instrumento ou como defesa, ou para simplesmente correrem atrás de crianças traquinas.

Além dos Grupos de caretas, Amargosa contou ainda com o Grupo dos Zé Pereiras¹⁶⁰ comuns às primeiras horas das manhãs das segundas-feiras de carnavais das décadas de 1930 a 1960. Segundo o Sr. Emanuel Oliveira dos Santos¹⁶¹, o Grupo dos Zé Pereiras tinha como um dos organizadores, novamente, Augusto Tosta, dentre outros.

Estes Grupos de caretas, ou Grupos de mascarados, e o Grupo de Zé Pereiras, se diferenciavam dos Cordões e das Batucadas. Costumava sair de manhã cedo “um bucado de gente tudo mascarado, sanfona, tambor, violão e tudo cantando e pulando.”¹⁶²

¹⁵⁸ Manifestação cultural que ocorre no Recôncavo da Bahia. Trata-se da representação de um vaqueiro montado em seu animal de carga, o burro, ou burrinha. Ambos rodopiam e dançam ao som de palmas e cantorias populares; ao redor forma-se uma grande roda para ver a burrinha dançar.

¹⁵⁹ Da esquerda para a direita o terceiro componente do Grupo (Fig.16) empunha uma “caixa”. A aproximação mais provável sobre qual seja este instrumento está em: “Dizem que uma caixa de charutos usada por uma alta patente do samba vale, às vezes, uma orquestra completa”. Cf. CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro, *op. cit.*, p. 90.

¹⁶⁰ Sobre os Zé-Pereiras ver: CUNHA, Maria Clementina Pereira. “Vários Zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca na virada do século.” In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.) *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002.

¹⁶¹ Emanuel Oliveira dos Santos (Sr. Nené), *op. cit.* Sr. Emanuel cita ainda estrofe de uma música cantada em homenagem aos Zé Pereiras: “Viva o Zé Pereira/ Que a ninguém faz mal!/ Viva o Zé Pereira/ No dia de carnaval!”.

¹⁶² Sra. S. S. Z., 57anos, 2006.

Quando a depoente foi questionada a respeito destes Grupos que saíam com vários instrumentos musicais, se os mesmos eram Batucadas, ela nega: “Não. Era um grupo, um grupo.”¹⁶³ Novamente indagada por outra depoente¹⁶⁴, que participava simultaneamente da entrevista, se estes Grupos não eram Cordões. A primeira depoente diferencia mais uma vez os Grupos, os Cordões, e as Batucadas:

Não! Cordão era na rua, é grupo. Cordão é os que tinha na rua, tudo de roupa igual e essa não, era de careta mesmo. Pompilho fazia, Daza fazia, Edgar Freitas. [...] Agora a gente tudo, tinha careta, a gente que era mais novo, era com aquela roupa de como é... pegava o lençol, dobrava no meio fazia aquela saiona rodada pra poder sair pela rua. Saia mãe, Tote, todo mundo.¹⁶⁵

Os Cordões, segundo a depoente, eram “os que tinha na rua, tudo de roupa igual”. Além do minucioso padrão das fantasias que “Era tudo igual, do sapato ao chapéu”¹⁶⁶, definir quais organizações teriam o *status* de Cordão, quais não passariam de Grupo, tinha-se ainda o espaço de circulação destas organizações, enquanto definidores do seu caráter. Ambos os desfiles aconteciam nas ruas da cidade, porém os desfiles dos Cordões obedeciam principalmente o trajeto Praça do Bosque, Praça da Igreja e Praça da Feira que com a inauguração de uma réplica do Cristo Redentor do Rio de Janeiro, em 1939, passou a ser chamada também de Praça do Cristo¹⁶⁷. A festa se limitava, deste modo, aos espaços centrais da cidade. Diferente dos Grupos de mascarados e caretas, que no tocante à organização acontecia em bairros periféricos, como o bairro de Santa Rita e Bairro de São Roque. No que concerne ao desfile eram também realizados pelas ruas centrais, mas se concentravam nas ruas mais populares da cidade, muito constantemente em seus próprios bairros, onde os vínculos sociais eram mais próximos e as brincadeiras fluíam de modo livre.

Todavia, não se pode diferenciar os Cordões dos Grupos simplesmente pelos espaços de circulação de ambos ou pelo padrão estético luxuoso das fantasias dos primeiros. Isso corresponderia a considerar um único aspecto de distinção, a origem socioeconômica dos seus integrantes. É fato que a grande maioria dos Cordões era

¹⁶³Sra. S. S. Z., 57 anos, 2006.

¹⁶⁴Sra. M. S. C. T., 52 anos, 2006.

¹⁶⁵Sra. S. S. Z., 57 anos, 2006.

¹⁶⁶Sra. A. V. M. R., 66 anos, 2008.

¹⁶⁷Emanuel Oliveira dos Santos (Sr. Nené), *op. cit.*

organizada por famílias que apresentavam condições econômicas elevadas, o que consequentemente possibilitava a elaboração de fantasias “muito lindas, muito ricas, muito bonitas.”¹⁶⁸ Em contrapartida às fantasias dos Grupos que eram muitas vezes improvisadas, como bem demonstrou a depoente, ao afirmar que sua roupa “era com aquela roupa de como é... pegava o lençol, dobrava no meio fazia aquela saiona rodada pra poder sair pela rua.”¹⁶⁹

Porém, como visto, um dos anúncios do Alvorada Tênis Club do carnaval de Amargosa, datado de 1966, apontava para três Cordões que haviam sido formados naquele ano por mulheres de bairros periféricos.¹⁷⁰ Então, diferenciar os Cordões dos Grupos considerando apenas as distinções sociais e econômicas não seria suficiente, pois as classes se organizavam de modo diverso, mas também apresentavam similitudes em suas formas de brincar o carnaval. Existiam Cordões que eram constituídos e organizados por pessoas abastadas, bem como Cordões que eram formados e organizados apenas por populares.

Enquanto os Cordões faziam sucesso pelas características já apresentadas, os denominados “Grupos” poderiam apresentar maior variedade, pois podiam ser de mascarados, caretas, fantasiados, músicos, ou ainda incluir todos estes em um mesmo Grupo. Na narrativa da Sra. S. S. Z. (p. 72) nota-se a presença de caretas, músicos com sanfona, tambor e violão e ainda de crianças fantasiadas.

O grupo de amigos que decidiu comemorar o “Aniversário da Jega” era um destes Grupos que mesclavam fantasias, travestidos, música com instrumentos de percussão, além da própria Jega, eleita personagem principal do tema carnavalesco do Grupo naquele início dos anos 1950¹⁷¹.

¹⁶⁸Sra. A. V. M. R., 66 anos, 2008.

¹⁶⁹Sra. S. S. Z., 57anos, 2006.

¹⁷⁰Folhetins sobre o carnaval em Amargosa. Publicação do Alvorada Tênis Club, 1966. Domínio Público. Documentos cedidos pelos familiares do Sr. Angelysio Cabral dos Santos Borges, um dos fundadores do Alvorada Tenis Club.

¹⁷¹Fotografia atribuída pela depoente Sra. A. V. M. R., 66 anos (2008), ao carnaval de 1949, 1950 ou 1951.

Figura 17 - Aniversário da Jega



Fonte: Cedida pela Prof^a. Regina Maria Vaz de Almeida, 1950.

Como se pode notar era um Grupo formado apenas por homens, há um animal fantasiado que apesar de ocupar o centro da fotografia está em segundo plano virado para a esquerda e olhando desatentamente quase não é possível vê-lo, mas trata-se da jega. A presença feminina nestes “Grupos” parece, pelas fotografias, inexistente, a não ser como representação, pelo jovem travestido que ocupa o lado direito da fotografia. Não fossem as narrativas a contemplarem a presença de mulheres em Grupos e em alguns Blocos, elas não apareceriam neste carnaval, a não ser nas Pranchas, Cordões, e posteriormente nos Bailes privados de clubes. Porém, há de notar que mulheres também participavam dos “Grupos”, como expôs a depoente Sra. S. S. Z.¹⁷² que além de participar destes, ainda elencou algumas diferenciações entre os Cordões e os denominados “Grupos” de rua. É fato que nas fotografias analisadas mulheres apareceram apenas participando das estruturas já mencionadas, enquanto os homens participavam mais intensamente dos “Grupos”, entre estes de fantasiados, de músicos, de travestidos e de forma muito ativa dos chamados “Blocos Críticos”.

¹⁷² Sra. S. S. Z., 57 anos, 2006.

Mas há de convir que estas fotografias constituem parcialmente a realidade do carnaval de Amargosa, elas compreendem um público muito restrito que tinha condições econômicas, na década de 1950, para registrar, através da fotografia, estes momentos de diversão no período carnavalesco. Quando se analisa as narrativas como um todo, a presença das mulheres em grupos se fazia nos Grupos da “Rua do Fogo¹⁷³” organizados por pessoas como Edgar Freitas, Pompilho e inclusive por uma mulher, a senhora Daza¹⁷⁴. Ainda outros Blocos e Grupos contaram com a presença e muitos eram organizados por mulheres como o Bloco do Casamento e o Grupo ou Bloco das Almas, que serão discutidos no próximo capítulo.

Aparentemente, os treze jovens que participavam do “Aniversário da Jega” não estavam fantasiados, mas só aparentemente. Apesar das roupas serem comuns, estas não eram, necessariamente, comuns ao contexto do “Carnaval de rua”, mas quando associadas ao desfile de um Grupo que estava a comemorar um aniversário, o da Jega, as roupas, aparentemente cotidianas, passam a condição de fantasias, pois estavam os jovens vestidos a caráter para participarem de um aniversário. Assim, “bem vestidos”, com presentes nas mãos, uma Jega fantasiada, um cartaz e instrumentos percussivos, estavam estes jovens prontos para o desfile. Bem vestidos também estavam os oito integrantes do Grupo “8 Gêmeos” por volta de 1953¹⁷⁵.

¹⁷³ Atual Av. Dr. Luiz Sande de Oliveira.

¹⁷⁴ Sra. S. S. Z., 57anos, 2006.

¹⁷⁵ Fotografia atribuída pela depoente A. V. M. R., 66 anos (2008), ao carnaval de 1953.

Figura 18 - 8 Gêmeos



Fonte: Cedida pela Profª. Regina Maria Vaz de Almeida, data aproximada 1953.

Um Grupo carnavalesco composto apenas por homens. Um destes, ao centro, encontra-se travestido, mascarado e lambuzado com algum produto, que poderia ser, de acordo o costume da época, sebo de animal e carvão, mistura que era utilizada pelos “Cão” em seus desfiles¹⁷⁶. Os integrantes tocavam instrumentos musicais variados, dentre estes: tambores de tamanhos diferentes e confeccionados com couro de Jiboia, um afuchê de cabaça e, curiosamente, em meio a instrumentos comumente usados pelas Batucadas que desfilavam em Amargosa neste período, um clarinete. De maneira sintética esta fotografia evidencia como alguns universos musicais aparentemente distintos poderiam ser mesclados em determinados contextos.

Era o carnaval de 1957, quando de modo bastante inusitado e não se pode dizer, bem vestidos, alguns amigos se apresentaram em um bloco carnavalesco que elegeu como traje fraldas e, como acessórios, chupetas.

¹⁷⁶Sr. S. O. E., 63 anos, 2007.

Figura 19 - Os Nenés



Fonte: Cedida pela Prof^a. Regina Maria Vaz de Almeida, data aproximada 1957.

Foi possível identificar, com a ajuda de uma das depoentes¹⁷⁷, ao menos três integrantes deste bloco em comum com os integrantes do Grupo “8 Gêmeos”. Os dez amigos na fotografia acima saíram às ruas no carnaval de 1957, e novamente tem-se um Grupo carnavalesco, ou Bloco, formado apenas por homens. Do Grupo “8 Gêmeos” alguns haviam participado há pelo menos cinco anos antes, em 1953. Porém, os instrumentos musicais eram os mesmos, dois tambores grandes, um médio, um pequeno, todos encourados com couro de Jiboia. O clarinete ainda é, na fotografia, empunhado pelo mesmo componente do carnaval de 1953. Este bloco aproximava-se um pouco mais dos Blocos de sátiras, ou Blocos críticos que foram comumente associados pelas fontes aos estudantes. Uma das depoentes rememorou o desfile do Grupo acima,

Outros saiam de travestidos, saiam de, de, de nenéns, um bocado de homem, os rapazes da minha época, os amigos nossos todos de fralda, de chapéu, de chupeta, ai cantavam também alguma música, que aqui não tinha, não tinha creche, não tinha hospital que tivesse a parte de pediatria ai ia um bocado de criança fingindo que tava doente. Outra coisa o hospital aqui o atendimento era péssimo ai tinha um de acidentado, ai saiam eles acidentados, representando (...) Tem um irmão meu mesmo que ele participava muito disso tudo, tem foto

¹⁷⁷Sra. A. V. M. R., 66 anos (2008).

dele fingindo que tava acidentado todo, tinha mercúrio e tudo. Então essa parte de sátira era interessante acabou quase que completamente, ultimamente a gente nem vê.¹⁷⁸

O fragmento narrativo reporta a dois Blocos satíricos que desfilaram no carnaval de Amargosa. O primeiro era o bloco representado na fotografia acima, o dos Nenéns, que em certa medida reivindicava creches e hospitais com setores especializados para crianças. O segundo bloco que é mencionado no depoimento se refere ao bloco formado também por homens que desfilaram no carnaval de 1954 satirizando as más condições hospitalares em Amargosa. Ambos os Blocos direcionaram críticas às condições gerais de assistência à saúde no município. Abaixo, uma fotografia do bloco que criticou as condições péssimas de saúde no município.

Figura 20 - Crítica aos hospitais



Fonte: Cedida pela Prof^a. Regina Maria Vaz de Almeida, data aproximada 1957.

Pelas fotografias pode-se perceber que eram bem mais comuns Blocos críticos ou de sátiras serem compostos por homens. Muitos destes Blocos foram também associados aos jovens amargosenses que estudavam na capital baiana e que em período festivo retornavam à cidade e, mais precisamente em períodos burlescos, exerciam funções não meramente divertidas, mas políticas no carnaval. Assim, estas sátiras, além do poder

¹⁷⁸Sra. A. V. M. R., 66 anos (2008).

implícito, estavam articuladas também, de certa forma, à questões políticas partidárias. Deste modo uma das depoentes relatou:

E, uma coisa também muito interessante no carnaval, não sei se já foi citada por alguém, é que a política daqui era muito acirrada. Eram dois partidos a UDN e PSD, a minha família toda era da UDN e os grupos faziam muita sátira, a situação política ou do país ou da cidade, através de grupos satíricos que representavam a situação. Por exemplo, a respeito do prefeito, prometia alguma coisa, não fazia ai no carnaval, aquele grupo, meus irmãos, meus primos, era mais até de rapazes do que de moças. Os blocos que eu to falando pouquíssimos entravam rapazes, a maioria dos blocos, esses que eu participei só entravam mulheres. E os blocos que faziam sátiras eram mais de rapazes, mais de homens, por exemplo, “A Luz de Bananeiras”, um exemplo assim bem claro que eu tenho inclusive uma foto dessa, foi prometida pelo prefeito que em Amargosa só tinha luz de noite de dia não tinha luz, quando eu era menor, então, prometiam que ia trazer a luz de bananeira pra funcionar Amargosa com energia elétrica o dia inteiro papapá... e não trazia. Ai saia aquele grupo de roupa comum, mas ai cada um com a bananeira na mão e toda trançada de fio, com as lâmpadas toda pendurada, ai dizendo que chegou a luz de Bananeira, ai eles faziam uma marchinha, uma música, alusiva ao fato e cantavam. Muitas músicas, muitas, muitas, muitas eles saiam.¹⁷⁹

Além de afirmar que estes Blocos eram formados quase que exclusivamente por homens, o que já parece evidente pelas fotografias trazidas, a depoente traz um elemento novo que está relacionado a questões políticas partidárias, no caso específico envolvendo os partidos UDN e PSD. A depoente prossegue citando outro lembrado bloco crítico o intitulado “A Luz das bananeiras”.

¹⁷⁹Sra. A. V. M. R., 66 anos (2008).

Figura 21 - A última “obra” do... Prefeito



Fonte: Cedida pela Prof^a. Belarmina, data aproximada 1958.

Na imagem “A última ‘obra’ do... prefeito” evidencia-se uma crítica direcionada a determinado prefeito que, em tempos de eleição, havia feito a promessa para a população de Amargosa de levar luz da Usina das Bananeiras para a cidade. Como a promessa não foi cumprida, alguns jovens saíram às ruas amargosenses, no carnaval, empunhando mudas de bananeiras com lampiões dependurados e uma placa com o seguinte dizer: “Última obra do...” e então se observava uma charge do prefeito realizando suas necessidades fisiológicas em um pinico esmaltado e logo abaixo com letras menores “Amargosa orgulha-se em possuir a melhor luz do interior bahiano. Vindo das...”. E várias bananeiras compõem o cenário. Atentem para o traje e postura do homem que segura o binóculo e usa um chapéu mais diferenciado dos demais, destacando-se dos outros rapazes que compõem a foto e estão descalços, usam camisas simples de algodão e apresentam as calças dobradas à altura da canela.

O contraste visual é também representativo, pois em oposição aos rapazes que seguram as bananeiras e lampiões, elementos que neste contexto adquirem uma conotação arcaica, encontram-se dois homens com roupas distintas e calçados, sendo que o do lado esquerdo da fotografia empunha ainda um binóculo, elemento associado à tecnologia, e conseqüentemente à modernidade, esta por sua vez remetendo-se à luz

elétrica. O problema de Amargosa com a luz elétrica era antigo. Em 1938 o então concessionário de Empresa “Luz Electra de Amargosa”, Alberto Macedo, pai de Osmar Macedo um dos inventores do Trio elétrico, cobrou dívidas antigas acumuladas desde 1929 até maio de 1938, ano em que o Sr. Raul Paranhos assumiu a administração da cidade. A cobrança aconteceu acompanhada da suspensão do fornecimento de energia¹⁸⁰.

Essas e outras questões que envolviam a vida política da cidade foram temas para os vários Grupos formados especialmente por jovens estudantes do sexo masculino que ficavam responsáveis por fazer as sátiras políticas, organizando os intitulados “Blocos Críticos”. Mas estes não se articulavam sozinhos, ou melhor, estas sátiras não podem ser atribuídas apenas a estes jovens estudantes que voltavam a Amargosa no período do carnaval. O Augusto Tosta, já mencionado como um dos organizadores do Grupo da Ema e geralmente associado às inovações carnavalescas, aparece novamente mencionado no jornal “A Tarde” de 19 de junho de 1991, na edição comemorativa ao centenário da cidade. Assim relatou o Sr. Clóvis de Brito Santos, que rememorou os tempos estudantis na cidade de Amargosa, vivenciados nos anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial: “Tinha mais o violinista Augusto Tosta, quando eu fui convidado para formar a ‘dupla’ e, naturalmente, colaborar na redação das paródias, algumas delas irreverentes.¹⁸¹ Compreende-se deste modo que as paródias direcionadas às precariedades públicas de ordem municipal, estadual ou mesmo em estância federal, não eram elaboradas exclusivamente por jovens estudantes que residiam na capital, estas paródias contavam com a versatilidade e inteligência de amargosenses comuns, pessoas simples, artesãos, músicos, populares que igualmente direcionavam e reelaboravam suas críticas a cada novo carnaval.

Outra categoria de bloco que existia nos carnavais amargosenses, eram os Blocos de travestidos, não menos satíricos, e que também se destacavam no contexto do carnaval.

¹⁸⁰Fundo/Grupo: Secretaria de Justiça/Gabinete. Séries/Livro: Representação contra o prefeito de Amargosa (fotografias). Auto de Defesa do Prefeito da cidade de Amargosa. Datas-limite: 1943. Constam 95 páginas, além de anexos sobre a administração do Prefeito Raul Paranhos que neste auto responde a 27 itens de acusação.

¹⁸¹Sr. Clóvis de Brito Santos em entrevista ao Jornal *A Tarde*, 19 de junho de 1991.

Figura 22 - Os Travestidos I



Fonte: Cedida pela Profª. Regina Maria Vaz de Almeida, data aproximada 1951.

Blocos de travestidos foram comuns ao carnaval amargosense da década de 1950 tanto de homens que se vestiam de mulheres, quanto de mulheres que se vestiam de homens, como mais à frente será abordado o “Bloco do Casamento”, do qual homens e mulheres participavam. Na fotografia acima quatorze amigos se divertem representando tanto mulheres quanto homossexuais, tendo em vista que dois destes jovens protagonizam um beijo para a fotografia.

Figura 23 - Os Travestidos II



Fonte: Cedida pela Profª. Regina Maria Vaz de Almeida, data aproximada 1951.

Uma Amargosa ainda não urbanizada é registrada junto à espontaneidade de dois prováveis amigos que posam de forma insinuante, em uma rua de terra, para o fotógrafo. Brincadeiras como estas eram comuns não apenas aos carnavais amargosenses, a literatura brasileira sobre carnaval aborda de modo bastante intenso estas práticas desencadeadas por Grupos de homens e mulheres cuja principal fantasia era vestir-se do sexo oposto.

Além dos Blocos, Pranchas, e Cordões, os Bailes da Quinze, da Lira, e do Alvorada Tênis Club, ajudaram a reconstituir parte das festividades carnavalescas na cidade de Amargosa e sobre estes modos de brincar serão direcionados os esforços agora.

2.2 OS BAILES DA QUINZE, DA LIRA E DO ALVORADA TENIS CLUB

Em contraste às diversas práticas carnavalescas que ocupavam prioritariamente os espaços da rua na cidade de Amargosa, os Bailes tomavam os salões das associações recreativas, das sociedades Filarmônicas e dos clubes. Eram estes Bailes organizados pela

Associação Cultural Recreativa de Amargosa, pela Sociedade Filarmônica Lira Carlos Gomes, pela Sociedade Filarmônica Quinze de Abril e pelo Alvorada Tênis Club. O “Carnaval de clube”, como ficou conhecido, tinha como frequentadores as pessoas de elite da cidade que não dispensavam as costumeiras fantasias luxuosas já comuns aos Cordões e Blocos.

E tinha o “Carnaval de clube”, que era o ponto alto do carnaval. [...] Os bailes de carnaval. [...] Do Alvorada famosíssimos, da Lira, da Quinze, Quinze de Abril aí da Praça, que ainda permanece assim o prédio meio detonado, já tá meio estragado, mas ainda tem. E tinha um Clube que eu quase... pouca gente quando eu cito não lembra que chamava ACRA, que é naquele sobrado ali em frente ao jardim, onde tem a Casa São Luiz, era ali de junto, onde tem... [...] Não, a Casa São Luiz, eu não sei que loja é aquela, é a Insinuante. Em cima da Insinuante, ali tinha um Clube e também tinha bailes ali, o chamado ACRA, o nome desse Clube, é Associação Cultural Recreativa da Amargosa. Tinha o Alvorada, tinha a Lira e tinha a Quinze, mas eram bailes assim com orquestras maravilhosas, com instrumento de sopro eram três dias, aliás eram quatro dias, que começava sábado, sábado era menos concorrido, sábado, domingo, segunda e terça. Segunda e sábado eram dias que a frequência era menor.¹⁸²

O “Carnaval de clube” representava, como bem afirmou a depoente, “o ponto alto do carnaval”. O depoimento se refere às décadas de 1950 e 1960, tendo em vista que a depoente, a partir dos seus dez anos de idade completos em 1951, já aproveitava os carnavais de Amargosa. Os Bailes aconteciam nos quatro dias de carnaval, que começava no sábado, adentrava o domingo, a segunda, e terminava na terça, sendo o primeiro e o último dias os que apresentavam menor frequência. Em todo caso, estes eram Bailes bastante frequentados. Apesar de dois dos “famosíssimos” Bailes serem organizados e realizados nas sedes de duas Filarmônicas, sabe-se que o som do “Carnaval de clube” amargosense não era tocado pelas Filarmônicas, estas restringiam suas apresentações às épocas mais solenes como festas da Padroeira e Sete de Setembro.¹⁸³ O som dos Bailes era tocado por “orquestras maravilhosas” muitas da própria cidade, outras de cidades próximas.¹⁸⁴ Ainda de acordo com o depoimento foi possível perceber que os Bailes também obedeciam aos circuitos das Pranchas, Cordões e Blocos que compreendiam a Praça do Bosque, o Jardim da Igreja e a Praça do Cristo.

¹⁸²Sra. A. V. M. R., 66 anos (2008).

¹⁸³Sra. A. V. M. R., 66 anos (2008).

¹⁸⁴Convite da Sociedade Filarmônica “15 de Abril” para os Bailes em seus salões. Amargosa, fevereiro de 1952.

Do princípio dos anos de 1950, foram localizados alguns poucos registros sobre estes Bailes em clubes, deste período tem-se a fotografia abaixo:

Figura 24 - O Baile da Quinze



Fonte: Cedida pela Prof^a. Regina Maria Vaz de Almeida, data aproximada 1952.

A partir da década de 1950, foram encontradas fontes sobre os Bailes carnavalescos realizados pelas associações, sociedades Filarmônicas e clubes locais. A fotografia acima é uma exceção dentre as outras, pois traz uma nota significativa “Lembrança do Carnaval Amargosa 26-2-952 Foto J. Nogueira.” Além da nota com datação e nome do fotógrafo, foi possível perceber como o uso de fantasias constituía uma prática e igualmente uma representação dos seus frequentadores. Assim, alguns dos elementos desta fotografia denotam distinções sociais, pela disposição dos mesmos. O centro da fotografia é ocupado por duas garrafas de bebida e praticamente simétrico a estas, dois lança-perfumes. Ao lado esquerdo da fotografia um mobiliário com inúmeros vidros de lança-perfumes de uma famosa marca da época, “RODOURO¹⁸⁵”. Mais à frente será abordado o uso do lança-perfume nestas festividades. Além destes elementos mencionados, as senhoritas estavam dispostas de tal modo que toda a fantasia pudesse ser apreciada, as mesmas eram visivelmente bem confeccionadas e elegantes; quando

¹⁸⁵Sra. A. V. M. R., 66 anos (2008)

associadas ao contexto do “Carnaval de clube”, fornecem indicativos do público frequentador deste Baile em específico.

O Baile representado na fig. 24 aconteceu numa terça-feira de carnaval ao som de “um maravilhoso Jazz da cidade de Itaberaba¹⁸⁶”, no casarão sede da Filarmônica “15 de Abril”, localizado praticamente no entorno da Praça do Cristo. Assim, em fevereiro de 1952, a diretoria da Sociedade Filarmônica “15 de Abril”, teve “a subida hora de convidar V. S. e Exma. Família para tomarem parte nos festejos carnavalescos que esta sociedade está promovendo destacando quatro esplendidos ‘Bailes’ que terão lugar na sua sede Social nos dias 24”. Sede Social, pois estas sociedades Filarmônicas funcionavam como centros de formação para músicos, centro de reunião e lazer dos seus associados, e ainda espaço de realização de eventos como os Bailes carnavalescos, dos quais o público principal era o dos seus associados.

A Sociedade Filarmônica Lira Carlos Gomes, por sua vez, também organizou vários Bailes em seus salões, mas estes se concentraram na década de 1950. Em 1964 foi publicado uma nota no panfleto do Alvorada tênis Clube informando que “o co-irmão LIRA CARLOS GOMES fará realizar em seus ornamentados salões, Bailes Carnavalescos”¹⁸⁷. Porém, outra nota no folheto do Alvorada, mas do ano de 1966, informou que sua co-irmã Sociedade Lira Carlos Gomes estaria reabrindo os seus salões para realização de cinco “monumentais” Bailes, é provável que esta sociedade não tenha organizado Bailes no ano de 1965. O público frequentador deste Baile era formado por pessoas de elite, na voz dos depoentes pelas “moças granfinas”¹⁸⁸, “moças ricas”¹⁸⁹, pelo “povo do Ribeirão”¹⁹⁰ era um Baile “bem arrumado”¹⁹¹. Outra depoente aos noventa e três anos afirmou “Na Lira quando tinha bailes pobre não ia não, só ia rico, porque ficava uma barona na porta que não deixava pobre entrar.”¹⁹² Para terem acesso aos Bailes da Lira e aos Bailes da Quinze, as pessoas tinham que “ter” e que “ser”, tinham que ter dinheiro e

¹⁸⁶Convite da Sociedade Filarmônica “15 de Abril” para os Bailes em seus salões. Amargosa, fevereiro de 1952.

¹⁸⁷Panfleto intitulado “Carnaval em Amargosa” datado de 1964, domínio público. Publicação do Alvorada Tênis Clube.

¹⁸⁸Sra. L. F., 75 anos, 2007.

¹⁸⁹Sra. L. F., 75 anos, 2007.

¹⁹⁰Sr. S. L. A., 75 anos, 2007 se referindo aos moradores da Rua do Ribeirão localizada no centro da cidade, próxima ao Jardim da Igreja.

¹⁹¹Sr. S. L. A., 75 anos, 2007.

¹⁹²Sra. S. L. J. M., 93 anos, 2006.

tinham que ser “da sociedade”, como bem salientou uma das depoentes “o termo era esse da sociedade”¹⁹³.

*O Alvorada já foi mais recente, já foi mais aberto, agora onde havia a coisa mais fechada, tenho a impressão que década de 50 e de 60, era a Lira e a Quinze, na Lira ficava uma pessoa na porta, uma senhora, o termo era para barrar as pessoas, então só entrava realmente quem tivesse dinheiro e fosse considerado da sociedade, o termo era esse, da sociedade, mas pobre não tinha vez mesmo, não entrava mesmo porque era barrado, a verdade era essa. E negro de ascensão social era pouquíssimos aqui em Amargosa, pouco, pouco, pouquíssimos, pouquíssimos.*¹⁹⁴

Como são notadas, as barreiras de acesso a estes Bailes transpunham as questões de ordem social. Distinções de ordem racial também existiam, tendo em vista que “negro de ascensão social era pouquíssimos aqui em Amargosa, pouco, pouco, pouquíssimos, pouquíssimos.”¹⁹⁵ Neste depoimento surge o Alvorada Tennis Club, responsável por organizar o terceiro dos mais afamados Bailes amargosenses. Graças aos panfletos do Alvorada Tennis Club foi possível ter acesso não apenas aos Bailes organizados pelo Clube, mas à dinâmica carnavalesca da cidade, tendo em vista que estes panfletos divulgavam o carnaval amargosense em sua amplitude, não se restringindo aos acontecimentos internos do Clube. Deste modo, foi possível identificar e problematizar proibições, costumes e modos de brincar comuns aos carnavais da década de 1960.

Fundado em 21 de julho de 1963, o Alvorada Tênis Club organizou seu primeiro carnaval em 1964. Na propaganda deste mesmo ano os foliões de trinta e uma cidades, algumas hoje pertencentes ao Vale do Jequiriçá, outras pertencentes ao Recôncavo, além de Feira de Santana e Salvador, foram alertados para “o mais animado Carnaval do Interior Bahiano”.¹⁹⁶ Em 1965, um panfleto deste clube, convidou o seu “distinto Quadro Social” para seus sete grandiosos Bailes carnavalescos.¹⁹⁷ Ainda assim, com tantas distinções associadas ao público destes Bailes, o “Alvorada Tennis Club” foi considerado na narrativa de uma depoente já citada o “mais aberto”. Talvez por aceitar sócios transitórios, como consta no panfleto do clube do ano de 1964: “A fim de proporcionar

¹⁹³Sra. S. B. M., 62 anos. 15/04/2006.

¹⁹⁴Sra. S. B. M., 62 anos, 2006. (Grifo nosso)

¹⁹⁵Sra. S. B. M., 62 anos, 2006.

¹⁹⁶Panfleto intitulado “Carnaval em Amargosa” datado de 1964, domínio público. Publicação do Alvorada Tênis Clube.

¹⁹⁷Panfleto intitulado “Carnaval em Amargosa” datado de 1965, domínio público. Publicação do Alvorada Tênis Clube.

aos animados foliões de outras Sociedades participarem dos dias de alegria Momescas, de acôrdo com os Estatutos do Clube, acham-se abertas as inscrições para SÓCIO TRANSITÓRIO.”¹⁹⁸ Deste modo, abria-se a possibilidade para aqueles que eram sócios de outros clubes ou sociedades, e desejavam participar, associarem-se temporariamente e aproveitar os festejos momescos do Alvorada Tennis Club.

Contudo, existiam foliões que eram sócios de mais de um clube e/ou sociedade. A Sra. A. V. M. R., rememorou suas diligências pelos carnavais amargosenses afirmando ser a mesma sócia de,

Todos, todos, todos, ah! Todos, eu era sócia de todos eles, inclusive do Alvorada. Mas durante muitos anos tinha fantasia, essas fantasias que eu tô falando, que esses blocos também... de noite assim mesmo já ia com essas fantasias, vestia de tarde desfilava pela cidade e depois já de noite já ia pra o clube com a própria fantasia.¹⁹⁹

Deste modo, muitas vezes trajando a mesma fantasia utilizada nos Blocos durante o dia, os foliões aproveitavam os Bailes realizados nos clubes à noite. Estes Bailes também elegiam temas, tal como os Blocos e Cordões, para que de acordo a estes os salões fossem ornamentados. Os Bailes determinavam os temas: “Uma noite no Havaí”, “Paris”, “Carnaval no México”, anunciados nos seus panfletos de divulgação. Ao folião trajado com a mais bonita fantasia costumava ser oferecido um “valioso brinde”. Parecia haver concorrência entre os foliões sobre qual estaria em determinado carnaval com a mais bela fantasia. Assim, o panfleto do Alvorada de 1967 trazia um anúncio de uma conhecida loja de tecidos da cidade, que dizia sobre os tecidos carnavalescos: “são uma brasa mora!!! Adquira-os e torne-se o melhor folião de 1967”²⁰⁰. Os festejos nos clubes variavam entre os Bailes noturnos, as batalhas de confetes e os Bailes infantis, comuns não apenas ao Alvorada, mas também aos Bailes da Quinze.²⁰¹

Embora Milton Santos tenha tentado, pela frequência dos clubes privados locais, aliado a outros fatores, classificar por categorias os extratos sociais urbanos de Amargosa

¹⁹⁸ Panfleto intitulado “Carnaval em Amargosa” datado de 1964, domínio público. Publicação do Alvorada Tênis Clube.

¹⁹⁹ Sra. A. V. M. R., 66 anos (2008).

²⁰⁰ Panfleto intitulado “Carnaval em Amargosa” datado de 1967, domínio público. Publicação do Alvorada Tênis Clube.

²⁰¹ Panfleto intitulado “Carnaval em Amargosa” datado de 1965, 1966, 1968, 1971, domínio público. Publicação do Alvorada Tênis Clube. Convite da Sociedade Filarmônica “15 de Abril” para os Bailes em seus salões. Amargosa, fevereiro de 1952.

no início da década de 1960, ocorreu-lhe que isso não era possível, pois “como pudemos verificar ‘in loco’, qualquer pessoa, mediante o pagamento de uma taxa relativamente baixa, tem acesso aos mesmos, sem distinção²⁰².” Porém, muitas pessoas não apresentavam condições financeiras de se tornar “sócios transitórios” restando-lhes uma única opção para participar dos Bailes do Alvorada Tennis Club:

Lembro-me que muitas vezes pra poder brincar o carnaval eu tive que pular pelo Colégio Pedro Calmon um muro de quase dois metros de altura *pra poder ter acesso ao carnaval*. Pra ir para o Alvorada. Que era o sonho de todo mundo que era, de todos os jovens oriundos da classe pobre, um dia poder participar do carnaval do Tênis Clube. Que era muito bonito mesmo no sentido assim, numa leitura da elite, tinha glamour, as mulheres mais bonitas da cidade, as vestimentas mais exóticas da cidade, enfim acompanhava um pouco o que é a cidade de Amargosa.²⁰³

Pular o muro do Colégio Pedro Calmon, com quase dois metros de altura, era a única estratégia que restava aos jovens pobres da cidade para “ter acesso ao carnaval”. O carnaval do Alvorada com “as mulheres mais bonitas da cidade, as vestimentas mais exóticas da cidade” representavam o “sonho de consumo” dos jovens da “classe pobre”. Mais à frente as Batucadas aparecerão como os espaços de diversão desses jovens da classe pobre. Se, por um lado, Milton Santos afirmou não ser possível categorizar as classes em Amargosa, apenas pela frequência dos clubes locais em dias de carnaval, por outro, não deixou de considerar a divisão por classes enquanto “problema complexo”²⁰⁴.

O Carnaval do Alvorada anunciava em 1967 no “Reinado de Momo”:

A Côrte do Rei e seus Magestosos cordões, alegres Batucadas e o afamado Trio elétrico, ficam com poderes absolutos para mandarem para o inferno tôda tristeza, durante os felizes 4 dias do seu mandato que contarão com a poderosa presença de: Malandros Filhos do Morro, Garotas da Favela, Vem da Vila a Procura do Ritmo, Namorados do Dilema, Afrontando a Tristeza, O Jacaré, Ói nós.²⁰⁵

Apesar de tratar-se de um anúncio do Alvorada, foi comum a todos os folhetos de propaganda do carnaval deste Clube referências às outras práticas carnavalescas da cidade. Assim, o “Carnaval de rua”, as Batucadas, as charangas, os Cordões, as Pranchas,

²⁰²SANTOS, Milton. *et alia.*, *op. cit.*, p. 34.

²⁰³O. M. P. A., 49 anos, 2009. (Grifo nosso).

²⁰⁴SANTOS, Milton. *et alia.*, *op. cit.*

²⁰⁵Panfleto intitulado “Carnaval em Amargosa” datado de 1967, domínio público. Publicação do Alvorada Tênis Clube.

os Blocos, o Trio elétrico, as bandas e orquestras, os Bailes da Lira Carlos Gomes, quem, quantos e como estas categorias se apresentariam, boa parte da dinâmica carnavalesca da cidade podia ser percebida no folheto do Alvorada. Também, registra-se o apoio do comércio local, dos Clubes locais, da prefeitura e do legislativo municipal aos festejos carnavalescos da cidade. Em 1966 tem-se:

Graças a boa vontade e espírito alegre do Jovem Prefeito Municipal de Amargosa e compreensão dos ilustres Membros do Legislativo, contando ainda com a colaboração dos Clubs locais e do Comércio, foi instituída uma Comissão denominada 'Organizadora dos Festejos Carnavalescos de Amargosa' (OFCA), que ajudará financeiramente e superintenderá o CARNAVAL DE RUA, orientando na formação dos Blocos, Batucadas, Pranchas, inclusive a ornamentação das ruas.

Ante esta medida, sem dúvida alguma, o Carnaval de Rua deste ano em Amargosa, fará lembrar os tempos áureos, em que o nobre povo amargozense vibrava de entusiasmos e proporcionava ao Folião-Visitante, as maiores alegrias do Melhor Carnaval do Interior Bahiano.²⁰⁶

A "Organizadora dos Festejos Carnavalescos de Amargosa" (OFCA), instituída em 1966, teria por objetivo superintender o "CARNAVAL DE RUA", constando desta forma, em letras garrafais, no panfleto do Alvorada. A comissão orientaria sobre a formação dos Blocos, Batucadas, Pranchas e ornamentação das ruas. Dessa forma, na década de 1960, Amargosa parece querer lembrar seus "tempos áureos". Como visto, esta década foi marcada pela já decadente, desde o fim dos anos trinta, lavoura cafeeira. Também neste momento teve-se o fim do ramal da estrada de ferro na cidade.²⁰⁷ Quanto à questão de orientação e superintendência do "Carnaval de rua", será visto mais à frente que as Batucadas, por exemplo, eram estruturas bastante organizadas e que tinham como líderes membros da própria comunidade, amplamente mobilizada com os festejos carnavalescos. Outras categorias carnavalescas, como Blocos, Cordões, Grupos críticos, também já apresentavam dinâmica própria de organização e suspeito que não precisavam da superintendência da OFCA.

Como mencionou uma das depoentes, "esses (três) bailes eram do pessoal da burguesia, como se diz, a alta sociedade"²⁰⁸. Os espaços de diversão antes públicos e pertencentes às ruas tornaram-se, com a frequência dos Bailes, privados e determinaram

²⁰⁶ Panfleto intitulado "Carnaval em Amargosa" datado de 1966, domínio público. Publicação do Alvorada Tênis Clube.

²⁰⁷ SANTOS, Milton, *et. alia., op. cit.*

²⁰⁸ Sra. S. B. M., 62 anos, 2006.

de alguma forma o caráter exclusivo das festas. O caráter privado das festas também se associou à centralização destas. Assim, uma das depoentes afirmou “Mãe disse que no tempo que ela era menina, que era carnaval, mas hoje não, hoje só tinha, não tinha, só tinha carnaval em tudo quanto era lugar e agora só tem num lugar só que é na, na Lira.”²⁰⁹ A mãe da depoente nasceu em 1910, faleceu em 1976 e deste modo quando a depoente se refere ao tempo “hoje” e “agora” está se referindo não ao tempo em que o depoimento foi colhido, mas ao tempo em que sua mãe relatou-lhe o seu tempo de menina, em oposição ao tempo em que ambas dialogavam sobre o carnaval de Amargosa. O Baile organizado pela Sociedade Filarmônica Lira Carlos Gomes é eleito, nesta narrativa, como representante do caráter centralizador que as festas progressivamente passaram a apresentar.

Assim, de forma não sectarizada, as elites amargosenses passaram pelas décadas de 1950 e 1960 aproveitando de modo bastante intenso as festividades carnavalescas realizadas na cidade, tanto as organizadas nos espaços públicos das ruas, quanto às organizadas nos espaços fechados dos clubes. Apesar de tenderem às festas fechadas, centralizadas em clubes, de forma mais acentuada, a partir da década de 1950, estas elites puderam aproveitar de forma simultânea os espaços de festas, independentes se eram privados ou se configurados nas ruas. Assim, os mesmos Grupos que saíam às ruas trajados de caretas, poderiam desfrutar no turno oposto dos Blocos ou Cordões e ainda participarem, se assim desejassem, dos Bailes organizados pelas associações, sociedades e clubes.

²⁰⁹Sra. L. F., 75 anos, 2007.

CAPÍTULO 3:
MODOS DE BRINCAR

“Participava todo mundo, Ave Maria arroiava de gente, você pra brincar dava um trabalho.”²¹⁰

²¹⁰ S. F., 53 anos, 2006.

Além das Pranchas, dos Cordões, dos Blocos e dos Bailes, dos quais a maioria do público era composta principalmente por pessoas da elite, mas não exclusivamente por estas, o carnaval de Amargosa também apresentava outras práticas de diversão. Neste capítulo interessa justamente estas outras práticas, aqui denominadas de “Modos de Brincar”. Algumas destas, ainda inseridas no contexto dos Bailes, dos Blocos e Cordões, como o uso do lança-perfume, outras alheias aos carnavais praticados pelas elites, como as Batucadas. Iniciando com a brincadeira do lança-perfume, passando pelo uso deste por crianças, perpassando pelos Trios elétricos, adentrando nas Batucadas e Escolas de Samba, e chegando aos Bailes da Gordura e na prática do Sereno, este capítulo compreende um pouco da dimensão festiva na cidade contemplando àqueles sujeitos que elaboravam seus espaços de diversão e brincavam o carnaval “à parte” dos Bailes e clubes seletivos.

Diz respeito a todos aqueles e aquelas que elaboravam suas festividades utilizando-se principalmente dos espaços das ruas, do barracão de Farinha, enfim dos lugares que primariamente não eram utilizados enquanto espaços de lazer, muito embora fossem espaços de sociabilidades. Neste sentido, as Batucadas se destacavam como estruturas carnavalescas que dependiam vitalmente da comunidade. Os Bailes da “Gordura” e o “Sereno”, bem como o “Grupo das Almas” e o “Bloco do Casamento” deram indicativos preciosos da condição feminina e representações que cercavam mulheres pobres e negras na cidade, das quais muitas participavam dos mencionados Baile, Grupo e Bloco. Neste terceiro capítulo estes homens e mulheres serão modestamente apresentados. Também depoimentos orais, panfletos do Alvorada Tennis Club, já citados, e fotografias constituíram grande parte das fontes utilizadas.

3.1 O LANÇA-PERFUME

Para participar do Reinado do Momo, nos salões do Alvorada, na segunda metade da década de 1960, em pleno Regime Militar no Brasil, os foliões precisavam estar atentos a algumas notas importantes que constavam nos panfletos do Clube. No ano de 1965 a Diretoria do Alvorada informou:

(...) aos seus associados que por ordem do Sr. Delegado de polícia não será permitida a entrada de menores de 13 anos aos bailes noturnos, mesmo acompanhado de seus pais, como também não será permitido o uso de shortes e toalhas.²¹¹

Nos anos seguintes a estas proibições, seria também acrescida a apresentação na portaria da certidão de nascimento dos menores para comprovação da idade mínima permitida. Também passou a serem proibidos: a permanência no clube de pessoas que estivessem visivelmente embriagadas, além da entrada de foliões portando bebidas, o uso de “fantasias indecorosas” ou “trajes incompatíveis com a boa moral da nossa Sociedade” e a proibição ao uso de Lança-perfume.

Contudo, o uso do lança-perfume não era exclusivo ao “Carnaval de clube”. As fotografias da segunda metade da década de 1940 e da década de 1950 encontram-se permeadas por recipientes de lança-perfumes.

Figura 25 - Bloco Carnavalesco II



Fonte: Cedida pela Prof^a. Regina Maria Vaz de Almeida. Data aproximada 1950.

Na fotografia acima se tem representado um dos muitos Blocos carnavalescos que desfilavam em Amargosa, como já foi visto. Nota-se que a utilização dos lança-perfumes era comum aos Carnavais de rua, como ficou conhecido o conjunto de modos peculiares de festejar o Carnaval, tendo como espaço primordial o espaço das ruas. Assim, integrantes dos mais diversos Cordões e Blocos utilizavam-se do artefato para brincar e

²¹¹Panfleto intitulado “Carnaval em Amargosa” datado de 1965, domínio público. Publicação do Alvorada Tennis Club.

interagir com os que iam “espiar o carnaval”, como de modo bastante peculiar relatou a depoente:

Mãe me levava pro carnaval eu era menina, ai mãe me levava pra espiar o carnaval. As careta jogava lança, tinha lança-perfume né! Deixa eu jogar no zói, no zói dessa menina que ela tem o zói muito grande (risos) Eu saia chorando. Que nem uma besta ficava com o zói aberto olhando pras caretas né, as caretas tchá, lança-perfume. Hoje em dia ninguém usa mais lança-perfume, foi proibido não foi?²¹²

Àqueles que não podiam ir às praças centrais da cidade para brincar o carnaval iam para “espiar” as festividades. A depoente rememora uma das situações de sua infância quando as caretas jogaram-lhe lança-perfume nos olhos. As caretas participaram intensamente das brincadeiras carnavalescas caracterizando-se principalmente pela interação que estabeleciam com as crianças, geralmente amedrontando ou direcionando-lhes zombarias. Além de ser utilizado frequentemente como instrumento carnavalesco contra os transeuntes, o lança-perfume nas fotografias pesquisadas apresentou-se como elemento em destaque na composição das mesmas. Às fantasias luxuosas quase sempre são acrescentados os lança-perfumes. Como bem demonstra as fotografias em sequencia:

Figura 26 - Duas senhoritas com Lança-perfume



Fonte: Cedida pela Prof^a. Regina Maria Vaz de Almeida. Data aproximada 1952.

²¹²Sra. L. F., 74 anos, 2007.

Figura 27 - Mocinha e o lança-perfume



Fonte: Cedida pela Prof^a. Regina Maria Vaz de Almeida.
Data aproximada 1950.

A fotografia (fig. 26) traz duas “senhoritas de nossa sociedade”²¹³ fantasiadas, pousando com lança-perfumes nas mãos suspensas. A outra fotografia (fig. 27), não muito diferente da primeira, traz uma jovem também fantasiada e igualmente com o lança-perfume nas mãos. Quase como objeto de distinção social dos demais praticantes das festas, que por desventura não tinham recursos para consumirem diretamente o lança-perfume, esse elemento ganha destaque em algumas fotografias. O lança-perfume era utilizado em larga escala na cidade.

Carnaval era na praça da feira principalmente as tardes ficava lotada por pessoas de todas as classes sociais, confete, serpentina, lança-perfume que era tanto que da rua do Fogo sentia-se o perfume (Não havia viciado em aspirá-lo).²¹⁴

O fragmento acima foi retirado de um manuscrito composto por cinco laudas e que foi escrito nos dias dezesseis, vinte e dois e vinte e três de fevereiro no ano de 1992

²¹³Panfleto intitulado “Carnaval em Amargosa”, datado de 1966, domínio público. Publicação do Alvorada Tennis Club.

²¹⁴Angelysio Cabral dos Santos Borges. Rascunhos pessoais dados de 1992, cedidos pela senhora sua esposa a Prof^a. Célia Barbosa.

por Angelysio Cabral dos Santos, um dos fundadores do Alvorada Tennis Club. Interessou a esta pesquisa as partes em que o autor rememorou saudosamente os carnavais de outrora, “voltando a trinta e quarenta anos atrás era um deslumbramento”. No trecho selecionado acima, o autor do manuscrito fez uma alusão à quantidade de lança-perfume que era utilizado nas tardes carnavalescas na “Praça da Feira”, também conhecida como Praça do Cristo, afirmando que da “rua do Fogo²¹⁵ sentia-se o perfume”. Ainda apontou para o público destas festividades carnavalescas afirmando que era formado por pessoas de todas as classes sociais. Ressaltou no final que, nas décadas de 1950 e 1960, não existiam viciados por aspirar o lança-perfume. Mas nem todos tinham condições financeiras para adquirir o produto e quem não podia valer-se do lança-perfume para perturbar os que iam para “espiar” valeu-se de outros métodos para isso, como os “Cão”, por exemplo.

Muitos eram os Blocos e inclusive Bailes infantis, onde o uso do lança-perfume era permitido, como é perceptível em muitas das fotografias que se teve acesso. O uso significativo de Lança-perfume também pode ser percebido no depoimento da Sra. S. L. J. M., quando a mesma é enfática ao esclarecer os prováveis motivos de suas dores de cabeça,

Era um grande carnaval, era na praça onde é o Cristo, era... até hoje eu tenho dor de cabeça de lança-perfume eu acabei de tomar café e me jogaram lança-perfume até hoje eu não posso botar muito perfume que eu sinto logo dor de cabeça e começo a espirrar.²¹⁶

Observem que a utilização do lança-perfume era bastante comum. Apesar de não ser possível dizer a década a que a depoente se refere, pode-se, através da narrativa e da idade da depoente, afirmar que a memória do acontecido está relacionada à primeira metade do século XX. Embora o Decreto do então presidente Jânio Quadros, proibisse, desde 1961, “a fabricação, o comércio, e o uso do lança-perfume no território Nacional”²¹⁷, a restrição ao mesmo só aparece pela primeira vez no folhetim do Alvorada Tennis Club no ano de 1966.

²¹⁵Popular rua amargosense, rua Dr. Luiz Sande de Oliveira, localizada no Bairro Santa Rita. Alguns blocos carnavalescos eram organizados por moradores da Rua do Fogo.

²¹⁶Sra. S. L. J. M., 93 anos, 2006.

²¹⁷Decreto nº 51.211, de 18 de agosto de 1961.

3.2 A INFÂNCIA PERFUMADA

Em Amargosa, muitas das práticas carnavalescas já apresentadas também eram praticadas pelas crianças. Elas podiam ser encontradas nos diversos modos de comemorar o carnaval, fossem circulando entre as festividades de rua, Cordões, Pranchas, Blocos, Grupos de caretas, de dominós, desfrutando das brincadeiras com os “Cão”, figuras antigas do “Carnaval de rua” amargosense, nos salões mais luxuosos a participar das batalhas de confetes, nos Bailes infantis, organizados especialmente para elas em turno considerado adequado, e quase sempre portando vasilhames de lança-perfume.

A concepção de infância na cidade de Amargosa era bastante definida, às crianças eram reservados espaços diferenciados no carnaval e/ou personagens de ruas específicos, que interagiam de modo bastante peculiar com elas, como a Burrinha, o Jaraguá, a Ema, os Mandús e os “Cão”, vistos com mais atenção posteriormente.

Assim, os espaços nas ruas eram configurados através de disputas, mesmo quando o carnaval era das crianças, adolescentes e jovens. Deste modo, as crianças que pertenciam às famílias mais abastadas da cidade divertiam-se participando principalmente dos Cordões, Blocos e Bailes infantis. Sobre estes pequenos e pequenas existiam ainda distinções outras que, além da classe podiam ser determinadas pelo gênero ou pela raça. Como o caso de alguns Blocos e Cordões que eram compostos apenas por crianças do sexo feminino, exemplificado na fotografia que segue:

Figura 28 - Bloco de Fada



Fonte: Cedida pela Prof^a. Regina Maria Vaz de Almeida. Data aproximada 1952.

Estes Blocos desfilavam acompanhados por orquestras de Sopro, como se nota pelos músicos ao fundo da fotografia; saíam nas segundas e terças feiras de carnaval e eram formados aproximadamente por vinte e cinco a trinta meninas e mocinhas²¹⁸. Como já foi visto, muitos destes Blocos eram organizados entre famílias e ou vizinhos, e estas eram as condições para as crianças desfilarem: estar acompanhadas por mães, tias, primas, ou mulheres mais velhas que se responsabilizavam pelas meninas.

Paralelo aos Blocos, algumas destas crianças participavam também dos Bailes organizados pelos clubes e sociedades, que costumavam, além dos Bailes, organizar as batalhas de confetes. De tal modo que em 1965 o Alvorada Tennis Club convidava o seu “Quadro Social” para “II - DUAS GRANDIOSAS BATALHAS DE CONFETES NOS DIAS 28 DE FEVEREIRO E 02 DE MARÇO, DAS 10 ÀS 12,30 HORAS. III- UM TRADICIONAL BAILE INFANTIL QUE FARÁ VIBRAR A PETIZADA, DAS 16 ÀS 18:30 HORAS DO DIA 1º DE MARÇO”²¹⁹. Pouco mais de uma década antes deste anúncio do Alvorada, os Bailes infantis já eram tradicionais, pois em 1952 a Diretoria da Sociedade Filarmônica Quinze

²¹⁸Sra. A. V. M. R, 66 anos, 2008.

²¹⁹Panfleto intitulado “Carnaval em Amargosa” datado de 1965, domínio público. Publicação do Alvorada Tennis Club.

de Abril convidava “V. S. e Exma. Família, para [...] o tradicional ‘baile’ infantil, na tarde do dia 25”²²⁰, uma segunda-feira de carnaval.

Um costume comum aos Blocos, Bailes, e de modo geral, às crianças ricas que passeavam pelas ruas no carnaval era a fantasia. Como cita uma das depoentes: “Agora outra coisa que eu não vejo mais, que já acabou, é um costume que faz pena é a fantasia. Ninguém ia pra um baile sem fantasia, fantasia estilizada.”²²¹ Costume que apesar de ter sido cumprido à risca pelas crianças ricas não era restrito a estas. Como já foi visto, uma depoente da classe pobre afirmou que desfilava, quando criança, em um Grupo trajando “aquela roupa”, “aquela saiona rodada”, feita com lençol para poder sair pela rua.²²² E para poder sair à rua, no carnaval, era realmente preciso estar trajando alguma coisa, nem que fosse “aquela roupa”. As crianças das mais pequeninas, às maiores, eram adeptas das fantasias. Na fotografia abaixo quatro meninas entre seis e dez anos posam fantasiadas de “Holandesas” e “Baiana”, em 1941 ou 1942.

Figura 29 - Fantasias Infantis I



Fonte: Cedida pela Prof^a. Regina Maria Vaz de Almeida. Data aproximada 1941/42.

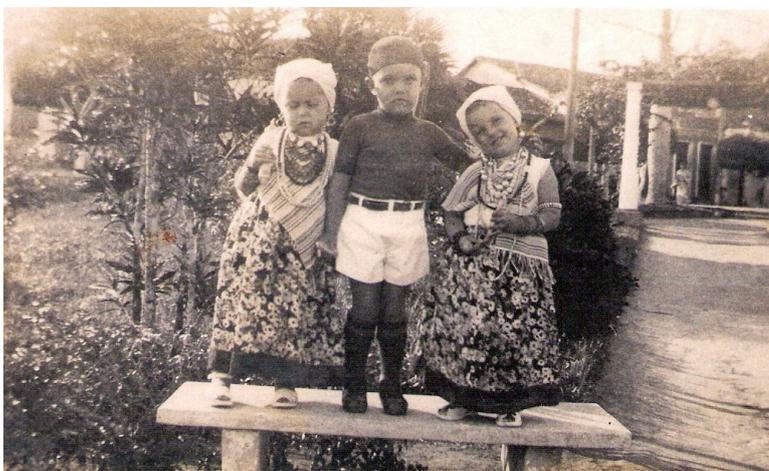
²²⁰Convite da Sociedade Filarmônica “15 de Abril” para os Bailes em seus salões. Amargosa, fevereiro de 1952.

²²¹Sra. A. V. M. R, 66 anos, 2008.

²²²Sra. S. S. Z., 57 anos, 2006.

Nesta outra fotografia três crianças tendo como plano de fundo a Praça Lourival Monte, posam para o fotógrafo, as duas meninas fantasiadas de “Baiana” e o menino de “Goleiro”. A fotografia foi datada por uma das depoentes, que ocupa o lado direito da fotografia, como sendo de 1946. Constatou-se de tal modo que a depoente, que em outro momento afirmou começar a participar dos festejos carnavalescos a partir dos dez anos de idade, teve sua iniciação muito antes, aos cinco anos.

Figura 30 - Fantasias Infantis II



Fonte: Cedida pela Prof^a. Regina Maria Vaz de Almeida. Data aproximada 1946.

Outro costume comum às crianças era a utilização do lança-perfume. É bastante recorrente nas fotografias, se observadas no detalhe pode-se notar em muitas das fotografias já apresentadas crianças a portar lança-perfume. Algumas fotografias conduzem o leitor a outras impressões quanto aos vasilhames de lança-perfume, como a próxima fotografia:

Figura 31 - Irmãos com lança-perfume



Fonte: Cedida pela Profª. Regina Maria Vaz de Almeida. Data aproximada 1947.

Uma observação distraída poderia conduzir o leitor a imaginar uma mamadeira e não um lança-perfume na mão da terceira criança, da esquerda para a direita. A irmã destes meninos atribuiu-lhes as idades de três, seis e dois anos, respectivamente no mesmo sentido mencionado. A utilização, no entanto, era no ar e as crianças apesar de provavelmente inalarem indiretamente, não aspiravam ao lança-perfume.

Mas nem todas as crianças tiveram uma infância perfumada. No próximo capítulo serão vistas algumas demarcações entre as crianças que além de serem demarcações de classe e de gênero também serão pensadas enquanto limites raciais. Trata-se do caso da Escola de Samba Os Inocentes, formada por crianças e adolescentes em maioria pobres, negras ou afrodescendentes.

Porém, a concepção de infância que perpassava os lugares carnavalescos que as crianças ocupavam não compreendia as políticas públicas para as mesmas no município. Assim, em 1963, Milton Santos apontava para “o índice de mortalidade infantil bastante acentuado, em toda a região, atingindo, em Diógenes Sampaio, 400 por mil, [...]”²²³ Todas as crianças brincavam e se divertiam, mas não de modo igual. A infância era vivenciada por estas crianças de modo diferenciado, mas o entendimento de infância era recorrente, no carnaval, a todas. Mais à frente será trabalhado o personagem “Cão” que de tal modo permeou o universo infanto-juvenil trazendo à mostra tensões e relações.

²²³SANTOS, Milton, *et alia.*, *op. cit.*, p. 33. Diógenes Sampaio é o nome de um dos Distritos de Amargosa.

3.3 O “TRIO PARALÍTICO”

A presença do Trio Elétrico na cidade de Amargosa data da primeira metade da década de 1960, pode até ter chegado antes, mas as fontes localizadas permitem estudo a partir desse período. Sabe-se que em 1964 o Alvorada Tennis Club já anunciava: “Este ano o Carnaval de rua será o melhor e mais animado dos últimos tempos: Cordões, Batucadas, Blocos e Mascarados, sendo o ponto alto dois famosos Trios Elétricos, que desfilarão pelas ruas da Cidade.”²²⁴ O Trio elétrico ainda não era amplamente popular nos interiores baianos, porém no carnaval de Amargosa ele já era famoso.

Anterior aos Trios Elétricos, o som do carnaval era feito pelas orquestras da cidade e de cidades vizinhas, que animavam as brincadeiras de rua e dos Bailes, e também pelas Batucadas que desde o início da década de 1940 ensaiavam e desfilavam animando os carnavais. Essas orquestras eram compostas apenas por instrumentos de sopro e em alguns casos percussão. Muitos nomes de orquestras são citados pelos panfletos do Alvorada: “Cardoso e seus Bambas do Ritmo, orquestra já de fama intermunicipal”, concertos sinfônicos dos Jazz “Calça Pura” e o “Jazz Que Sempre Toca”, ainda a “Orquestra Alvorada”, a “Sensacional orquestra Ritmos 70”, “Jazz da cidade de Itaberaba”²²⁵. Sobre as Batucadas um ponto neste capítulo será exclusivo para elas.

Antes da inserção efetiva do Trio elétrico no carnaval amargosense, cabe mencionar a inserção do som mecânico através do “Jegue Elétrico”.

Agora o carnaval era completamente diferente, não tinha Trio, nunca teve, tinha o jegue elétrico às vezes eles botavam o acumulador, e tocavam a música e saía aqueles... esse grupinho que eu falo saía atrás, botavam aqueles panacum, botavam um acumulador, uma bateria (...) Saíam tocando um musiquinha, mas não tinha nada assim, nem tinha carro de som. Tudo era tocado, era músico contratado, orquestras maravilhosas com instrumentos de sopro, muito boas orquestras.²²⁶

²²⁴Panfleto intitulado “Carnaval em Amargosa” datado de 1965, domínio público. Publicação do Alvorada Tennis Club, 1964.

²²⁵Informações coletadas nos folhetos sobre o carnaval de Amargosa. Constam seis exemplares datados de 1964, 1965, 1966, 1967, 1968 e 1971. Publicação do Alvorada Tennis Club. Domínio Público. Documentos cedidos pelos familiares do Sr. Angelysio Cabral dos Santos Borges, um dos fundadores do Alvorada Tennis Club.

²²⁶Sra. A. V. M. R, 66 anos, 2008.

A depoente relata sobre as primeiras modificações quanto ao som tocado no carnaval de Amargosa. O “Jegue Elétrico” que consistia em caixas de som, acumuladores e baterias, dentro de panacuns²²⁷ a desfilar pela cidade, já demonstrava modificações lentas quanto à supremacia das orquestras e Batucadas, quando nem os carros de sons existiam. Mesmo após a inserção do Trio elétrico no carnaval amargosense as orquestras ainda eram comuns, nota-se pela frequência das propagandas carnavalescas, principalmente aquelas divulgadas pelo Alvorada, que era um Club nascente da década de 1960. As orquestras permaneceram durante toda a década de 1960 e início de 1970, a dividir a sonoridade carnavalesca com o Trio elétrico. As duas fotografias que seguem são de um carnaval “vazio”, talvez muitos ainda brincassem pelos bairros ou em outros espaços.

Figura 32 - O Trio-elétrico I



Fonte: Fotografia cedida por um colega que as encontrou em uma ruma de lixo na Prefeitura. Atribuída ao final da década de 1970 e início de 1980 pelo depoente Sr. O. M. P. A., 49 anos, 2009.

²²⁷Cestos que ficavam no dorso de animais de carga, eram comumente utilizados por feirantes como forma de transportar alimentos, feiras e produtos para serem vendidos.

Figura 33 - O Trio-elétrico II



Fonte: Fotografia cedida por um colega que as encontrou em uma ruma de lixo na Prefeitura. Atribuída ao final da década de 1970 e início de 1980 pelo depoente Sr. O. M. P. A., 49 anos, 2009.

As duas fotografias captaram um mesmo momento, mas revelaram ângulos diferentes deste Trio elétrico na “Praça do Cristo”. Na primeira fotografia é possível notar que algumas crianças curiosas correram para ver o que estava acontecendo. A banda estava tocando ao lado (Fig. 32) e em cima do Trio (Fig. 33). Muitos carros e bicicletas ocupavam o espaço da festa, mas o Trio estava parado na praça, talvez naquele momento não houvesse a necessidade de reservar espaços para a circulação do mesmo. As duas fotografias representando um mesmo momento em ângulos diferenciados, possibilitam perceber como as pessoas contemplavam aquela estrutura automotiva, metálica e sonora com curiosidade e certo distanciamento. Parece haver, em certos momentos, determinado estranhamento diante do Trio elétrico na cidade. As fotografias foram atribuídas pelo depoente Sr. O. M. P. A., 49 anos, como pertencentes ao final e início, respectivamente, das décadas de 1970 e 1980. Opondo-se aos espaços “vazios” das fotografias anteriores, tem-se um carnaval bastante movimentado na fotografia a seguir.

Figura 34 - O Trio Elétrico III



Fonte: Fotografia cedida por um colega que as encontrou em uma ruma de lixo na Prefeitura. Atribuída ao final da década de 1970 e início de 1980 pelo depoente O. M. P. A., 49 anos, 2009.

A imagem além de revelar uma senhora surpreendida pelo clique do fotógrafo traz duas crianças na parte inferior da imagem com seus olhares curiosos, e uma terceira criança sem camisa ao lado direito da fotografia que pára de brincar e finta o fotógrafo com os olhos. Ainda é perceptível um travestido, não deveria ser o único, e alguns outros foliões com mortalhas. Nesta fotografia, a maior parte das pessoas que compõe a cena não está fantasiada o que pode ser indicativo de maior presença de populares, em torno do mesmo. Embora a fotografia esteja relacionada ao final da década de 1970, a participação de populares em torno do Trio elétrico foi constante durante toda a década. A presença do Trio elétrico nos carnavais não substituiu a sonoridade das Batucadas, como evidencia o depoimento abaixo:

Na década de 70 completa, 74, 75, 76, 77, que era um cavaquinho, um bandolim, e alguns instrumentos de percussão, ninguém cantava ainda nessa época, não tinha cantor de Trio nessa época. E esse Trio elétrico, quando as Escolas de Samba encerravam esse Trio elétrico ficava até um pouco mais tarde fazendo lá a corre, corre, corre lambretinha, as músicas tradicionais do carnaval, o hino do Bahia era tocado, o hino de Senhor Do Bonfim não podia deixar de ser tocado, enfim era algo assim muito, muito gratificante, porque era naquele momento, na minha opinião, era aquele o único momento que as camadas populares, os artistas da cidade tinham oportunidade de mostrar os seus talentos, eram nas festas de bairro, nas festas populares de bairro e no

momento do carnaval, era ali que eles mostravam quem de fato, a cara digamos assim, da classe pobre e marginalizada da cidade de Amargosa.²²⁸

Neste período, as bandas que tocavam em Trios elétricos ainda não apresentavam vocalistas, em grande medida o som era muito próximo do tocado pelas Batucadas. O caráter popular atribuído ao Trio elétrico é evidenciado pelo depoente. É certo, todavia, que o depoente está se referindo não apenas ao Trio elétrico, mas às festividades de bairro e igualmente ao contexto das Batucadas e Escolas de Samba, da qual era participante. Na década de 1970, parece ser o carnaval o “único momento” em que as camadas populares se faziam representar. Não à toa em 1968 o Trio elétrico já era considerado “famoso” pelos folhetos do Alvorada.

O ‘ALVORADA TENIS CLUBE’ no firme propósito de colaborar também para o absoluto sucesso dos festejos carnavalescos nas ruas de nossa Cidade, apresentará o já famoso ‘TRIO ELÉTRICO’ que ao som do ‘ritimo gostoso’ despertará na alma dos amargosenses as alegrias do coração, fazendo assim esquecer as máguas da vida...²²⁹

Anterior a 1968, o Alvorada Tennis Club, por meio dos panfletos, se autodenomina “comandante da folia momesca na nossa cidade”, pelo fato de mandar às ruas o Trio elétrico “Samua”, que no folheto do ano de 1966 aparece como Trio elétrico “Somua”, igualmente responsável por animar os foliões de rua. A questão é que o Alvorada Tennis Club além de representante do “Carnaval de clube” também ganha *status*, um ano após seu surgimento, de representante do “carnaval de rua”, ou ao menos assim o faz quando anuncia em seus panfletos não só os Bailes, como as brincadeiras carnavalescas outras, e a presença do Trio elétrico nas ruas, se apresentado como grande mantenedor das festividades. Se em 1968 o Trio elétrico foi considerado “famoso”, em 1971 ele ganha outro adjetivo, passou a ser “tradicional”.

Apesar de comumente ser anunciado nos panfletos do Alvorada Tennis Club como parte integrante do “Carnaval de rua”, a presença do Trio elétrico em Amargosa se ateve ao circuito central da festa, compreendido pela “Praça do Bosque”, “Jardim da Igreja” e “Praça do Cristo”. É fato que alguns Blocos e Cordões se detinham a este circuito central, e também foram categorizados como “Carnaval de rua”, mas estas outras categorias de

²²⁸Sr. O. M. P. A., 49 anos, 2009. (Grifo nosso).

²²⁹Panfleto intitulado “Carnaval em Amargosa” datado de 1965, domínio público. Publicação do Alvorada Tennis Club, 1964.

brincar o carnaval, principalmente as organizadas em bairros periféricos, transpunham os limites do aqui denominado “circuito central”.

O Trio elétrico inaugura outra dimensão do “Carnaval de rua”, um carnaval de rua que centraliza as práticas que antes eram intensas nos bairros, ruas, becos e vielas. Isso fez com que as festas passassem a obedecer de modo mais rigoroso espaços pré-determinados. A estrutura urbana da cidade não permitia a circulação do Trio elétrico em grande parte dos bairros, ou mesmo em algumas ruas centrais, o que limitou ainda mais as festividades em torno do Trio que em meados dos anos 1960 foi declarado como sendo o “ponto mais alto” da festa.

Progressivamente, o Trio elétrico, apesar de popularizar-se, centraliza os festejos carnavalescos em torno de si e diminui a expressividade das outras brincadeiras, que, com o passar do tempo e falta de investimentos, findaram-se. Não por acaso em 1992, o mesmo senhor que escrevia os panfletos do Alvorada Tennis Club na década de 1960, proclamando o Trio como o “ponto mais alto” da festa escreveria, em manuscritos sobre “O Trio parálítico, pois não saiu do bosque para dá uma alegria aos bairros de periferia.”²³⁰ O fato é que o Trio elétrico acabou interferindo no processo progressivo de término das demais brincadeiras de rua.

3.4 AS BATUCADAS OU ESCOLAS DE SAMBA?

Nos idos anos carnavalescos da década de 1960, “A coisa pegava fogo!”²³¹ quando as Batucadas da cidade se encontravam ao cair da tarde no coreto do “Jardim da Igreja” para uma emocionante disputa. Assim se referiu Clóvis Brito ao encontro acirrado das Batucadas que acontecia na Praça Lourival Monte com a Batucada de Tide, “um negrão forte”. Os estudantes além dos Blocos críticos, das sátiras, das paródias, também desfilavam em Batucadas. Como relatou Lomanto em entrevista ao Jornal A Tarde: “Os estudantes davam graça e animação à festa, desfilando pelas ruas da cidade, na Batucada ‘Preto e Branco’. Eu participei desse desfile.”²³² Segundo o Sr. Clóvis, a disputa adentrava

²³⁰Manuscritos do Senhor Angelysio Cabral dos Santos Borges datados de 23 de fevereiro de 1992.

²³¹Sr. Clóvis de Brito Santos em entrevista ao Jornal A Tarde, 19 de junho de 1991.

²³²Sr. Luís Sande e Clóvis de Brito Santos em entrevista ao Jornal A Tarde, 19 de junho de 1991.

a noite e só terminava com a interferência apaziguadora do delegado de polícia, convocado pelos próprios pais destes, então, jovens estudantes.

As disputas aconteciam no período do carnaval entre as muitas Batucadas que existiam na cidade. Na década de 1970, as Batucadas se apresentavam pelo circuito central das festas, já mencionado no segundo capítulo, e culminavam na Praça do Cristo em cima de carretas ou pequenos palcos. Porém, a maioria destas, era composta por homens, mulheres e em alguns casos crianças e adolescentes pobres, muitas negras, provenientes dos bairros populares de Amargosa. A cidade apresentava as seguintes Batucadas: “Aurora” do Negro Tide, sede à “Rua de Palha”; a “Estrela de Ouro” de Edgar Freitas e seu Anestino, da “Rua do Fogo”; a “Ritmos da Cidade” de Sr. Alexandre, morador da Rua Eline Passos, também conhecida por “Baixa da Alegria”, vulgar “Baixa do Sapo” e a Batucada “Dois de Julho” do Sr. Adalberto da Rua de Palha.

Quanto aos componentes destas Batucadas, sabe-se que, por serem originárias de ruas “proletárias”, como designou o Sr. Clóvis²³³ ao se referir à Rua de Palha, pode-se afirmar que eram formadas pela classe trabalhadora de Amargosa. A Rua de Palha ganhara este nome pela grande quantidade de casas com telhados de palha²³⁴ que ali existiam. Posteriormente, a “Rua de Palha” passou a ser denominada de “Rua Dois de Julho”. Nesta rua existiram as Batucadas “Aurora” e a “Dois de Julho”. Visualmente o perfil racial que prevalecia, conforme os fenótipos identificáveis na fotografia abaixo eram de negros e mestiços. Segundo depoente²³⁵, o registro é da Batucada “Aurora” do “Negro Tide da Rua de Palha”.

²³³Sr. Clóvis em entrevista ao jornal *A Tarde*, de 19 de junho de 1991. A Rua de Palha era onde também estavam localizados alguns cabarés.

²³⁴Em 1968/1969 os tetos das casas da “Rua de Palha” foram substituídos por tetos de telha resultado de uma campanha do Lions Clube, fundado no ano de 1966. Informações encontradas em: Emanuel Oliveira dos Santos (Sr. Nené), *op. cit.*

²³⁵Sra. A. V. M. R., 66 anos, 2008.

Figura 35 - Batucada Aurora



Fonte: Cedida pela Prof^a. Maria Regina Vaz de Almeida.

O interessante é notar que a depoente identificou o Sr. Adalberto, o quarto da esquerda para a direita, nesta fotografia, datada pela mesma como sendo de meados da década de 1950. As Batucadas eram espaços de formação musical e o Sr. Adalberto, identificado nesta fotografia, formaria mais tarde, em finais dos anos 1960, a Batucada “Dois de Julho”. Existe a possibilidade desta ter sido a mesma Batucada “Aurora” que poderia ter mudado de nome. Pois tanto a Batucada do “Negro Tide”, quanto a de Adalberto, eram provenientes da “Rua Dois de Julho”, popularmente conhecida por “Rua de Palha”. E tendo em vista que o senhor Adalberto foi identificado na fotografia enquanto componente da Batucada Aurora, a possibilidade de mudança de nome não pode ser descartada.

Os espaços da música na cidade de Amargosa possibilita pensá-los enquanto definidores de fronteiras entre os diferentes caracteres festivos, os diferentes modos de festejar, e as diferentes pessoas que participavam das festas.

Assim, sabe-se que as Batucadas eram comuns ao carnaval e às festas de largo, não sendo comuns em ocasiões solenes oficiais. As Filarmônicas isentavam-se completamente dos festejos carnavalescos, não participavam nem mesmo dos luxuosos

Bailes que ocorriam em salões amargosenses. Estas Filarmônicas atuavam em festas “oficiais”, leiam-se as festas cívicas e as festas cristãs católicas, com exceção do carnaval. No lugar das Filarmônicas, muitos grupos musicais e orquestras tiveram atuação intensa, como foi visto, nos Cordões e nos Bailes. Mas, se os Bailes eram ocupados por bandas de sopro, grupos de jazz, as ruas de Amargosa eram habitadas pelas Batucadas. Estas últimas formadas por integrantes que não poupavam esforços nas acirradas disputas que se realizavam pelas Praças e Jardins da cidade, como mencionou a Sra. A. V. M. R.:

Carnaval era instrumento de sopro, como também tinha a Batucada, a Batucada era disputa acirrada, eram três ou quatro Batucadas, inclusive tinha uma de Tide, que era famosíssima, tinha outra também de... esqueci o nome dele, aí na rua da Baixa do Sapo, da Baixa da Alegria, [...] Alexandre da Baixa, que é meu compadre até, tinha a de Alexandre da Baixa, tinha a de Tide e tinha a de Adalberto, eram as três mais famosas e tinham bem outras. Mas aí era disputa, era no Bosque, eles desfilavam na Praça toda, no Bosque, no jardim, em tudo quanto era canto.²³⁶

Apesar de aparentemente distintas, as Batucadas e as Filarmônicas apresentavam muitas similaridades. Primeiro que as Batucadas eram compostas por sapateiros, alfaiates, biscateiros, pedreiros, ferreiros, jardineiros e todos estes trabalhadores apresentavam algum tipo de formação musical. Porém, alguns componentes das Filarmônicas também apresentavam igual condição. Pode-se afirmar que de um modo geral a cidade se mobilizava em torno de festividades diversas que apresentavam caráter profano, cívico, ou religioso. E, para atender a esta demanda sonora, não faltavam músicos, Filarmônicas, Batucadas e bandas de sopro.

Além de situar os lugares das Batucadas e Filarmônicas nas festividades amargosenses é preciso mencionar os lugares de formação musical. Amargosa contava, segundo alguns depoentes, com Escolas de Música. Dentre os Maestros, Mestres e Professores de música, alguns nomes são lembrados, como os de Casemiro, maestro da Filarmônica Lira Carlos Gomes, que depois teria à frente o Mestre Braga, natural de cachoeira, ainda Antonio Lisboa, maestro da Filarmônica 17 de Dezembro, e Mestre Dôla, apelido do Sr. Horácio Lemos. O Sr. Osmar Macedo, um dos inventores do Trio elétrico,

²³⁶Sra. A. V. M. R., 66 anos, 2008.

em entrevista confessou a influência de Mestre Dôla, com seu violino, nas noites de cinema mudo, no seu “gosto musical”²³⁷.

Já o cotidiano das crianças pobres esteve atrelado às Escolas de Samba. Cabe destaque a Escola de Samba “Os Inocentes”, formada na segunda metade da década de 1970. Era composta só por crianças e adolescentes pobres de doze a quinze anos que não eram aceitos nas Escolas de Samba da cidade e que também não participavam de outras organizações carnavalescas. A agremiação nasceu a partir de uma decisão feita, segundo um dos seus integrantes, “debaixo de um poste, na porta de uma Igreja e vizinho a um brega. (...) com o objetivo de participar sem a mínima condição, mas apenas com a boa vontade”²³⁸.

A Escola de Samba “Os Inocentes” desfilou durante três carnavais e reivindicou melhorias para o bairro do São Roque (Rua do Paraíso, Rua Nova, Rua Quinze, Rua de Palha, Rua dos Artistas, Rua da Linha, Beco do Fuxico e parte da Catiara) do qual era originária. Estas eram ruas:

Eram ruas onde existiam muitos músicos, não somente músicos de tocar instrumentos é, pandeiros, tambor, bateria, etc, etc, instrumentos de percussão, mas também músicos que liam partituras, coisa rara hoje em dia, meu pai por exemplo, era um homem sem muita cultura escolar, mas sabia compor e escrever música com muita facilidade. E assim como meu pai, todos os outros alfaiates, sapateiros da rua eram músicos, eles que formavam a banda do lugar, eles que tocavam na Batucada.²³⁹

A Escola de Samba referida era organizada por mulheres²⁴⁰ e seus integrantes foram os responsáveis pela venda de picolés, pipocas, organização de quebra-potes, tudo para que o primeiro desfile fosse possível e o dinheiro do primeiro tambor adquirido, já que até então a Escola era composta por instrumentos de lata. Por haver ensaio, disciplina e organização, no segundo ano o grupo já contava com todos os instrumentos de uma Escola de Samba, além das vestimentas, e desfilou no mesmo palco das Escolas de Samba Dois de Julho e Ritmos da Cidade, as duas Batucadas que mais recebiam

²³⁷Jornal *A Tarde*, 19 de junho de 1991.

²³⁸Sr. O. M. P. A., 49 anos, 2009.

²³⁹Sr. O. M. P. A., 49 anos, 2009.

²⁴⁰Sobre a presença de mulheres negras à frente de organizações carnavalescas modernas, ver: SOIHET, Rachel. *A Subversão pelo riso*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

incentivos financeiros da prefeitura e dos comerciantes para a realização dos desfiles. Como evidencia a narrativa:

E esses meninos com catorze, quinze anos, quando desfilou no palco principal, onde desfilavam as Escolas de Samba, houve um momento que todo mundo parou, porque nós ali reivindicamos, talvez na história da Bahia, um grupo de adolescentes reivindicando os direitos do adolescente, como por exemplo, de um campo de futebol, porque nós jogávamos futebol numa lagoa. Ali havia um campo da cidade, que era um campo da Rua Nova, mas as crianças não podiam jogar nas tardes de domingo ou nas manhãs de domingo. Então ali nós paramos e reivindicamos campo, reivindicamos escola, reivindicamos remédios para as pessoas, porque todo esse movimento era feito por esse mesmo grupo comandado por essa Janete, que era uma pessoa de grande destaque na comunidade. Eu sei que com isso, nós nos tornamos tempos depois, jovens e adultos, extremamente voltados e comprometidos com movimentos populares e com reivindicações futuras de melhorias para a comunidade (...) Então o carnaval em si, depois de muito tempo avaliando, o carnaval em si, não era simplesmente, ou não foi simplesmente um desfile de carnaval, foi um movimento estruturado e organizado, que gerou pessoas comprometidas e voltadas para as organizações populares.²⁴¹

As reivindicações destas crianças e adolescentes foram elaboradas no carnaval. A dimensão política da festa, como já visto, não estava relacionada apenas aos Blocos críticos compostos, em grande parte, por estudantes da capital. A Batucada “Os Inocentes”, composta por filhos de sapateiros, alfaiates e músicos, crianças e adolescentes provenientes de bairros populares, também tinha suas formas de organização política. Seus integrantes, mobilizados desde a compra dos instrumentos da Batucada, aprenderam a reivindicar por escolas, espaços de lazer, remédios, melhorias que beneficiavam não só a eles, mas a todos da comunidade. O espaço do carnaval, além de ter sido utilizado como campo de reivindicações imediatas, educou jovens comprometidos com questões e organizações populares.

Foram mulheres de destaque na comunidade, de nomes Janete, Ana e Gisele, que estiveram à frente da organização da Escola de Samba “Os Inocentes”. Mas foram os meninos e meninas adolescentes que reivindicaram campo de futebol, escolas e remédios. Fatos estes que levaram o depoente a conclusão de que se tornaram jovens e adultos comprometidos com questões populares, em parte, por causa deste “movimento estruturado e organizado” que não foi simplesmente um desfile de carnaval. Por causa do casamento de alguns e do trabalho de outros, ou ainda por terem seus pequenos

²⁴¹Sr. O. M. P. A., 49 anos, 2009.

componentes sido convidados a tocar em outras Escolas de Samba, mas principalmente por escassez de recursos financeiros, os desfiles findaram.

Um dos grandes incentivadores das Batucadas, que financiou as Escolas de Samba foi João Ângelo. Anos depois passou a prefeito da cidade, mas começou sua campanha política nos carnavais. “Vândalos picham Amargosa depois de uma campanha política Racista”²⁴². Esta foi a manchete que encabeçou a página do jornal *Diário de Notícias* nos dias antecedentes ao carnaval de 1977. A reportagem relatou os fatos ocorridos na cidade após um período de campanha política racista, onde o Sr. João Ângelo Pereira foi eleito, sendo o primeiro prefeito negro em Amargosa e também ele um dos músicos que em muitos carnavais havia tocado em cima do Trio elétrico. Por causa das pichações, o jornal apontou que “Além do delegado especial será também solicitado um reforço para o carnaval, que é ‘bastante quente’. Temem as autoridades de Amargosa que o problema venha a se agravar durante as festas momescas”²⁴³.

Se em meados da década de 1970 as crianças e adolescente reivindicavam, através da Batucada “Os Inocentes”, espaço para tocarem no carnaval, esta parece não ter sido uma preocupação das crianças das décadas anteriores. A fotografia abaixo datada de 1943 não é uma exceção quanto à presença de adultos, crianças e adolescentes todos juntos em uma só Batucada.

²⁴²*Diário de Notícias*, Bahia, quinta-feira, 10/02/1977. Documentos cedidos pela Prof.^a Célia Barbosa.

²⁴³*Diário de Notícias*, Bahia, quinta-feira, 10/02/1977. Documentos cedidos pela Prof.^a Célia Barbosa.

Figura 36 - Batucada década de 1940



Fonte: Cedida pela Prof^a. Maria Regina Vaz de Almeida.

Também as reuniões e festas familiares eram espaços de aprendizagem e de exercício musical. Muitos dos clubes recreativos locais tinham instrumentos musicais e chegaram a formar bandas. Dentre eles, o Clube dos Artistas de Amargosa composto por artífices da cidade, como marceneiros, pedreiros, mecânicos e alfaiates. Fundado na década de 1960, sua sede era localizada no 1º andar de uma casa situada na Praça do Cristo, onde também eram realizadas as comemorações de datas festivas diversas e Bailes de Carnaval. Este clube apresentava uma banda com instrumentos de sax, trompete, violão, cabaça e trombone.²⁴⁴

Pela história de Amargosa passaram quatro Filarmônicas, que igualmente foram espaços de aprendizagem e difusão de música. A Filarmônica 15 de Abril, fundada em 1896, tinha sede próxima à Praça do Cristo, possuindo vinte e um componentes em sua banda. A Lira Carlos Gomes, fundada em 1905, teve várias sedes, sendo a última localizada em um prédio defronte ao “Jardim da Igreja”, que inicialmente era para ser

²⁴⁴Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, *op. cit.*

escolar e que, por questões políticas e embargos, acabou se transformando em sede da Lira. A Lira Bonfinense, fundada em 1909, teve sede na Comunidade Rural de Corta-Mão. E, por fim, a 17 de Dezembro ou 17 de Novembro, pois há contradição entre as fontes, fundada em 1932 pelo Sr. Antonio Lisboa, teve sede inicialmente situada à Rua dos Artistas, depois transposta à Rua 15 de Novembro, e talvez por isto a confusão entre os nomes da Filarmônica, que durou poucos anos e pertenceu à Fundação Horácio Lemos.²⁴⁵ Muitos dos músicos da cidade, incluindo os integrantes das batucadas, eram representantes das classes populares e foram oriundos dessas Escolas de Música²⁴⁶.

Após a construção da Praça Dr. Lourival Monte, finalizada em 1934, muitas foram as apresentações das Filarmônicas a se realizarem no Coreto que ocupava o lugar central da praça. As Filarmônicas se restringiam aos períodos solenes, como Festa da Padroeira de Amargosa e desfiles em comemoração ao Sete de Setembro, Dia da Bandeira, Aniversário da Cidade, Aniversário de Getúlio Vargas, ou para recepcionar personalidades.

Nota-se que as “Philharmonicas” participavam de muitas solenidades oficiais, mas se tornaram igualmente populares por também encontrarem-se próximas à “grande massa de povo”²⁴⁷. É bem sensato mencionar que a própria Lira Carlos Gomes, por exemplo, apresentava negros e populares em sua composição, mas também apresentava pessoas “da sociedade”²⁴⁸, como comerciantes, por exemplo. Neste sentido, as Filarmônicas eram relativamente heterogêneas em sua composição social. Entre as atividades “extraoficiais” das Filarmônicas, era possível encontrá-las no Teatro “O Variedades”, fazendo fundo sonoro às noites de cinema mudo e peças teatrais, ou mesmo nos espetáculos de circos.²⁴⁹

²⁴⁵Emanuel Oliveira dos Santos (Sr. Nené), *op. cit.*

²⁴⁶Sr. O. M. P. A., 49 anos, 2009.

²⁴⁷Trecho do relato do vigário, Pe. Antonio José de Almeida, se referindo à presença das Filarmônicas junto a grande massa de povo, escrito no livro de Tombo da paróquia de Amargosa. (LTP, nº 02, p5v e 6). Encontrado em: SILVA, Miguel José da, *op. cit.*

²⁴⁸Ao referir-se a pessoas da elite é comum aos depoentes mencioná-los enquanto pessoas “da sociedade”, pois assim eles eram comumente designados.

²⁴⁹Sr. José Chagas em entrevista o Jornal *A Tarde*, 19 de junho de 1991.

Figura 37 - Lira Carlos Gomes



Fonte: Cedida pela Prof^a. Maria Belarmina dos Santos. No canto à direita, trajando roupa branca, Prof. Braga.

Estáticos, assim se apresentaram os componentes da Lira na fig. 37. Muitos dos instrumentos musicais utilizados por esta Filarmônica eram importados da Europa. A data de registro desta fotografia é desconhecida, mas é muito provável que tenha sido capturada entre as décadas de 1930 e 1950 do século passado. Os fardamentos, o clarinete ao centro, a retidão dos músicos, os elementos centrais da foto, bem como outros instrumentos, mesmo aqueles de percussão, evidenciados e firmes nesta imagem, contrastam com a postura descontraída dos músicos das Batucadas na figura abaixo.

Figura 38 - Batucada



Fonte: Cedida por Emanuel Oliveira dos Santos, sem datação.

Além da descontração é possível perceber a presença de músicos adultos, adolescentes e crianças fazendo parte de uma mesma Batucada. A fotografia foi cedida sem datação, mas nota-se que os instrumentos de “tarracha”, estes assim chamados por serem industrializados, já dividiam espaço com os tambores feitos de madeira e couro de jiboia. Este é um elemento importante na definição destes grupamentos musicais, que após a introdução dos instrumentos industrializados, dos bombos e xique-xique, passaram a ser chamados de Escolas de Samba, segundo um dos responsáveis pela Batucada Ritmos da Cidade²⁵⁰. A Sra. C. O., 68 anos afirma que a diferença entre as Batucadas e as Escolas de Samba estava no “batido”: “porque o batido de um era duma moda a batida de outra era de outra”²⁵¹. Isso, muito provavelmente, já era uma evidencia da diferença de sons gerados pelos instrumentos artesanais e pelos de “tarracha”. Já outro depoente, mencionou elementos novos que se relacionam à problemática da distinção entre as Batucadas e as Escolas de Samba.

²⁵⁰Sr. S. L. A., 75 anos, 2007.

²⁵¹Sra. C. O., 68 anos, 2007.

A Batucada, a Batucada, veja bem, é interessante essa sua pergunta, porque, quando determinadas pessoas da elite tinham interesse de desvalorizar a arte popular, sobretudo daquelas pessoas que tocavam tambor, tocavam cuíca, atabaque, que eram instrumentos que não iam para os templos, não iam para o clube, eram instrumentos de periferia. Então aqueles instrumentos tocados juntos por pessoas simples eram chamados de batuque. E desses batuques surge o nome Batucada. Então, a Escola de Samba é a união de todos esses instrumentos tocados juntos, mas no desfile de carnaval, quando não eram tocados no carnaval se chamava de Batucada. Nos ensaios que antecipavam o desfile de carnaval se dizia, vamos para a Batucada de Adalberto, vamos para a Batucada de Alexandre, mas durante o desfile, que ai tinham, se apresentavam melhor dizendo, é todas as divisões, tinha o passista, a dançarina, porta-bandeira, enfim, a organização dessa Batucada, inclusive o pessoal da corda era o que se chamava de Escola de Samba. Então o mesmo batuque, os mesmos instrumentos e as mesmas pessoas, organizadas e com vestimentas não eram chamadas de Batucada, não eram chamadas de Batucadas, passavam a ser chamadas de Escola de Samba.²⁵²

Os instrumentos das Batucadas, como observado na narrativa, aparecem como àqueles que não eram tocados nos templos religiosos nem nos clubes, eram os instrumentos tocados pela periferia e nas ruas. Quanto à confecção dos instrumentos das Batucadas, os tambores eram feitos com couro de Jiboia e barris de madeira que, depois de cerrados, se transformavam em instrumentos. Também poderiam ser utilizadas “brocas de pau” que eram furadas e forradas com couro de jiboia. As Batucadas tinham como instrumentos musicais tambor, tambor pequeno, tambor grande, tamborim, atabaque, cuíca, agogô e amelê. Muito dos instrumentos artesanais feitos com couro de Jiboia das Batucadas de seu Alexandre, Adalberto, Tide ou Edgar Freitas não se assemelhavam com os instrumentos musicais de uso comum das Filarmônicas. Estes instrumentos e mesmo o violão, só passaram a ser introduzidos nas Igrejas a partir de finais da década de 1970, com a Pastoral da Juventude. Quando estes instrumentos eram tocados juntos, por pessoas da periferia, nas disputas de carnaval, e estas organizadas conforme critérios da comissão organizadora dos festejos carnavalescos e da prefeitura, estes grupamentos musicais contavam em sua organização com passistas, dançarinas, porta-bandeiras e então passavam a ser designadas de Escolas de Samba.

Nos ensaios eram Batucadas, nas ruas durante o carnaval, com o mesmo batuque, com os mesmos componentes, com os mesmos instrumentos, “organizados e com vestimentas” passavam de Batucadas à Escolas de Samba. Nas palavras de Edison

²⁵²Sr. O. M. P. A., 49 anos, 2009.

Carneiro uma escola “é o samba quando desce o morro²⁵³”, isso se referindo ao contexto carioca. Segundo Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti a Escola de Samba seria o fruto da interação do samba com elementos formais de outras manifestações carnavalescas, encontro do samba e seu universo social com outras camadas da sociedade²⁵⁴.

As vestimentas das Escolas de Samba em Amargosa eram financiadas, bem como o foram as substituições dos instrumentos artesanais pelos industrializados, pela prefeitura e comércio. Segundo um dos depoentes que na infância desfilava na Escola de Samba “Os Inocentes”,

a elite pode ter o poder, a elite pode ter o recurso econômico, mas ela não tinha o capacidade de organização das camadas populares como tinham as líderes de comunidade. (...) A elite queria ter um espetáculo, ela precisa de espetáculo, ela precisou de espetáculo na década de 70, então precisava satisfazer. (...) Mas elas apenas davam algumas migalhas para que as pessoas comprassem as vestimentas, as vestes necessárias, porque elas investiam mesmo era no carnaval existente no Alvorada Tennis Club.²⁵⁵

Como visto as elites locais e o poder público municipal, cujos representantes também eram destas, patrocinavam com algumas “migalhas” as principais Batucadas da cidade, o suficiente para aquisição das vestimentas ou renovação dos instrumentos. Mas os maiores investimentos eram direcionados ao “Carnaval de clube”. O espetáculo ao qual o depoente se refere, era o desfile das “Escolas de Samba” que obedecia ao circuito central da festa. Todavia, estas Batucadas aparecem na narrativa como originárias da capacidade de organização das camadas populares, como estruturas que mobilizavam a comunidade, suas ações não eram restritas ao carnaval, elas encerravam-se no carnaval, a mobilização inicial das Batucadas começava em novembro. A organização social necessária e articulações tornaram-se claras no depoimento abaixo:

A escola de samba não é só a escola de samba dos três dias do carnaval. A escola de samba é um movimento de unidade e busca de melhorias dentro do próprio bairro. Porque a Escola de Samba não se dá na véspera do carnaval, nem tão pouco no dia, elas se encontram na festa de São Roque que fazia participação nas passeatas da Igreja, elas se encontram nas festas de bumba-meu-boi, elas se encontram nas festas populares do bairro como quebra-pote, onde se faziam presentes quadrilhas, então criou um vínculo participativo nas

²⁵³CARNEIRO, *apud*, CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro, *op. cit.*, p.89.

²⁵⁴CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro, *op. cit.*

²⁵⁵Sr. O. M. P. A., 49 anos, 2009.

decisões dos problemas dos bairros, a ponto até de buscarem fazer, como por exemplo, ajudas às pessoas carentes, faziam campanhas, por exemplo, faziam quebra-pote.²⁵⁶

Os batuques de um modo geral sempre estiveram na Bahia associados à festividade, liberdade, comemorações e geraram algumas discussões historiográficas²⁵⁷ em torno destes, que comumente estavam associadas aos cultos afro-brasileiros e práticas festivas diversas, rodas de capoeira, às práticas de negros e por este motivo sempre sofreram igual repressão por parte da polícia ou políticas de ordenamento. Em Amargosa, não foi diferente. Os batuques sempre demarcaram espaços de identidades, espaços de sociabilidades. As Batucadas igualmente reforçaram espaços já existentes de sociabilidades e também sofreram processos de ordenamento e organização ou superintendência externos.

As Batucadas de Amargosa auxiliaram na compreensão do contexto das práticas carnavalescas vivenciadas no município. Estas também se constituíram em objetos de investigação histórica, pois evidenciaram as rupturas e permanências pertinentes ao processo de organização do carnaval. Bem como possibilitou pensar os possíveis vínculos existentes entre as Batucadas e as Filarmônicas, talvez estas fossem tão populares quanto as Batucadas. Afinal, a composição social das Filarmônicas era bastante diversificada, além, estas sempre estavam em contato muito direto com a população. Batucadas e Filarmônicas estabeleceram laços estreitos, à medida que as próprias Filarmônicas já atuavam no município desde o final do século XIX como centros de formação musical²⁵⁸. E, apesar das fotografias e depoimentos apontarem, em alguns momentos, distinções que perpassavam o carnaval de Amargosa, como distinções de classe e raça, os espaços de fronteiras não eram fixos. Neste sentido, também se teve acesso a fotografias onde grupos de jovens brancos e abastados apresentavam-se no carnaval empunhando

²⁵⁶Sr. O. M. P. A., 49 anos, 2009.

²⁵⁷ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *Algarra nas ruas: comemorações da Independência na Bahia*. Campinas, Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999. *Idem*. "Esperanças de Boaventuras: Construções da África e Africanismos na Bahia (1887-1910)" In: *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 24, nº. 2, 2002, pp.215-245. OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *No Tempo dos Valentes: os capoeiras na cidade da Bahia*. Salvador: Quarteto, 2005. FRY, Peter; CARRARA, Sérgio; COSTA, Ana Luiza Martins. "Negros e brancos no carnaval da Velha República". In: REIS, João José (Org.) *Escravidão e Invenção da Liberdade: Estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

²⁵⁸Sr. O. M. P. A., 49 anos, 2009.

clarinetes, mas também se apropriavam de alguns dos instrumentos que compunham as Batucadas.

As Batucadas, no entanto, não se restringiam aos períodos carnavalescos, pois muitos foram os ensaios que se realizaram pelas ruas amargosenses, mobilizando os cidadãos que rompiam seus afazeres cotidianos para observarem as Batucadas que passavam as suas portas. Quanto às interações entre Batucadas e Filarmônicas, entre as músicas tocadas por ambas, eram das mais diversas. Não estranhamente, violinos poderiam ser ouvidos nos carnavais amargosenses, acompanhado paródias irreverentes, bem como eram comuns os batuques, mesmo quando estes eram tocados, ironicamente, pelas “Escolas de Samba”.

3.5 O BAILE DA GORDURA E O SERENO

Contrapondo-se aos Bailes da Sociedade Filarmônica Quinze de Abril, da Filarmônica Lira Carlos Gomes e do Alvorada Tennis Club, organizados pela e para a elite amargosense, existiram em Amargosa, o Baile da “Gordura” e o “Sereno”. Estes últimos eram frequentados por pessoas pobres, homens e mulheres provenientes dos bairros periféricos que não apresentavam condições socioeconômicas para participarem dos Bailes mais requintados, como aponta a narrativa abaixo:

Tinha baile separado assim, por exemplo, as pessoas, os grupos da sociedade, as pessoas da sociedade frequentavam esses clubes e os que não podiam que era pago, que nem eram talvez tão barato, pagava por pessoa, e ai os mais pobres, eles tinham baile no barracão. O prefeito contratava um grupo musical um conjunto, não sei nem qual nem como, e ai tocava era sempre no Barracão de Farinha.²⁵⁹

Duas semelhanças existiram entre todos estes diferentes Bailes. As sedes das duas Sociedades Filarmônicas, o Alvorada Tennis Club, e o Barracão de Farinha, onde acontecia o “Baile da Gordura”, estavam localizados nas áreas que compunham o circuito central das festas. E o fato de em todos estes Bailes ser comum a presença de músicos formados pelas Filarmônicas de Amargosa, mas que também integravam as Batucadas e

²⁵⁹Sra. A. V. M. R. 66 anos, 2008.

ou bandas locais. Estes músicos tocavam nos salões dos Bailes das “granfina” e também nos Bailes que aconteciam no barracão, os Bailes das “graxeiras”²⁶⁰.

Já o “Serenó” foi um hábito criado em função dos Bailes da Quinze e da Lira, como o trecho narrativo se refere: “o Sereno exatamente era a participação do lado de fora dos Bailes das pessoas que não tinham acesso (...) então ficava apreciando o Baile de fora, em pé, ao sereno (...) olhando as pessoas entrarem e dançarem e vendo também as fantasias”²⁶¹. Mas esta não foi uma prática restrita ao contexto amargosense, Hidalgardes Vianna se refere à prática similar na Cidade do Salvador denominando-a de “bilhete de Sereno”²⁶².

O “Baile da Gordura”, por acontecer no Barracão de Farinha e pelo seu público ser constituído majoritariamente por trabalhadoras domésticas, fateiras, catadoras de café ou fumo, lavadeiras, feirantes, todas homogeneizadas e associadas à condição de “graxeiras”, ganhou a alcunha pejorativa. Nas palavras de Sr. S. L. A., de 75 anos, “O povo botava o nome de ‘Baile da Gordura’ que é por causa daquele tempo o povo dizia que era o Baile que ia as graxeira tudo. Que as graxeiras tudo ia”.²⁶³ Este Baile era organizado, segundo os depoentes, pela senhora Dona, a mesma que organizava o Grupo das Almas e o Bloco do Casamento, e pelos senhores Alexandre e Adalberto, ambos organizadores das duas principais Batucadas da cidade.²⁶⁴ As clivagens estavam associadas à tez da pele e aos lugares sociais ocupados. Na narrativa abaixo, da Sr^a. S. B. M., ficam evidentes o público frequentador do Baile da Gordura e os critérios de distinção utilizados pelos Bailes das elites na cidade de Amargosa, entre as décadas de 1950 e 1960:

(...) era o Baile chamado Baile da Gordura, onde realmente as pessoas carentes participavam, enfim os pobres mesmo, porque havia uma discriminação social muito grande, *tanto quanto de uma razão social em termos de dinheiro e também da pele, negro não tinha esse acesso todo a esses bailes (...)*²⁶⁵

O público do Baile da Gordura, do Sereno, das Batucadas, do Grupo dos “Cão”, do Bloco do Casamento e do Grupo das Almas era muitas vezes o mesmo. Alguns depoentes

²⁶⁰Sra. L. F., 75 anos, 2007; Sr. S. L. A., 75 anos, 2007.

²⁶¹Sra. S. B. M., 62 anos, 2006.

²⁶²VIANNA, Hidalgardes. *A Bahia já foi assim: crônicas de costumes*. Prefácio de Thales de Azevedo. 2ª Ed. São Paulo: GRD; Brasília: ILN, 1979.

²⁶³Sr. S. L. A., 75 anos, 2007.

²⁶⁴Sr. S. F., 53 anos, 2006 e pela Sra. S. B. J. M., 2006.

²⁶⁵Sra. S. B. M., 62 anos, 2006.

mencionam que desfilavam de “Cão” de manhã cedo, encerrando o desfile às onze horas do dia, depois de terem “corrido a cidade toda, que uma hora da tarde a gente tem de se achar lá na Batucada pra sair na cidade”.²⁶⁶ Já as mulheres que participavam do Bloco do Casamento e que saíam no Grupo das Almas, poderiam ser também encontradas no “Baile da Gordura” ou mesmo no “Serenó”. O primeiro também foi denominado pejorativamente por algumas depoentes como o Baile da “Galinha Verde”, o Baile frequentado pelas “mulé solta na vida”²⁶⁷.

Reginildes Santa Bárbara optou pela análise da categoria de gênero articulada às perspectivas de classe e raça na compreensão de práticas festivas de lavadeiras e filhas de lavadeiras do Tanque da Nação em Feira de Santana. Estas integravam o Cordão das “Melindrosas” e tiveram importante contribuição na constituição do primeiro carnaval fora de época em Feira de Santana. O Cordão agregou mulheres trabalhadoras que faziam deste um espaço de sociabilidades e reafirmação de identidades. Apesar do Cordão das Melindrosas não ter ficado conhecido por um nome pejorativo, as mulheres que participavam do Cordão não deixaram de vivenciar tensões e conflitos no espaço da festa, nem mesmo passaram isentas pelas páginas da imprensa²⁶⁸.

A designação “Galinha Verde”, também atribuído ao Baile da Gordura era proveniente de um antigo brega²⁶⁹ que existiu na cidade por volta dos cinco primeiros anos da década de 1920, onde mais tarde funcionou a usina de energia movida a óleo de mamona.²⁷⁰ Outros bregas também são mencionados pelas fontes. Em “Amargosa de A a Z”²⁷¹, o Sr. Emanuel Oliveira dos Santos, se refere à rua do ABC, possivelmente existente na cidade na primeira década do século XX, composta por 25 casas que correspondiam às letras do alfabeto, afirmando serem estas casas utilizadas por meretrizes. Em reportagem do Jornal “A Tarde”²⁷², há menção ao cabaré do policial João Bergues, que funcionava na cidade nas décadas de 1930 a 1950, e era localizado à “proletária Rua de Palha”,

²⁶⁶Sr. S. A., 58 anos, 2006.

²⁶⁷Sra. S. H., 74 anos e Sra. S. P. C. M., 61 anos.

²⁶⁸SANTA BARBARA, Reginildes Rodrigues. *O caminho da autonomia na conquista da dignidade: sociabilidades e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana – Bahia (1929-1964)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2007.

²⁶⁹O mesmo que meretrício.

²⁷⁰Emanuel Oliveira dos Santos (Sr. Nené), *op. cit.*

²⁷¹*Ibidem.*

²⁷²Jorge Calmon, filho de Pedro Calmon Freire Bittencourt, em entrevista ao Jornal A Tarde, 19 de junho de 1991.

posteriormente Rua Dois de Julho. Quanto à procedência dos frequentadores do cabaré de João Bergues, tem-se uma controvérsia, pois enquanto um dos frequentadores em entrevista ao “A Tarde” afirma que “era freqüentado por gente das mais humildes”, o Sr. Emanuel Oliveira dos Santos, registra que o mesmo cabaré “Era freqüentado pela elite da cidade, devido haver o respeito que ele impunha (sendo o dono do cabaré, o Sr. Bergues, um policial), raramente havia baderna no ambiente”. Os relatos apontam ainda para a existência de outro famoso cabaré existente na cidade, o de Dona, localizado na Rua dos Artistas²⁷³. A recorrência de cabarés nas ruas de Palha, e dos Artistas, ruas onde eram organizados o Bloco do Casamento, o Grupo das Almas, a Batucada Dois de Julho, de onde saíam alguns dos “Cão”, fez com que os homens, mas principalmente as mulheres, fossem discriminados e elas fossem associadas à prostituição.

Além do Baile da Gordura e do hábito do Sereno, as classes populares dispunham do Baile organizado no salão da Prefeitura, que ocupava, como até atualmente ocupa, o antigo Prédio do Instituto do Fumo, localizado no entorno do Jardim da Igreja. Os espaços utilizados para a realização do Baile da Gordura e do Baile da vencedora da disputa das Batucadas, compunham a paisagem urbana de casarios, marcas do apogeu cafeeiro do passado. Embora muitas dessas instalações e armazéns permanecessem na paisagem, estes ou passaram a comerciar apenas com o fumo e a mandioca ou foram transformados em mercados provisórios, como o Mercado de Farinha, que no período ocupava um antigo armazém de café e que no carnaval cedia espaço para realização do Baile da Gordura. Já o Baile realizado no salão da prefeitura, prédio do antigo Instituto de Fumo, era organizado pela administração municipal para a Batucada vencedora da disputa pelas ruas, como afirma o depoente: “Participava todo mundo. Ave Maria, arroiava de gente! Você pra brincar dava um trabalho. (...) Ficava assim em condições, a que vencesse em primeiro lugar ficava com a prefeitura, e a que ficasse em segundo com o Barracão.”²⁷⁴ Já segundo outro depoente, um dos organizadores da Batucada, “fazia o Baile todos dois junto, só disputava na rua, mas no baile todo mundo era igual.”²⁷⁵

²⁷³Supressão do nome original da verdadeira proprietária do Cabaré, localizado à Rua dos Artistas em Amargosa, por preservação da memória de terceiros envolvidos. Utilizarei o pseudônimo “Dona” quando estiver me referindo à senhora que organizava, segundo os depoentes, os blocos das Almas e do Casamento, além de ser uma das organizadoras do “Baile da Gordura”.

²⁷⁴Sr. S. F., 53 anos, 2006.

²⁷⁵Sr. S. L. A., 75 anos, 2007.

A Lira Carlos Gomes nas décadas de 1950 e até meados de 1960, pelos depoimentos colhidos e pelas informações no folheto do Alvorada Tennis Club, organizava os Bailes dos quais a alta elite participava. Já os depoimentos relacionados à década de 1970 apontam para a Lira e para o salão da prefeitura como os espaços onde aconteciam os Bailes das classes populares.²⁷⁶ Mas os salões da Lira e da Prefeitura foram ocupados por estes populares, em períodos carnavalescos, não sem tensões, como aponta o depoimento abaixo acerca dos Bailes quando realizados nos espaços mencionados:

E quando era na prefeitura e na Lira tinha aquele negócio de ficarem pompano (...) Por que lotava mesmo daquelas empregadas tudo dali. (...) E ainda na prefeitura eles não queria que botasse, que dançasse esse povo, naquele salão do lado de cá. E depois a gente ia pra Lira, voltou da Lira também, não queria que botasse todo mundo, depois a gente veio ali pra Quinze. Depois foi acabano, acabano e acabou todo.²⁷⁷

Deste modo, chegou ao fim os Bailes nos salões da prefeitura e da Lira, já o Baile da Gordura foi realizado no Barracão de Farinha até um incêndio que aconteceu e o mesmo foi transferido para outro antigo armazém.²⁷⁸ Mesmo as classes subalternizadas fizeram uso dos modos de diversão que a princípio eram comuns às classes ricas, como os Bailes. Mas foram os populares que deram os contornos sócio-raciais da festa e reelaboraram padrões e significados de brincar o carnaval, que na época “Era um carnaval de pegar fogo”²⁷⁹.

²⁷⁶Sr. O. M. P. A., 49 anos, 2009.

²⁷⁷Sr. S. L. A., 75 anos, 2007.

²⁷⁸Sr. S. F., 53 anos, 2006 e pela Sra. S. B. J. M., 2006.

²⁷⁹Sr. S. F., 53 anos, 2006.

CAPÍTULO 4:
“LÁ VEM OS CÃO...”

“Tem que ir hoje pro inferno, hoje você vai voltar no inferno com qualquer da conversa e se correr eu laço.”²⁸⁰

²⁸⁰L. L. M., 84 anos, 2006.

Dos carnavais de rua amargosenses também emergiram outras práticas e personagens diferentes dos apresentados nos capítulos anteriores. Entre estes personagens podem ser citados como exemplo a Burrinha²⁸¹, o Jaraguá, a Ema, os Mandús, as Caretas, os Dominós e os “Cão”. Nem todos eram exclusivos ao carnaval. A Burrinha, o Jaraguá, e a Ema, por exemplo, poderiam ser vistos na cidade em outros períodos festivos. Já os Mandús, as Caretas, os Dominós, e os “Cão” saíam apenas nos dias de carnaval.

A Burrinha era feita basicamente com cipós e madeira para dar-lhe a sustentação necessária, a esta estrutura colocava-se uma cabeça esculpida também em madeira, e pernas de espumas eram afixadas, os acabamentos eram feitos com tecido de chita, ainda apresentava um buraco ao meio para que com o auxílio de suspensórios pudesse ser vestida por um homem. O Jaraguá, cuja apresentação geralmente acontecia com a da burrinha, este era um protótipo de animal com altura bastante elevada, sua cabeça era confeccionada com queixada de burro e sob a ordem daquele que se vestia de Jaraguá, um mecanismo possibilitava o abrir e fechar da boca. A Ema era feita com recursos semelhantes aos que eram confeccionados a Burrinha.

Os Mandús²⁸² eram pessoas que colocavam uma peneira na cabeça montavam uma estrutura de madeira à altura da cintura e cobriam-se com lençóis, amarrando-se ao meio. Os espaços da rua também foram habitados pelos Dominós e pelas Caretas. Estes dois últimos Grupos poderiam ser formados por adultos, mas parece ser comum, ao menos nas décadas de 1960 e 1970, Grupos de Caretas e de Dominós formados por adolescentes e jovens. Se fosse possível categorizar estes Grupos, seriam ambos Grupos de mascarados, os Dominós com maior preocupação no confeccionar das fantasias, que se assemelhavam às fantasias de arlequim, como rememorou uma das depoentes:

²⁸¹A apresentação da Burrinha acontecia ao som de cantigas populares ouvidas em outras cidades ou inventadas pelos sujeitos que desfilavam e criavam a Burrinha. Dentre uma dessas composições convém citar um fragmento cantado pelo Sr. L. L. M., 84 anos “A burrinha de ouro, é vem, é vem, deixa ela vir, eu vou chegando devagarim.(...) Minha burrinha é de marcha pisada de dia no campo de noite na estrada mas de garupa ela vive cansada da boca da noite até madrugada. Às nove horas quando você for dormir se por acaso pensar em mim, abra a janela devagarinho que eu estou te esperando no meio do caminho. (...) O boi morreu que será da vaca vou tirar o couro pra fazer irucubaca. Depoimento realizado em 27/05/2006.

²⁸²No espaço da festa feirense, na micareta, Reginildes Santa Barbara também menciona a existência dos Mandús. Cf. SANTA BARBARA, Reginildes Rodrigues, *op. cit.*

As caretas que na minha época eu tive muito, participei demais, não eram as caretas que a gente vê por aí, eram dominós, eram lindíssimos por sinal, existiam amigos meus, da minha rua, do meu grupo, nós consistíamos assim uns trinta a quarenta dominós, era tipo uma roupa de arlequim com babado nas duas, nas mangas e nas calças compridas com babados, e uma máscara, quem era do flamengo, desfilava muito os times de futebol a gente fazia assim prestava algum tipo de homenagem, como minha família toda era flamenguista então os meus dominós, os dominós todos eram sempre os dominós do flamengo, mas eram muitíssimos e nós saíamos de manhã, sem instrumento de sopro, sem nada, aí nós saíamos visitando as casas, entrando, panhando, roubando até, panhando fruta, brincando, metendo medo em menino, carro passava a gente pinguava nos carros saía, até em caminhão a gente saía, eram de manhã esses.²⁸³

As Caretas, por sua vez, não deixavam de ter cuidado com as suas fantasias. Elas simplesmente não prezavam por valores estéticos compartilhados por uma elite carnavalesca. Com exceção das máscaras, os trajes das Caretas eram constituídos por roupas cotidianas sobrepostas, geralmente velhas e as vestimentas eram marcadas pelo exagero, seja nas cores, seja na composição das fantasias. Assim, de modo bastante simplista, pode-se dizer que os Dominós eram Caretas bem vestidas. Pois as práticas de visitar e entrar em casas, apanhar frutas, brincar e meter medo em crianças menores ou subir em carros constituíam práticas muito próximas entre as Caretas e os Dominós.

Apesar de compartilharem praticamente os mesmos itinerários, as distinções entre as Caretas e os Dominós, são relatadas. A depoente afirma que as cores das fantasias dos Dominós eram em homenagem ao time de futebol pelo qual provavelmente grande parte do grupo torcia. Deste modo reafirma que os Grupos já apresentavam afinidades que no carnaval eram apenas reforçadas. Muitos destes Grupos eram formados por amigos, pessoas da mesma rua, ou membros familiares.

Porém, outro depoente, trouxe uma nova representação relacionada às cores das fantasias dos Dominós:

Era o carnaval onde saiam alguns blocos da elite de Amargosa. Não lembro agora o nome do bloco, mas neste bloco saiam professoras, é... funcionários públicos, enfim, pessoas que tinham um certo prestígio dentro da sociedade e que valorizavam o 'Carnaval de rua' e que saiam de Dominós. A cor simbólica de quem se destacava dentro da sociedade, a cor que eles usavam, era o vermelho e o amarelo e a máscara não era máscara preta, a máscara do dominó era ou de cor branca ou de cor azul. Isso denota, denota, nessa vestimenta uma certa divisão de classe porque do outro lado da cidade existiam aquelas pessoas mais humildes que também não saiam de dominó, mas saiam de careta. Que era uma outra espécie de vestimenta do carnaval propícia das camadas populares

²⁸³Sra. A. V. M. R, 66 anos, 2008.

que muitas vezes quando passava na rua central da cidade as pessoas que ficavam nas janelas observando identificavam quem era da elite e quem era da classe mais humilde, classe popular, classe popular de periferia saia de careta, quem era da elite saia de dominó.²⁸⁴

O depoente fornece indicativos dos profissionais que compunham a então “elite” de Amargosa na década de 1970: professores e funcionários públicos. Não se distanciando muito da avaliação de Milton Santos em equipe, em 1963: “funcionários federais, funcionários aposentados e professoras que, se poderia dizer, constituem as classes mais elevadas da localidade, incluindo-se entre êstes, os médios proprietários”²⁸⁵. Estas distinções de classe não deixavam de existir no contexto carnavalesco, exemplificado no prestígio daqueles que saíam de Dominós em detrimento dos que saíam de caretas. Até as cores das fantasias davam indicativos sobre as condições sociais e econômicas daqueles que desfilavam. Sobre as distinções Caretas/Dominós de modo bastante elucidativo o depoente afirma “classe popular de periferia saia de careta, quem era de elite saia de dominó”.

Das práticas estudadas, dos sujeitos apresentados nos capítulos anteriores e dos personagens mencionados neste, os “Cão” foram os elementos identificados como mais representativos do “Carnaval de rua” popular amargosense. Os “Cão” saíam apenas no carnaval, eram homens negros ou mestiços que se trajavam de diabos, e desfilavam pelas ruas amargosenses interagindo das mais diversas formas com os transeuntes.

As narrativas colhidas sobre os “Cão” forneceram elementos importantes para a compreensão do imaginário popular festivo em suas dimensões religiosas, bem como fundamentou uma discussão acerca das condições sociais e culturais destes sujeitos. Das brincadeiras dos “Cão” todos os depoentes, em alguma medida, remoraram seus feitos²⁸⁶.

4.1 “LÁ VEM OS “CÃO” ... DE RABO, CHIFRE E LAÇO”

²⁸⁴Sr. O. M. P. A., 49 anos, 2009.

²⁸⁵SANTOS, Milton. *et alia.*, *op. cit.*, p. 34.

²⁸⁶Sra. A. V. M. R, 66 anos, 2008; Sr. S. A., 75 anos, 2007 e Sra. L. L. M., 84 anos, 2006.

Dentre as diversas formas de brincar o carnaval, ouvem-se, repentinamente, sons endiabrados, correrias e gritos estridentes. Configura-se diante das mentes e dos olhos das pessoas uma visão do juízo final. De forma extraordinariamente cômica e assustadora para os transeuntes, ecoam pela cidade, especialmente pelos bairros mais populares: “Lá vem os Cão... Lá vem os Cão de chifre, lá vem os Cão de rabo...”²⁸⁷ e todos correm às ruas para ver aquelas figuras atravessarem a cidade de Amargosa, nos dias de carnaval.

A respeito dos “Cão” outrora explicou o Sr. S. O. E., 63 anos, que desfilou de “Cão” durante a década de 1960:

Como é o ‘Cão’? É a gente vai pegar o sebo, pisar o carvão, certo, pegar um prato de queijo furar botar as gaia, ai agora a gente passa o sebo no corpo, fica preto, bota uma máscara na cara, um rabo, um choçaió, uma corda e nós sai pro mei da rua.²⁸⁸

A estética dos “Cão”, se traduzia em poucas palavras, mas com algumas variações, na descrição acima. Os “Cão” podem ser descritos da seguinte forma: a pele enegrecida com sebo de animal e carvão ou óleo queimado; pés descalços; corpos em evidência, seminus; emissores de sons que mais pareciam aboios ou zunidos vindos do próprio inferno; rabo feito de corda de sisal; utilizavam cordas para laçar; chocalhos presos à altura da cintura; máscaras grosseiramente confeccionadas em tecido de cor preta, que tendiam a apresentar bocas e narizes proeminentes, contornados em cor vermelha; e os chifres de bois. Mormente, ocorriam variações nestes trajes que impossibilitam a definição de um padrão estético fixo. Sem dúvida, esse personagem configurava-se em uma concepção de diversão totalmente dissonante das outras práticas empreendidas pelas classes mais abastadas no carnaval de Amargosa.

Todas estas características dos “Cão” lhe eram úteis no desencadear das brincadeiras durante os dias de carnaval. Os chocalhos anunciavam a circulação destes pela cidade. As máscaras, os corpos pintados, e os rabos, conferiam ao “Cão” uma feiura assustadora. As cordas serviam-lhes de laço para ameaçar os cidadãos e crianças. O ápice da fantasia se dava no coroar de chifres de bois, pregados em uma lata de queijo e depois

²⁸⁷“Lá vem os ‘Cão’... Lá Vem os ‘Cão’...” É uma expressão popular que a oralidade instituiu, em dias de carnaval, para anunciar a chegada dos “Cão” às ruas em seu trajeto carnavalesco. Fragmento da narrativa do Sr. S. A., 59 anos, 2006, que desfilou de Cão durante a década de 1960 em Amargosa, completando os sete anos determinados pela tradição oral.

²⁸⁸Sr. S. O. E., 63 anos, 2007.

afixados na cabeça por uma espécie de elástico ou corda. Estes chifres lhe aproximavam mais ainda do imaginário popular sobre o diabo.

A prática em si, exclusiva a homens, não se reduzia a estética da caracterização, mas consumava-se, especialmente, nas ações controversas empreendidas pelos “Cão”. O grupo destoava racial, cultural e socialmente dos outros modos elitizados de experimentação do carnaval na cidade. As ações empreendidas por eles aproximavam-se em demasia dos modos de brincar do Entrudo, ao melar os transeuntes, já citadas na introdução. Todos estes aspectos, inevitavelmente, geram aproximações entre o Grupo dos “Cão” e as práticas da cultura cômica popular evidenciadas por Mikhail Bakhtin e relacionadas ao contexto de François Rabelais, na Idade Média e no Renascimento.²⁸⁹ Assim, indícios do Realismo Grotesco Rabelaisiano foram identificados na prática dos “Cão” de Amargosa, não obstante, este realismo constitui ainda hoje as matrizes das práticas modernas de festejar o carnaval.²⁹⁰

O desfile dos “Cão” constituía-se em uma prática festiva costumeira entre os homens pobres e negros da cidade de Amargosa. Todos que foram identificados, sem exceção, eram trabalhadores braçais: vaqueiros, ferreiros, carregadores ou jardineiros. O Sr. L. L. M., 84 anos, que costumava desfilar de “Cão”, também chegou a ser um dos responsáveis pelas apresentações da Burrinha em períodos de festa. Porém, como “Cão” ele costumava sair sozinho e sem chifres, desfilava com um chapéu onde afixava orelhas grandes, segundo o mesmo, pra ficar diferente, isto em finais da década de 40 e início de 50. Mas, igualmente aos demais, costumava ameaçar e às vezes laçar as pessoas. Como nota-se no fragmento narrativo:

Um homem do armazém ali, pegô e disse ‘eu dô trinta, trinta conto se eu mandar um rapaz passar correno ali de lá da rua, dali do lado, passar ali na Rua das Flor e na hora que passava eu chegava assim eu vummm! (...) Se eu laçasse o menino correndo, e eu já sabia laçar muito mermo [risos].²⁹¹

²⁸⁹BAKHTIN, Mikhail, *op. cit.*

²⁹⁰BAKHTIN, Mikhail, *op. cit.* Termo cunhado por Mikhail Bakhtin, ao se referir ao contexto de François Rabelais na Idade Média e no Renascimento. Ao estudar a cultura popular no período mencionado, denominou de “Realismo Grotesco” práticas literárias e culturais de caráter popular e europeias que se constituem ainda hoje em algumas das muitas matrizes do carnaval moderno.

²⁹¹Sr. L. L. M., 84 anos, 2006.

A experiência dele no manejo com o laço, em tempos de carnaval, provinha das habilidades desenvolvidas conforme as exigências da sua profissão: vaqueiro. Aos “Cão” foram atribuídos adjetivos relativos à vadiagem, embriaguez e vícios. Estas associações e outras tantas relacionadas aos que saíam de “Cão” mostram o quanto estes foram estigmatizados. Grande parte dos sujeitos que desfilavam de “Cão” era proveniente dos bairros de São Roque e Catiara, bastante populares. O que forneceu indicativos de classe a respeito do grupo. Quanto aos indicativos de raça, fenopiticamente são homens negros, e aqueles que não o são visualmente negros, demonstraram, em depoimento, ter alguma relação identitária com Terreiros de Umbanda, ou Candomblé²⁹². A lembrança mais antiga sobre a existência dos “Cão” remete a década de 1930²⁹³, quando as práticas de Entrudo ainda vigoravam na cidade.

Os “Cão” desfilavam no carnaval e nunca chegaram a formar um único Grupo homogêneo, sabe-se que Grupos eram compostos por amigos ou conhecidos que decidiam sair de “Cão” e então desfilavam por praticamente todas as ruas da cidade. Estes se reuniam muito cedo, geralmente em um pasto, ou espaço semelhante – o importante era evitar que terceiros os vissem trajando-se de “Cão”. Quando iniciado o desfile, os “Cão” se organizavam estrategicamente em Grupos menores ou ainda em duplas, que, ao chegarem aos bairros, se dividiam pelas ruas, para que desta forma um maior número de pessoas e crianças pudessem ver os “Cão” passarem. Mas os Grupos nunca eram desfeitos neste trajeto, eles poderiam passar pelas ruas principais juntos, e ao se depararem com duas ruas que mais a frente se encontrava, se dividir para posteriormente se reunirem.

Por causa desta estratégia de desfile, há depoentes que rememoram apenas um “Cão”, outros se referem a dois, há ainda aqueles que se referem a um bando de “Cão”. A questão é que o Grupo dos “Cão” nunca chegou a apresentar uma estrutura convencional com hierarquias bem delimitadas. Foram através de suas experiências cotidianas, laços de parentesco e de amizade que o Grupo se constituiu. O desfile nunca obedeceu a um circuito fixo, muito menos se restringiu ao centro da cidade. Os “Cão” circulavam pelas ruas, por todas as ruas da cidade, sem que precisassem ser anunciados, ou tivesse horário

²⁹²Sobre identidades negras afro-referenciadas ver: PINHO, Patrícia de Santana. “Identidade africana feita na Bahia”. In: *Reinvenções da África na Bahia*. São Paulo: Annablume, 2004.

²⁹³Sra. S. L. J. M., 93 anos, 2007.

marcado, sabe-se que saiam, preferencialmente, nos domingos e terças de carnaval, mas há vários relatos de “Cão” desfilando na segunda.

Neste longo trajeto se davam as mais variadas perturbações aos cidadãos. Mas antes que se chegue a esta discussão, que foi empreendida em um subcapítulo, é interessante ater-se às representações destes “Cão” geradas pelos sujeitos que desfilavam como tais, bem como outras formuladas em torno deles. Na memória de Sr. S. A., 75 anos,

Eles [os “Cão”] botava aqueles sinos e era mais fechado e não via o movimento do pessoal, *fazia mesmo um tipo de “Cão” mermo*, ficava com aquela boca vermelhas, aqui nos lábios também e o capacete com chifre, tudo preto e eles vinha de lá e tudo com aquele movimento, que você via de lá tomava aquele medo né, os “Cão” era isso. (Grifo nosso)²⁹⁴

A descrição acima, apresenta alguns dos aspectos dos “Cão” na cidade de Amargosa. No relato de Sr. S. A., 75 anos, os sujeitos que saiam de “Cão”, “fazia mesmo um tipo de cão mermo”. O trecho acima é tão enfático na caracterização do “Cão” e tão específico na afirmação de que parecia um “Cão” mesmo, que é difícil não acreditar que o depoente nunca tenha visto um Cão, um diabo. Mas este não foi o único a se referir a caracterização do “Cão” de modo detalhado e comparando-o com o diabo, com o “Cão” de verdade, que dá sustentação representativa à prática²⁹⁵.

Os “Cão” foram personagens muito frequentes nos carnavais de rua até a década de 1980. A prática, reinventada a todo o momento, permanece timidamente nos carnavais de rua amargosense. Todos aqueles que saíam e os que ainda saem de “Cão” assim afirmaram fazer, pois, ou viam os outros saindo e gostavam da brincadeira²⁹⁶; ou porque os mais velhos morriam; ou então algum dos “Cão” completava os sete anos determinados pela tradição oral como período para que abandonassem a prática. Desta forma, outras gerações de “Cão” prosseguiram com a espontaneidade das brincadeiras e “diabruras” carnavalescas.

No entanto, as “diabruras” praticadas pelos “Cão” não se restringiram à sociedade amargosense. A prática dos “Cão” era recorrente na Bahia às cidades de Brejões, Nova Itarana, Jequié, Jiquiriçá, Muritiba e Jacobina. Já no contexto carioca de finais do séc. XIX,

²⁹⁴Sr. S. A., 75 anos, 2007.

²⁹⁵Sr. S. A., 75 anos, 2007; Sr. S. A., 58 anos, 2006; Sra. S. S. Z., 57 anos, 2006.

²⁹⁶Sr. N. M. D. E., 52 anos, 2006.

Maria Clementina Pereira Cunha, identificou “diabinhos” das classes pobres que causavam crescente temor e praticavam “diabruras” pelas ruas da cidade. As pessoas que costumavam adotar a máscara infernal em sua versão popular foram identificadas pela imprensa como: “crioulos-diabos, escravos, forros e ‘cidadãos matriculados’(...)”²⁹⁷. As notícias utilizadas como fontes pela autora enfatizavam o perigo representado pela “condição temporária de anonimato diabólico”²⁹⁸ que estes indivíduos assumiam no “Carnaval de rua”, providos de cauda e chifres.

As principais festividades da cidade, enumeradas no primeiro capítulo, estavam atreladas ao calendário cristão. Incluindo-se entre estas o carnaval, sendo considerado por alguns autores como a mais importante das festas cristãs²⁹⁹. O modo dos “Cão” experimentarem o carnaval, suas concepções de diversão, brincadeiras empreendidas, as suas doses de loucura nos dias de folia, se configuravam em elementos de diferenciação social, bem como de suas realidades socioeconômicas e vivências religiosas. Estes “Cão” foram silenciados pelas fontes escritas e algumas vezes registrados pelas lentes dos que encontravam nos “Cão” a beleza de uma cultura exótica³⁰⁰. Silêncios “justificáveis”, pois quem haveria de querer o “Cão” como patrimônio de sua cidade?

Os “Cão” em Amargosa, numa perspectiva de brincar com o medo das pessoas, instituíam o riso cômico popular. Brincadeiras que de modo avesso provocavam o riso através do medo. De tal modo que os “Cão”, não raramente, causavam tipos involuntários de emoção, que nem sempre se traduziam em riso. Estes sujeitos também participavam de outros modos de brincar o carnaval. Muitos destes que saíam de “Cão” pela manhã, à tarde participavam das Batucadas. Outros ainda integravam Grupos de Afoxés³⁰¹, como o Sr. S. O. E., 63 anos. Segundo o mesmo, “Saia com bloco também de índio, de caboclo de Candomblé, aí a gente parou de fazer (...) Era afroxé, era de índio, vestido de índio, baiana, coisa de macumba mermo”³⁰².

²⁹⁷CUNHA, Maria Clementina Pereira, *op. cit.*, p. 37.

²⁹⁸*Ibidem*, p. 37.

²⁹⁹BAROJA, Julio Caro, *op. cit.*

³⁰⁰REVEL, Jacques. “A beleza do morto, o conceito de cultura popular”. In: *A invenção da sociedade*. Lisboa: DIFEL, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

³⁰¹Sobre Afoxés ver: FILHO, Raphael Rodrigues Vieira. “Folgedos Negros no Carnaval de Salvador (1880-1930)”. In: SANSONE, Livio; SANTOS, Jocélio Teles (Orgs.). *Ritmos em trânsito: Sócio-Antropologia da Música Baiana*. São Paulo: Dynamis Editorial; Salvador, BA: Programa a Cor da Bahia e Projeto S. A. M. B. A., 1997.

³⁰²Sr. S. O. E., 63 anos, 2007.

Sobre as experiências religiosas afro-brasileiras em Amargosa são poucas as fontes. Sabe-se que no auto de defesa do Sr. Raul Paranhos, datado de 1942, estas práticas religiosas, mencionadas como “despachos”, foram incluídas em uma série de outras práticas, caracterizadas como “vergonhosa e abusiva”³⁰³. As transgressões carnavalescas, não raramente, são ecos das relações empreendidas entre as classes e os grupos étnicos diferenciados, por isso é importante o estudo destas relações festivas, como forma de compreensão das relações estabelecidas cotidianamente.

4.2 “É PANTOMIA DO DIABO”

Mais do que ameaças, os “Cão” eram educadores, seu viés pedagógico assemelhava-se ao que Emanuel Soares denominou de “pedagogia da malandragem”, mas referindo-se a Exu³⁰⁴. Segundo Soares, Exu tem a ludicidade e a malandragem como características. Por meio destas, dão lições, ou simplesmente se divertem com o prazer de jogar com a vida. Pensar a dinâmica dos “Cão” sob outros referenciais de leitura é definir o próprio termo “Cão” utilizado comumente não apenas na cidade de Amargosa, mas na Bahia de um modo geral. Convém demonstrar como a prática dos “Cão” está atrelada as representações do diabo, num jogo circular contínuo que configura os “Cão” de Amargosa. Um recurso para se pensar este jogo tenso é a concepção de táticas de Michel de Certeau, compreendidas enquanto procedimentos de caráter informal que atuam no espaço do outro, no lugar (controlado), e instituem um novo espaço, ou “lugar praticado”³⁰⁵.

Abaixo o depoimento do Sr. S. O. E.,

Ela brigava comigo pra não sair (...) ela não gostava não, eu dizia mãe isso aí é uma brincadeira mãe. ‘Menino, menino, não faz isso não, isso é coisa do diabo’, e eu dizia é coisa do diabo mermo [risos] aí pronto.(...) Ô, se ela

³⁰³Fundo/Grupo: Secretaria de Justiça/Gabinete. Séries/Livro: Representação contra o prefeito de Amargosa (fotografias). Auto de Defesa do Prefeito da cidade de Amargosa. Datas-limite: 1943. Constam 95 páginas, além de anexos sobre a administração do Prefeito Raul Paranhos que neste auto, responde a 27 itens de acusação.

³⁰⁴SOARES, Emanuel Luís Roque. “As Vinte e uma faces de Exu, o senhor dos caminhos – Laroîê Exu”. In: VASCONCELOS, José Geraldo; PINHERIO, Andréa; ATEM, Érica (Orgs.). *Polifonias: vozes, olhares e registros na filosofia da educação*. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

³⁰⁵JOSGRILBERG, Fábio B. *Cotidiano e Invenção: os espaços de Michel de Certeau*. Coleção Ensaios Transversais. São Paulo: Escrituras Editora, 2005, p. 28.

trabaiava com o diabo, o pior é que ela trabaiava, aí ela já conhecia né...(...) Aí ela achava que a gente tava fazendo aquilo que era pantomia³⁰⁶ do diabo, mas ô mãe isso é uma brincadeira que a gente faz, ‘menino, menino, deixa disso’, aí a gente enganava ela, vinha pra Amargosa e saía.³⁰⁷

Natural da cidade de Jequié, o depoente aos 10 anos passou a residir em um distrito de Amargosa aos cuidados da “Velha Raquel”, a quem no depoimento chama de mãe. Referindo-se ao que sua mãe, dona de Terreiro de Umbanda e curandeira, achava sobre a sua prática de “Cão”, ele sugere que a mesma considerava “pantomia do diabo” e o repreendia. Essa é uma possível associação entre as religiões de matriz africana e a representação dos “Cão”, que se faz notória no discurso emitido e se torna enfática no trecho em que o mesmo afirma que a Velha Raquel “trabaiava com o diabo, o pior é que ela trabaiava, aí já conhecia.”

Dentro do contexto das religiões de matriz africana, Roger Bastide aborda esta associação relegada a Exu. Afirma que a associação entre Exu e o diabo foi construída através de uma forte expropriação sociocultural pelos quais passaram os povos africanos escravizados. Uma associação constituída pelo discurso hegemônico colonizador cristão entre Diabo/Cão/Exu no imaginário coletivo dos baianos. Apontando também para o conteúdo pedagógico dos sermões que proclamavam castigos infernais e associavam o amor carnal, os pecados da carne, ao diabo. Ainda atribui ao membro viril de Exu, seus chifres e sua entidade ser do fogo a possível responsabilidade pela identificação do mesmo com o diabo. O autor segue afirmando que “(...) devido às circunstâncias históricas, esse elemento [Exu] tomou um colorido sombrio; o ‘diabinho’ das lendas iorubás transformou-se em diabo mesmo, num diabo cruel e malvado, o mestre todo poderoso (...)”³⁰⁸.

Identificação esta, que segundo o Bastide, foi aceita pelos próprios membros dos candomblés. Lembrando-se de uma lalorixá a quem perguntou se tinha em seu Terreiro filhos de Exu e que, a mesma fazendo imediatamente o sinal da cruz respondeu “Deus me livre. É o cão, não deixarei jamais entrar pela minha porta”³⁰⁹. Segue ainda destacando

³⁰⁶Pantomima.

³⁰⁷Sr. S. O. E., 63 anos, 2007.

³⁰⁸BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia*. São Paulo: Ed. Nacional, 1978, p.17.

³⁰⁹*Ibidem*, p.162.

que a utilização pelos brasileiros do termo “Cão” em lugar de diabo, se dá pelo fato de temer que a simples pronúncia seja suficiente para atrair desgraça.

“È alias pelo diabo que começa a mistura³¹⁰”, assim categorizou Sylvana Brandão acerca do processo de associação entre diabo e Exu, afirmando que ao mesmo tempo em que o primeiro perde a perversidade intrínseca que lhe atribui o dogma cristão, ganhou contornos de Exu ou Elebará.

Já de acordo com o antropólogo Fábio Lima, os Exus brasileiros na transgressão da ordem vigente,

(...) criam a desordem, ou melhor, estruturam uma nova ordem em uma sociedade neurótica que almeja chegar a uma suposta ordem, dando desta forma os contornos especiais às cenas reprimidas da vida cotidiana, dando ênfase à alegria e à descontração aos comportamentos, mediante atitudes carnavalizantes, elementos que são incorporados e internalizados pelas metáforas do Exu africano, que não dispensa boa comida, festa, confusão e bagunça.³¹¹

Estes elementos carnavalizantes, a descontração e a alegria relacionados a Exu e que, segundo Lima, dão “contornos especiais às cenas reprimidas da vida cotidiana”, assemelham-se a aspectos da concepção de diversão dos “Cão”. A transgressão do espaço pelos “Cão” se estabelecia na dimensão corpo físico/rua. Ao tempo em que a rua era o domínio territorial do Grupo dos “Cão”, o “lugar praticado”, o percurso por becos, esquinas, ladeiras e vielas opunham-se ao caráter de centralidade que foram tomando as festas carnavalescas. Neste aspecto, os “Cão” subvertiam uma concepção de diversão que se encontrava fortemente vinculada à centralização e políticas de organização e controle do carnaval.

Mas a circulação dos “Cão” pelas ruas da cidade apresentava uma dimensão simbólica que modificava as imagens e significados hegemônicos associados ao diabo e ao universo apocalíptico e cosmológico que o cerca. É neste sentido que se pode referir a um dialogismo polifônico³¹², relacionado diretamente à prática/representação dos “Cão”, ambas alicerçando-se e permeando o imaginário das pessoas.

³¹⁰BRANDÃO, Sylvana. (Org.), *op. cit.*, p. 76.

³¹¹LIMA, Fábio. *Que Diabo é Exu?* 1999. 49 f. Trabalho Monográfico de Bacharelado em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia - UFBA. Salvador, 1999. (Grifo nosso).

³¹²RECHDAN, Maria Letícia de Almeida. *Dialogismo ou Polifonia?* Departamento de Ciências Sociais e Letras. Universidade de Taubaté. Versão PDF.

O processo de expropriação cultural desencadeado pela colonização submeteu principalmente o imaginário das pessoas. Entretanto, apesar de “submisso” a um discurso hegemônico, o Exu e suas faces, como demonstrou Emanuel Soares³¹³, não deixou de se afirmar no imaginário das pessoas, mesmo que para isto tivesse que se afirmar associado a figura que o desfigurou, o diabo.

A religiosidade, e não a religião propriamente dita, pode ser um ponto chave de entendimento dessas circularidades na cidade de Amargosa. Entende-se por religiosidade a prática da religião, o modo como estes indivíduos se relacionam com o mundo sagrado. Enquanto prática, tem-se uma fronteira muito sensível entre os cultos religiosos Afro-brasileiros e o Catolicismo popular. Quando questionado sobre sua religião, o depoente Sr. N. M. D. E., 52 anos, afirmou:

Minha religião é religião Católica, *bebo, fumo, jogo, danço*, tenho minha família (...) Nunca fui, não acredito em Candomblé, vou em Candomblé que nem agora de noite que eu vou pra Jorge Perninha, vou pra Jaci, se Jaci fosse curadora e sabia tudo ela não morria, não morria, sabia o bicho que dava pra ela ganhar no bicho, só acredito em Deus.³¹⁴

Provavelmente, não faz parte dos preceitos religiosos católicos as práticas enumeradas pelo Sr. Esmeraldo “bebo, fumo, jogo, danço”. No entanto, ainda assim, o Sr. N. M. D. E. é cético ao pensar sobre os Terreiros de Candomblé. Mas enquanto prática é perfeitamente possível considerarmos estes universos, apesar de distintos, imbricados. Trata-se de um catolicismo popular que mescla valores sacro-profanos e de práticas religiosas Afro-brasileiras, inúmeras vezes dissociadas da condição de religião, aproximando-se, neste caso, do conceito de “diversão” e “brincadeira”. Muitos dos “Cão” tinham ou ainda permanecem com suas vivências religiosas em Terreiros de Umbanda ou Candomblé e não desarticulam suas práticas sagradas do universo religioso cristão ocidental. O depoente afirma: “não acredito em candomblé”. Mas ele “brinca” o candomblé, ele participa das festas, ele comunga dos valores empreendidos nestas, apesar de afirmar ser Católico.

Outro depoente, o Sr. S. R. J., que saía de “Cão” em sua juventude, afirmou ter orgulho de ser filho de Santo de Mãe Menininha do Gantois, quanto tem orgulho de ser

³¹³SOARES, Emanuel Luís Roque, *op. cit.*

³¹⁴Sr. N. M. D. E., 52 anos, 2006.

umbandista. Em relação a sua prática de “Cão”, ele justifica suas intenções ao desfilar no carnaval,

(...) Porque pra mim não existe o “Cão”, pra mim o cão é aquele que te faz o mal (...) Mas o negócio de passar um óleo no corpo. *Eu ia pra adquirir o dinheiro só, só pra adquirir o dinheiro, porque quando é na Quarta-feira de cinzas quando alguém tava se batendo eu tava com três quatro quilos de peixe em casa pra todo mundo comer, na moqueca de azeite e moqueca de tomate miúdo e de tudo, e comia com macarrão e arroz e feijão macasso e enchia a barriga. Então não é o “cão”, é a diversão.*³¹⁵

O depoimento indica pontos importantíssimos de convergência entre o que se pode denominar religiosidade cristã popular e as práticas religiosas de matriz africana. No entanto, estas práticas religiosas diferem-se da religião enquanto instituição oficialmente constituída. O outro ponto é que apesar de afirmar que só “ia pra adquirir o dinheiro”, o depoente deixa escapar qual o destino final do dinheiro arrecadado. O depoente não ia “só, só pra adquirir o dinheiro”; ele perpetuava a tradição dos “Cão” através de outros fatores tradicionais e que estavam diretamente relacionados à ritualística da Igreja Católica: o peixe da Quarta-feira de Cinzas. Por isso, não se pode referir-se a um carnaval dissociado da temporalidade quaresmal; mesmo que este insira novas e outras temporalidades faz parte da gênese do carnaval constituir-se em função também de um calendário cristão. Assim como não se pode referir a um universo essencialmente profano ou sagrado, já que os rituais religiosos afro-brasileiros não concebem de forma maniqueísta a separação destas esferas. Sagrado e profano são elementos constituintes da cultura religiosa de pessoas como os senhores S. R. J. e E. D. M. N.

O jogo circular de sentidos de práticas religiosas, muitas vezes compreendidas como cristãs (ex., a Quaresma), pode não apresentar este sentido tão absolutamente literal.

o cristianismo tornou-se para nossas sociedades o fornecedor de um vocabulário, de um arquivo de símbolos, de signos e de práticas empregadas alhures. Cada um utiliza à sua maneira, sem que a autoridade eclesial possa gerir a distribuição ou lhe definir, conforme sua vontade, o valor de sentido.³¹⁶

No bojo social, a Quaresma transmuta-se em verdades que já não podem mais ser controladas ou definidas pelos discursos hegemônicos constituídos. A organização social e

³¹⁵Sr. S. R. J., 44 anos, 2007.

³¹⁶CERTEAU, *apud* JOSGRILBERG, *op. cit.*, p. 35.

cultural que garantia à igreja um solo firme para suas verdades semânticas, já não o é mais. A associação pelo imaginário coletivo entre o Cão/Diabo/Exu já havia sido identificada e estudada por Bastide.

O importante é notar que a associação que se estabeleceu entre Exu e o diabo foi historicamente construída. O processo de expropriação cultural desencadeado pela colonização estabeleceu-se também e principalmente em níveis mentais. Todavia os terreiros de Candomblé ditos mais tradicionais se recusam a trabalhar com a magia, ou como se instituiu “trabalhar à esquerda”, e tomam muito cuidado para não confundirem Exu com o diabo. Bastide afirma que é nestes terreiros mais “tradicionais” que se encontra o Exu em sua verdadeira fisionomia. No entanto ressalva que a divindade “caluniada” ainda não deixou de exercer, em parte, sua influência.³¹⁷ E foi justamente esta divindade caluniada, em alguns aspectos tão semelhante aos “Cão” de Amargosa, que mereceu uma parte desta pesquisa. Não à toa Sr. S. R. J., que saia de Cão e que é dono de terreiro de umbanda em Amargosa, iniciado por Mãe Menininha do Gantois, a mais popular mãe de Santo da Bahia, concluiu parte de seu depoimento afirmando “O ‘Cão’ não é não, é diversão menininha!”.³¹⁸

4.3 OS “CÃO” E AS ALMAS

Os “Cão” e as “Almas” dariam um capítulo à parte se mais mulheres do ora “Cordão”, outrora “Grupo das Almas”, tivessem sido localizadas. Este Grupo desfilou pelas ruas de Amargosa por volta das décadas de 1950 e 1960. Típicas do “Carnaval de rua” amargosense, as Almas eram personagens misteriosas que, igualmente aos “Cão”, despertavam medo, pelo anonimato que lhes conferiam os lençóis brancos e mais intimamente, pelo que representavam. O Grupo saía ao amanhecer da segunda-feira de carnaval, por volta das quatro às cinco horas da manhã e era formado exclusivamente por mulheres. A porta do cemitério era a culminância do itinerário destas, onde, ao chegarem, ajoelhavam-se e rezavam. Como se pode observar na narrativa da Sr^a. C. C. O., 68 anos, que afirmou já ter desfilado no Grupo das Almas:

³¹⁷BASTIDE, Roger, *op. cit.*, p. 165.

³¹⁸Sr. J. R. S., 2007.

Ah! Cordão [das Almas] saía cinco hora da manhã. Botava assim uma arupemba na cabeça, botava aquele lençol branco, bem alvo, cobria até no pé e somente assim cá as mão posta, e vinha até aqui no sumitério tudo de terço na mão e o “Cão” vinha atentando na bera. Eu me lembro de tudo. O “Cão” vinha atentando as arma, as arma mostrava o rosário ele corria, cercava na frente, quão pouco ele sartava (...) acordava cedo pra ver. Vinha umas quinze pessoa no cordão de arma, tudo cinco hora da manhã. Ia até na porta do sumitério vortava. O cordão saía lá da rua Dois de Julho. Era um bucado de mulé que fazia esse cordão. (...) Agora vinha um monte de “Cão” atentando, o “Cão” vinha atentando as arma (...) Vinha até na porta do sumitério, chegava ficava fazeno que tava rezano aí vortava³¹⁹.

Vestidas de branco, com a cruz empunhada, e o terço em mãos, as Almas seguiam em procissão pelas ruas amargosenses até finalmente passarem pela “Rua do Fogo” e desembocarem na porta do cemitério. Completando esta alegoria carnavalesca, estavam os “Cão”, seguindo o percurso do Grupo, a “perturbar” as Almas. Ao apropriarem-se de um discurso cristão permeado de ameaças apocalípticas, estes homens e mulheres teatralizavam³²⁰ aspectos religiosos com os quais se identificavam. No universo representativo cristão, os “Cão”, os diabos, são os que seduzem as almas. Enquanto a depoente acima afirma ter existido um “monte” de Cão que vinha “atentando” as Almas, outro depoente se refere a apenas um “Cão” que seguia o cortejo com o objetivo de arraigar para o seu universo as “Almas” errantes.

Outro Grupo tradicional que desfilava anualmente por Amargosa, era o “Bloco do Casamento”, que segundo depoente “passava essa rua toda, era Rua Nova, Rua da Linha, Catiara, os buraco tudo.”³²¹ Este, porém, apesar da popularidade, não era visto com “bons olhos” pela sociedade. O bloco constituía-se basicamente de homens trajados de mulher e mulheres trajadas de homem; todos com roupas ironicamente dignas de uma cerimônia matrimonial. O “Bloco do Casamento” era composto, em sua maioria, por mulheres que exerciam a profissão de prostituta em um popular meretrício da cidade, localizado à Rua dos Artistas. Por este fato, muitas pessoas se recusavam a prestigiar o bloco quando o mesmo desfilava pela cidade, negando-se inclusive a abrir suas portas e janelas, pois o bloco era constituído pelas “meninas de Dona”³²², como eram conhecidas

³¹⁹Sra. C. C. O., 68 anos, 2007.

³²⁰Sobre a teatralização da religião e sua dimensão festiva, ver: ABREU, Martha, *op. cit.*

³²¹Sra. L. F., 75 anos, 2007.

³²²Supressão do nome original da verdadeira proprietária de um Cabaré, localizado à Rua dos Artistas em Amargosa, por preservação da memória de terceiros envolvidos. Utilizarei o pseudônimo “Dona” quando

estas prostitutas. O Sr. M. F. C. afirmou que estas mulheres eram discriminadas quando desfilavam no carnaval, como fica evidente em seu depoimento:

As ‘mulheres da vida’ saíam no bloco de Dona, saíam tipo assim de casamento. Homens e mulheres que se vestia como se fossem casar. Muitos dos cidadãos amargosenses fechavam as portas de suas casas quando o bloco do casamento passava, eram discriminadas³²³.

Curiosamente, o “Grupo das Almas” era organizado pela mesma senhora Dona, porém, apesar de instituírem medo, o desfile destas “Almas” não apresentava a mesma rejeição que o bloco do Casamento. Era o anonimato que tornava possível o trânsito destas “Marias” com crucifixos e terços e a proibição social do olhar as “Evas”, quando muitas daquelas, mais tarde e trajadas de homens, desfilavam no Bloco do Casamento.

Muitas destas, provavelmente, eram meretrizes do Cabaré³²⁴ de Dona, senhora responsável por organizar o Grupo das “Almas” e que segundo a Sr^a. L. F., 75 anos, era “Uma mulé... era alegre, era uma coroa alegre, só se tu vê, gente boa, morreu ligeiro, gostava muito de Dona.”³²⁵ No anonimato de suas práticas, o Grupo instituiu o seu espaço de trânsito. Enquanto um Grupo de rua, formado totalmente por mulheres, subvertia o silêncio do sono dos cidadãos corajosos que se postavam à rua para vê as “Almas” e os “Cão”.

A senhora Dona aparece nas narrativas relacionadas à organização do Bloco do Casamento e do Grupo das Almas. Enquanto dona de cabaré mantinha socialmente uma posição de respeito perante os outros grupos sociais. Dona era proprietária de Cabaré mas também era mãe. O casamento de sua filha foi, segundo as fontes³²⁶, um grandioso casamento. O matrimônio é um sacramento, e também um elemento constituinte da normativa de valores cristãos e alicerce moral de um *status* social desejado. Configurou-se o casamento em um laço de reafirmação do respeito por ela adquirido perante a sociedade? É importante observar a mescla de valores cristãos conservados por Dona, e a ambivalência dela enquanto representante de uma das instituições mais antigas das sociedades humanas e pivô de separações matrimoniais, o meretrício. Talvez a questão

estiver me referindo à senhora que organizava, segundo os depoentes, os blocos das Almas e do Casamento, além de ser uma das organizadoras do “Baile da Gordura”.

³²³Sr. M. F. C., 54 anos, 2007.

³²⁴Expressão popular que designa casa de prazeres sexuais, prostíbulo.

³²⁵Sra. L. F., 75 anos, 2007.

³²⁶Sra. M. S. C. T., 52 anos, 2006.

não seja como Dona dualizava estes valores, porém como estes se articularam, subvertendo e afirmando o universo cristão.

Outra questão que deve ser ponderada a respeito das integrantes do Bloco do Casamento e do Bloco das Almas é que, apesar de serem ambos organizados por uma dona de Cabaré, não significava que todas as mulheres fossem prostitutas. É importante considerar que além das diferenciações de classe e raça, eram acentuados os preconceitos em relação às mulheres provenientes da Rua dos Artistas e Rua de Palha – e em parte que se estendiam às mulheres dos bairros periféricos – mas concentravam-se nestas duas ruas pela quantidade de bregas³²⁷ existentes nas mesmas. A estas eram associados adjetivos pejorativos como “mulher da vida”, “puta” e “rapariga”. Segundo o Sr. O. M. P. A., 49 anos, se referindo às mulheres que participavam e às que estavam à frente da Batucada “Os Inocentes”, oriunda do mesmo bairro de onde saíam os Blocos acima referidos,

E as mulheres que tinham o peito forte para participar, eram mulheres que já não temiam ser xingadas pela sociedade. Porque, só pelo fato de residir em duas localidades, Rua de Palha e Rua dos Artistas, em si, já eram vistas, já eram xingadas, então não tinham mais, digamos medo, de aqui ou aculá ser chamada de mulher da vida, ser chamada de puta, ser chamada de rapariga. Então eram mulheres destemidas e não tinha nada desse tipo de coisas que comentavam sobre elas, pelo contrário, elas tinham o maior respeito pela gente.³²⁸

Socialmente estas mulheres estavam associadas à prostituição, desta forma vulneráveis às ameaças dos “Cão”. Mas as representações que se desenhavam no percurso das “Almas” e dos “Cão” e as relações de poder estabelecidas culturalmente estavam atreladas a própria constituição do imaginário cristão católico. Cabe estabelecer um parêntese para discutir brevemente esta questão.

Jean Delumeau enfatiza que a emergência da modernidade na Europa Ocidental foi acompanhada de um inacreditável medo do diabo. Delumeau trabalha, sobretudo, os medos escatológicos, as visões apocalípticas, as profecias sobre o Juízo Final e, principalmente, sobre satã, demo, diabo, o “cão”.³²⁹ A difusão deste medo aconteceu, sobretudo, pelo próprio processo de cristianização no Ocidente, que se utilizou da

³²⁷O mesmo que meretrício.

³²⁸Sr. O. M. P. A., 49 anos, 2009.

³²⁹DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. Companhia das Letras, 1989.

literatura, dos sermões e do teatro que nasce “proibido como pagão e blasfemo, renasce em princípio nos conventos e nas igrejas, em torno de temas religiosos, como o drama pascal, o drama da crucificação e da ressurreição de Jesus Cristo ou, no jogo do Apocalipse (...)”³³⁰. Esta angústia escatológica, já expressa por Le Goff e Nicolas Truong, a respeito dos universos representativos da Igreja, foi instituída de todas as maneiras no imaginário cristão, pela pregação, teatro religioso, cantos de Igreja, imprensa e toda espécie de imagens; os ocidentais do começo da era moderna viram-se cercados pelas ameaças apocalípticas. A própria Igreja Católica legitimaria a existência do diabo como política pedagógica de evangelização.³³¹

O processo de diabolização da mulher ocorre neste contexto e paralelo ao projeto político desencadeado pela Igreja Católica de santificação de Maria, a mãe do filho de Deus. Jean Delumeau mostra que a mulher foi então identificada como um perigoso agente de Satã³³². A atitude masculina ocidental em relação ao “segundo sexo” sempre foi contraditória, oscilando da atração à repulsão, da admiração à hostilidade. Estava na lógica das coisas que uma época que tanto temeu o Juízo Final, o diabo e seus sequazes, desse uma nova dimensão ao medo milenar do “segundo sexo”. A cultura da época, inquieta e ainda mal firmada, busca reforçar o controle desse ser, a mulher, demasiadamente próximo de uma natureza da qual Satã é o “príncipe e o deus”. Para a maioria dos homens da Renascença, a mulher era no mínimo suspeita e no mais das vezes perigosa.

A construção destes imaginários sobre a mulher, associadas às culturas cristãs, contribuiu em alguma medida para a representação de pretenso domínio dos “Cão” de Amargosa sobre as “Almas”. Igualmente, os sujeitos se apropriavam deste imaginário e mesmo dos meios de disseminação destes, para instituir, afirmar, ou construir outras leituras. A origem de Amargosa é acentuadamente cristã católica. Em uma cidade onde, até a década de 1960, os sermões eram pregados em latim, não é de admirar-se que todos os outros recursos de evangelização fossem utilizados e reproduzidos pelas ruas amargosenses, nos períodos das festas religiosas oficiais. Assim, as fontes dizem sobre peças teatrais que eram organizadas pelo Frei João em prol da construção da Catedral e

³³⁰ LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma História do Corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro, 2006, p.30.

³³¹ NOGUEIRA, Carlos R. F. *O Diabo no imaginário cristão*. 2 ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002. Coleção História.

³³² DELUMEAU, Jean, *op. cit.*

pelas irmãs Sacramentinas que organizavam peças a serem apresentadas no Cine Pérola³³³. As representações religiosas eram bastante comuns. Os Ternos de Reis em janeiro, a Queima de Judas no Sábado de Aleluia, a encenação da crucificação de Cristo, a Fogueira do São João em anúncio ao nascimento do santo, e mesmo as procissões dos santos católicos, apresentavam características que podem servir de exemplo daquilo que Martha Abreu denominou de Teatralização da Religião³³⁴. Deste modo, os “Cão”, seguindo a normativa cristã católica, apresentavam-se pelas ruas durante o carnaval.

Os “Cão” perseguiam todos da cidade direcionando-lhes ameaças. Mas os Grupos das “Almas” e dos “Cão” não subsistiam propositalmente, a relação existente entre ambos estabeleceu-se de forma espontânea e os seus espaços eram, inicialmente, distintos. Os “Cão” taticamente faziam parte, mesmo sem o total consentimento das Almas, da encenação das mesmas:

Nós ia até aculá. Chegava lá ajoelhava todo mundo, entendeu? Uhuhuh!! Ajoelhava da porta entendeu, mas aquilo é... demonstração né, de morto, a gente fazia aquele movimento como era mermo como um grupo de alma, era mermo e ficava na porta do sumitério e a gente ficava esperando na hora que eles fazia aquele movimento, mas como tá rezano entendeu, uhuhuh!! um bulia um com o outro, um bulia um com o outro, que quando saía, saía aquele grupo tudo correndo (...) Os “Cão” também saía aqui, e cuma até hoje ainda sai, mas não sai como era naquele tempo e os “Cão” acompanhava também as alma, pra querer jogar o laço, pra querer pegar, entendeu, mas só tinha a intenção, mas não laçava pra não sujar as vestimenta, entendeu. Eles fazia aqueles movimento³³⁵.

A narrativa do Sr. S. A., 75 anos, contribuiu para compreensão dos aspectos da encenação do Grupo das Almas. Nota-se que este bloco era perseguido por alguns “Cão”, sendo estes os únicos homens a participarem indiretamente da encenação – indiretamente, por eles não fazerem parte da organização inicial do Grupo das Almas. Arrebanhar Almas, então, se tornou o ofício dos “Cão”. E estes, após as interações evidenciadas na narrativa com o Grupo das Almas, passaram a introduzir no percurso tradicional dos “Cão” pessoas trajadas de Almas, mas que ficavam sob o seu domínio. Estas “almas” já iniciavam o desfile laçadas.

³³³ REZENDE, Gildeflá Costa, *et. alia.* (Orgs.), *op. cit.*, p. 07.

³³⁴ ABREU, Martha, *op. cit.*

³³⁵ Sr. S. A. 75 anos, 2007.

Nós comprava um saco, um metro de bramante ou dois metros, bramante branco. Vestia a cabeça com a máscara e vestia, pra baixo aqui, cobria tudo e laçava no meio. A gente ia carregando a alma com a mochila de dinheiro pra ir pegando na mão do povo e ela laçada no meio. O povo... Ela abria o braço, elas com os braço aberto, a alma. Ela ia quieta, só falava na hora de junto do povo pra poder dá o dinheiro.(...) Nós sempre levava a alma lá [porta do cemitério] que era pra dizer que tava presa (...) que nós tava prendendo a alma lá, tá entendendo? Era um tipo de brincadeira de diversão que a gente fazia, ai a gente parou eu deixei de sair.³³⁶

Era um teatro tão evangelizador quanto as outras peças teatrais produzidas pela Igreja Católica na cidade. As encenações dos “Cão” eram bem elaboradas e apesar de não se ter o conhecimento de quando realmente elas começaram, sabe-se que trata de uma prática com mais de meio século. Prática esta que se manteve preservando elementos importantes, costumes, tradições como o fato de um mesmo homem ter que sair e não poder ultrapassar os sete anos de desfile, caso contrário “ia virar bicho, ia virar o Cão mermo”. Como a narrativa demonstra,

Eu via os pessoal mais velho sair e achei bonito né, ai eu freqüentei, sair, mas os mais velho disse que só podia sair até sete ano, de sete ano em diante ai em encerrei a carreira não quis sair mais.(...) Disse que a gente ia virar bicho, ia virar o “cão” mermo, ai nós ficano com medo, nós encerremo a carreira.(...)³³⁷

Outros depoentes também se referiram à tradição de desfilar durante os sete anos. O Sr. S. R. J. mencionou o término de sua obrigação com o desfile dos “Cão”: “Eu completei a idade, eu completei sete anos porque não podia largar de sair sete anos. Tem que ser sete anos e de sete anos não pode passar.”³³⁸ Estes depoimentos apontam para alguns elementos comuns às diversas gerações de “Cão”. A tradição dos sete anos é um destes.

No entanto, a prática dos “Cão” não permaneceu estática: as vestimentas variaram muito durante as décadas; o sebo de animal com carvão pilado que davam o tom preto à pele cedeu lugar para o óleo queimado dos postos de gasolina; os chifres de bois que compunham as fantasias cederam espaço, em alguns casos, para tubos de PVC; a sacola do dinheiro foi introduzida no percurso dos “Cão” com o argumento de arrecadar dinheiro para posteriormente comprar querosene para a limpeza da pele. A prática modificou-se durante as gerações que sucederam. Prática e representação se

³³⁶Sr. S. F., 53 anos, 2006.

³³⁷Sr. S. A., 58 anos, 2006.

³³⁸Sr. R. J., 44 anos, 2007.

complementaram e se modificaram mutuamente e fixaram-se no imaginário dos cidadãos, de tal modo que foi possível ouvir da boca de um dos “Cão” o seguinte relato:

Não, não, não é medo, eu cansei de chegar, escute, escute direitinho, eu cansei de chegar oh, todo melado de óleo com o rabo atrás e com a cuia com dois chifre na cabeça e chegava na porta da cliente assim: Inhá, Ahá! E ela ia pegar o dinheiro do altar do santo pra me dar, pra botar na sacola, *panhava o dinheiro do altar do santo pra me dar*, pra botar na sacola. [risos]³³⁹

Nas circunstâncias da narrativa só havia um jeito para livrar-se dos “Cão”, pagar não pela salvação, mas suborná-lo para não ser condenado. No “Livro dos Cão”³⁴⁰ estariam supostamente os nomes dos cidadãos, das almas errantes, que seriam levadas para o inferno. O livro com os nomes das pessoas nunca existiu concretamente, mas no trajeto dos “Cão” estes pegavam um livro qualquer que afirmam ser o livro onde estariam relacionados os nomes dos que iriam ser levados ao inferno. Abaixo, a fotografia de um “Cão” no dia de carnaval:

Figura 39 - “Cão” pedindo dinheiro



Fonte: Fotografia resultante de pesquisa de campo no carnaval de 2006.

³³⁹Sr. S. R. J., 44 anos, 2007.

³⁴⁰Alguns “Cão” levavam consigo um livro abaixo do braço onde supostamente estavam relacionados os nomes daqueles que iriam para o Inferno.

O imaginário que dava sustentação a este ritual de encenação dos “Cão” evidencia as relações de poder existentes na disputa pela salvação das “Almas” e igualmente a proximidade entre o Carnaval e o calendário Cristão. O carnaval, apesar de apresentar outras temporalidades, comunga com este último. Período posterior aos excessos profanos do carnaval, a Quaresma revelava-se enquanto um elemento temporal de purgo das almas pecadoras. Compete lembrar que a Quaresma corresponde aos quarenta dias em que Cristo foi tentado pelo Demônio.

A gente tinha uma alma né, aí a gente comprava o pano branco, fazia a mortalha, marrava com o laço, e a gente ficava... os outros com o ferrão sabe, pra futucar ela, pra ela ir arranjar o dinheiro, ver que a gente era o “Cão” que tava pegano a arma, aí *ela tinha que se virar pra arranjar dinheiro ali pra nós*. É, depois aí já fica mais difícil, aí a gente demo pra sair sem arma sem nada, porque a alma complica muito, tem que sair devagar, aí depois nós viu que o negócio tava ficano mais pouco dinheiro, aí nós deu pra circular Amargosa toda. Aí saía mais dinheiro, e com as alma não, a gente só podia tá ali porque ela tava amarrada não podia sortar. Ela gritava, chorava, e nós tamo castigando ela ali. Aí *o povo ficava com pena*, dava o dinheiro a gente. (...) *o diabo gosta das alma né, aí a gente castigava ela* (...) ia por tudo que era lugar, menina, ia na delegacia, ia na porta do sumitério, no lugar onde tivesse gente, agente ia bagunçar...³⁴¹

Objetivando livrar-se do “fogo do inferno” e do “laço do Cão” é a personagem da alma que pede clemência à população para remissão dos seus pecados. Este universo representativo associa-se, claro que com suas ressignificações, às indulgências do universo cristão. De um modo meio que avesso, pois nesta prática para que a “Alma” seja salva, o dinheiro deve ser dado aos “Cão” e não à Igreja, como normalmente acontecia, no caso das indulgências. O “Cão” é aquele que futuca, que ameaça com o ferrão e é a alma que grita, que chora, ela é a castigada e a responsável por arrecadar o dinheiro para que então o “Cão” possa livrá-la dos castigos. O resultado dessas reapropriações de valores eminentemente cristãos é uma subversão de conceitos: as Almas não pagavam pela salvação, pagavam para não ser condenadas.

4.4 OS “CÃO” E A PEDAGOGIA DO MEDO

No anonimato que lhes era permitido, os “Cão” exalavam medo e perturbavam a ordem pública com suas ameaças de melar, sujar e laçar a todos da cidade, sem distinção.

³⁴¹Sr. S. O. E., 63 anos, 2007.

Suas políticas pedagógicas eram empreendidas às crianças, idosos, e mesmo às freiras, como ficou evidente nas narrativas colhidas. O emprego do laço, em períodos de folia, adquiria a função concreta de aprisionamento de pessoas. O que aqui se denomina “pedagogia do medo” fica evidente no depoimento a seguir,

Quando os meninos perturbavam de mais eles [os “Cão”] melavam mesmo, às vezes até laçavam pelo pé, onde pegasse. (...) Eu mesmo quando eu via o “Cão” eu me escondia de baixo da cama, tinha medo. Via o “Cão” só de longe (...) O trabalho dos “Cão” era esse amedrontar as pessoas. Ele sempre ameaçava, mas não chegava a laçar, a não ser que perturbasse...³⁴²

A função social dos “Cão”, nos dizeres do depoente, era essa: amedrontar as pessoas. No caso das crianças esta pedagogia estava associada à socialização das mesmas, assemelhando-se às funções discursivas da literatura oral, definidas por Jean-Noël Pelen³⁴³. Neste sentido, os “Cão” seriam produtores de uma prática discursiva fundamentada em algumas orientações como: educar na primeira infância e adolescência, em um contexto sociocultural específico; estabelecer regras comportamentais que deviam ser seguidas; indicar algumas características espaciais, sociais e ideológicas que fundam a identidade de uma comunidade; e definir os limites entre o mundo natural e o mundo sobrenatural.³⁴⁴ Desta forma os “Cão” davam conta, no período do carnaval, de alguns desses aspectos, ao laçarem as crianças desobedientes, ao amedrontarem as crianças que urinavam na cama, ao representarem o diabo e ao determinar os espaços de circulação das crianças nos dias em que estes desfilavam. Com suas ações e ameaças, estavam inserindo estas crianças e adolescentes em normativas da vida em comunidade.

No entanto, estas ameaças eram ambigualmente sinônimas de riso e de medo, como é possível evidenciar na narrativa do próprio Sr. L. L. M., 84 anos, ao se referir a uma situação que aconteceu nos anos 50, no dia em que ele laçou uma jovem de aproximadamente 15 anos:

³⁴²Sr. M. F. C., 54 anos, 2007. (Grifo nosso)

³⁴³PELEN, Jean-Noël. “Memória da literatura oral a dinâmica discursiva da literatura oral: reflexões sobre a noção de etnotexto.” In: *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo* n.0 (1981) São Paulo: EDUC, 1981. *Projeto História* 22, História e Oralidade.

³⁴⁴*Ibidem.*

Aí chegou uma mocinha pegou a atentar alí na Rua das Flores, atentano. ‘Ô “Cão” me pega “Cão”, me pega’ eu digo você vai, você vai, aí andei pro lado dela ela correu. Eu não pude laçar (...) eu só laçava mais aqueles que bulia. Eu fui até na Estação, bandango, bandango (...) Ali que ela tava perturbando, ai eu dobrei, quando chegou pra entrada na Rua Quinze, ela pontou cá. (...) Eu na frente e ela atrás pertubano, ô tio ‘tu quer que eu diga teu nome, tu quer que eu diga teu nome’ eu digo ‘não diz não que eu te levo pro inferno’, aí botei o pé... quando eu olho ela entrou naquele colégio (Pedro Calmon), tava fazeno (...) Eu vortei e de lá de cima, e ela tava assim, quando ela fez o pulo no colégio eu lacei.(...) eu dei a distância virei, eu vi que ela não corria mais do que eu, quando ela fez o pulo quando caiu já foi laçada. Levei até lá na Rua Quinze, e ela ia chorano, chorava (...)³⁴⁵

Mais uma vez a narrativa aponta para o fato dos “Cão” direcionarem seus laços às crianças “perturbadas”. Muitas eram as ameaças de jogar o laço em pessoas, tantos outros foram os laços realmente jogados. Contudo, nota-se que até o momento anterior à menina ser laçada, ela compartilhava de um universo de alegria e descontração proporcionada pelo “Cão”. À medida que o “Cão” realizava seu trajeto e era seguido pela menina que, segundo o próprio L. L. M., estava “atentano”, o riso predominava na relação estabelecida entre ambos. O choro surge após a punição dos “Cão” àqueles que desobedecem, então o alegre cortejo do “Cão” passa a contrastar com o triste trajeto da menina laçada que segue rua afora.

Apesar de representante da cultura do medo, o diabo também já foi representante de uma cultura do riso. Pois o riso na Idade Média, com exceção do riso franciscano, “é banido, desterrado, deixado para mais tarde. Ele está do lado do demônio. É da parte do Diabo.”³⁴⁶ Ecos desta concepção aportaram no imaginário do Novo Mundo, de modo que historicamente o riso tornou-se da parte do “Cão”. Talvez, pelo riso está do lado do “Cão” é que a pedagogia do medo destes se manifeste com caráter ambíguo; a ponto de não ser possível aferir sobre uma pedagogia do medo ou do riso.

Os “Cão” eram elementos de coerção social, e participavam significativamente do universo mental das crianças. Uma ameaça, sem dúvida, para o imaginário infantil já permeado por lendas de lobisomens, mulas-sem-cabeça, e assombrações. Estas crianças ficavam à beira da porta com os corações batendo forte a espera da passagem dos “Cão”, ou então escondiam-se com medo de serem punidas por traquinagens outrora realizadas; um sentimento que pode ser traduzido como uma expectativa positiva mesclado com o

³⁴⁵Sr. L. L. M., 84 anos, 2006.

³⁴⁶LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas, *op. cit.*, p.75.

medo de ver o “Cão” se aproximar ou mesmo ouvir o “bandango, bandango” dos chocalhos.

A pedagogia do medo dos “Cão” gerava modificações de postura, mas estes ensinamentos provocativos de mudanças comportamentais também eram empreendidos em relação aos idosos. Como evidencia a narrativa:

Tem uma véia lá no canto, eu passava aí os pessoal dizia assim ‘Vem cá vó, vem cá vó, vem vê o “Cão”, vem vê o “Cão”’. Aí elas vinha trazia a vó quando via saía acabando tudo (...), ela se mandava lá pro canto. Tinha um menino mijava na cama, uma menina urinava na cama, isso e aquilo outro, vem cá, vem vê o “Cão”. Oh! o “Cão” vai te pegar se tu mijar na cama, vinha trazia, por causa que o menino começava a gritar, soltava, parava. Entrei no fundo de casa de gente assim no quintal pra ir pra fundo de casa, vê vovó, com mais de oitenta anos, mais eu ia porque os próprios pai, filho, neto, tudo me chamava pra eu ir, pra poder dar pressão a ela, e também os neto a merma coisa. (...) eu saía pra poder fazer a brincadeira que os própri da família me chamava³⁴⁷.

Porém, tratava-se de uma coibição autorizada, na maioria das vezes pela própria sociedade ou membros familiares dos coagidos; acompanhado de uma mudança de comportamento. No caso específico das crianças que até determinada idade urinavam na cama, os “Cão” estimulavam a modificação de comportamento que fazia com que a criança, por medo de ser punida pelo “Cão”, seguisse outra conduta. Já os idosos, ganhavam nas palavras do depoente, “pressão”, ou se preferirem, os “Cão” despertavam no idoso a atenção para as coisas do mundo, acentuavam-lhe a esperteza. Contudo, os “Cão” apresentavam circulação nos lares que iam dos fundos de quintais, como notamos na narrativa anterior, aos quartos, como constatamos no depoimento abaixo:

Quando eu era menina (...) Eu mais Santa, a finada Santa, nós bulia com os “Cão”, os “Cão” sartava a janela e vinha buscar nós de baixo da cama. [risos] (...) Ah! Antigamente as careta era assim descarada. Mas era careta sem vergo... era careta conhecida né, sartava a janela e vinha procurar nós de baixo da cama.(...) Nós era menina nós tinha medo rapaz³⁴⁸.

Essa proximidade dos “Cão” com os ambientes privados deixa claro que estes “Cão” não representavam apenas o medo. Nos bairros mais populares os “Cão” tinham uma circulação que transcendia as vias públicas, fazendo parte dos espaços privados. Não sem motivos, os “Cão” pertenciam ao espaço dos fundos ou quintais das casas e

³⁴⁷Sr. N. M. D. E., 52 anos, 2006.

³⁴⁸Sra. L. F., 75 anos, 2007.

chegavam a alcançar o lugar mais privado da casa, os quartos, transformando estes em espaços de perseguição e brincadeira.

Mas nem sempre estas brincadeiras eram bem sucedidas, como no relato do Sr. L. M., que nos diz:

Eu digo, eu vou meter medo às menina, mas não sabia que elas ia ficar assim não, eu peguei e me pinte de carvão pisado e peguei um bocado de chocalho e botei no corrião (...) Dona Digcécia disse ‘Fulano tu vai meter medo àquelas menina, pra ver se elas deixa de ir domingo na casa do tio’. Ai eu cheguei e me pinte, peguei uma arupemba de secar licuri, ‘te esconde aí no pé de licuri’. Elas de lá já vinha mais perto e me viu, que ela disse ‘oia o doido ai oia’ ai elas se mandou. Essas menina caiu de susto, eu cheguei lá perto do quarto e disse ‘oia mete uma faca, rasga o vestido dela e dá uma garapa de açúcar’ quando é com pouco que ficou boa ela disse ‘agora tu chama Fulano aí’ chamô ‘entra aqui em meu quarto Fulano’. Eu disse fazer uma coisa dessa, pra as menina ficar assim, tudo assombrada, gorda... todas três. Aí eu fiquei assim imaginano minha vida, peguei uma faca, bati a faca no meu peito, peguei a faca bati a faca envergava e não entrava.(...) ‘Fulano vem cá, eu não tenho ódio de tu não, eu gosto de tu, tu sabe que quando eu ficar boa, acabar de ficar boa, eu quero que tu se pinte a merma coisa que tu tava que é pra eu acreditar que foi tu. Eu queria me matar. A culpa foi minha.³⁴⁹

Memória é reminiscência, é corporal e sensível. Com gestos de facadas ao peito e arrependimento visível, foi assim que o Sr. L. L. M, aos 84 anos, reviveu uma de suas muitas experiências enquanto “Cão”, quando sob a autorização de um familiar assombrou três meninas, para que as mesmas deixassem de ir aos domingos na casa de um tio. O trecho acima contrasta com os outros momentos desta narrativa, onde são evidentes diversão e alegria das brincadeiras dos “Cão”. Abaixo, um breve trecho narrativo da Sra. S. S. Z., que aos 57 anos, descreve o que sentiu quando, em sua infância, pela primeira vez avistou um “Cão”:

Agora quando era pequena eu tinha medo mermo. Ô Teça...Tu nunca tinha visto, por que que nem eu mermo, *nunca tinha visto um cão*. Quando eu... a gente foi num sei pra onde meu Deus. Mainha chamou Tote, rumbora na casa de num sei de quem... ô meu Deus que quando eu olho é vem um bucado de Cão. Ô Jesus... Bela abriu, Tote puxô Bela boto assim no canto fica aí! *E eu tracada, nós assim ó menina tac, tac, tac, de medo*. A gente foi crescono foi acabano o medo, mas pequeno? Quem é que pequeno não tem medo daquele bicho féi.³⁵⁰

³⁴⁹Sr. L. L. M., 84 anos, 2006.

³⁵⁰Sra. S. S. Z., 57 anos, 2006.

Todavia, o medo tão enfático no depoimento da Sra. S. S. Z., fazia parte de um contexto mais amplo, gerador do riso cômico popular, assim como o definiu Mikhail Bakhtin³⁵¹, em que diferentemente do riso satírico, cujo o objeto do riso é exterior aos que riem, os autores do primeiro se concebem enquanto objetos do riso.³⁵² É neste sentido que se pode compreender a recorrente utilização dos termos “brincadeira” e “diversão” pelos sujeitos que saíam de “Cão” ao justificarem as motivações para tal prática. Este riso cômico popular pode ser visto no depoimento abaixo e se estendia do “Cão” ao padre.

O padre Almeida, era filho daqui de Amargosa mermo, ai ele ficava com o bracinho cruzado assim e eu com um bocado de chocalho, bandango, bandango, fazeno que não tô veno ele, quando chegava lá, eu saia correno com medo. Ai ele chegou e disse ‘quem é aquele?’ disse ‘é Fulano’ e ele se deu pra rir (risos). Quando foi no dia de segunda-feira eu tava na tenda bateno uns ferro. (...) Eu era ferreiro. Ai o Padre chegou, meteu as mão na batina e disse tome aqui pra você comprar uns negócio pra você. *‘Por que você correu assim?’ ai eu digo ‘já viu o “cão” gostar de padre?’* (risos). Porque eu fazia graça pro povo rir, ia passano correno, também não bulia com ninguém, nem ia melano casa.³⁵³

“Já viu o Cão gostar de padre?” Com esta frase o Sr. L. L. M. sintetizou o imaginário que perpassava a brincadeira dos “Cão” na cidade de Amargosa, nos dias que precediam a Quaresma. Circulando entre praças, vielas, frente das Igrejas e cemitério; perturbando padres, crianças, adultos, idosos; comungando ou excomungando o universo cristão, lá estavam os “Cão” transgredindo por entre o riso e o medo.

Menocchio³⁵⁴, famoso personagem do livro *O Queijo e os Vermes*, ao longo do seu interrogatório, perguntado sobre o que achava do paraíso, respondeu: “É como estar numa festa”. Nesta frase resumiu um universo temporal que perpassava o século XVI, já que a festa é o lugar da utopia.³⁵⁵ Se é fato que a festa é o lugar da utopia, a mesma relação não pode se estabelecer entre festa e paraíso, no contexto amargosense, já que os “Cão” realizavam seu trajeto fundamentando-o em ameaças, como a de conduzir as

³⁵¹ BAKHTIN, Mikhail, *op. cit.*

³⁵² SOIHET, Rachel. “Reflexões sobre o carnaval na historiografia – algumas abordagens”. *Revista Tempo*, v. 7. Versão Pdf, 1999.

³⁵³ Sr. L. L. M., 84 anos, 2006.

³⁵⁴ Célebre moleiro, que nos foi apresentado por Carlo Ginzburg, Menocchio é o personagem central da trama histórica “O Queijo e os Vermes”. GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

³⁵⁵ SOIHET, Rachel, *op. cit.*, 1999, p.1.

peessoas ao inferno. Em Amargosa o inferno e seus algozes saiam do imaginário das pessoas e habitavam as ruas. O carnaval não era como está no paraíso, como afirmou Menocchio: em muitos aspectos assemelhava-se ao juízo final, onde todos os demônios sociais poderiam ser levados aos infernos, para que a sociedade pudesse enfim renascer. Como evidenciamos na narrativa do Sr. L. L. M:

Eu saía (...) com um vaso deste tamanho plástico com um verniz vermelho, pra dizer que era o sangue, e um livro debaixo do braço e um laço, e dizia 'tem que ir hoje pro inferno, hoje você vai voltar no inferno com qualquer da conversa e se correr eu laço.(...) era um livro veio antigo, somente pra eu abrir o livro e gritava assim 'é você mesmo que vai pro inferno'.³⁵⁶

No período carnavalesco, eram os “Cão” os detentores do laço e os responsáveis momentâneos, pelas ameaças apocalípticas. Ao melar, laçar e ameaçar, os “Cão” aproximavam-se dos elementos constituintes da diversidade associada ao baixo material e corporal³⁵⁷ do contexto de François Rabelais. “Rebaixar consiste em aproximar da terra, entrar em comunhão com a terra concebida como um princípio de absorção e, *ao mesmo tempo*, de nascimento: quando se degrada, amortalha-se e semeia-se simultaneamente, mata-se e dá-se a vida em seguida, mais e melhor.”³⁵⁸ Talvez tenha existido algum resquício entre estas práticas grotescas rabelaisianas e algumas atitudes dos “Cão”, principalmente quando os último ameaçavam levar cidadãos aos infernos. E estes não perdoavam sequer as freiras, como se pode notar no depoimento da Sr^a. M. S. C. T., que relata um momento de encontro entre um “Cão”, uma freira, e algumas crianças, quando a “Irmã Maria Marta” dirigia-se à Rua de Palha em um dia de carnaval para levar donativos,

(...) quando a gente tava vindo que chego no bosque, isso pela manhã, de manhã, quando a gente foi chegando no bosque, aí é vem dois “Cão”. [risos] Ê... Nossa Senhora, a gente pequena, eu era segunda série primária mais ou menos isso. E é vem aqueles “Cão” pelo mei do bosque, correndo atrás da gente só faltou derrubar a irmã [freira] Maria Marta. A gente grudou nela, ela ainda naquela época usava aquele hábito escuro arrastando no chão né, e com o guarda-chuva na mão e a gente grudou nela... E ela creio em Deus Pade, creio em Deus Pade. E o “Cão” rudiando, a gente segurou nela com medo e aí ela

³⁵⁶Sr. L. L. M., 84 anos, 2006.

³⁵⁷BAKHTIN, Mikhail, *op. cit.* Conjunto de associações que se encontra em comunhão com a vida da parte inferior do corpo, ventre, órgãos genitais, parto, absorção de alimentos, e outras práticas grotescas do universo rabelaisiano.

³⁵⁸*Ibidem*, p. 19. (Grifo da autoria)

ficava assim com o guarda-chuva sai daqui, sai daqui, creim Deus Pade, creim Deus Pade, [risos] todo poderoso e o “Cão” arrudiando como se fosse jogar o laço na gente, com a corda na mão e a gente chorando uai, uai, oi o “Cão” irmã, oi o “Cão”, e o cão pulava assim pra jogar o laço, ficou um tempo e a gente chorando com a boca no mundo chorando [risos]³⁵⁹.

A memória é seletiva e na lembrança de uma criança por volta dos seus oito ou nove anos, o medo sem dúvida, se fixou de forma mais significativa. Contudo, é o riso que predomina durante todo o momento em que a mesma iniciou a narrativa finalizando-a em gargalhadas. Neste caso, o medo do demônio por toda parte esteve associado no imaginário à espera do fim do mundo e para outros à espera da morte. O medo de ser laçada pelo “Cão” foi tão próprio à criança quanto à freira, que fazia ou ao menos tentou fazer caridades em períodos burlescos. Roger Bastide³⁶⁰, sobre o domínio do discurso hegemônico no início da colonização, menciona a função dos sermões enquanto ameaça de castigos infernais. Segundo Nogueira³⁶¹, falando da “teologia” católica, apesar do poder absoluto de satã ter sido quebrado, com a vinda de Jesus à Terra, a Igreja permitiria, em nome de uma “pedagogia do medo”, que o diabo permanecesse ocupando a posição de formidável oponente. Deixando de sustentar que o diabo estava totalmente vencido, a Igreja legitimou no próprio diabo a necessidade da sua existência, enquanto instituição responsável por livrar os seres humanos das conspirações do demônio.

Os desfiles dos “Cão” nunca foram totalmente tranquilos. As perturbações, brincadeiras, melanças e laçadas não passaram despercebidas no âmbito da sociedade. A problemática a respeito encontrava-se vinculada ao caráter subversivo associado à prática dos “Cão”. Muitos adjetivos pejorativos eram atribuídos aos sujeitos que saiam de “Cão”: cachaceiros, arruaceiros, baderneiros e malandros são só alguns dos exemplos. Trechos de narrativas traduzem estas tensões geradas em dias de carnaval.

(...) Os menino sai ai, sai tudo na doidade e eu não, eu saia com meu bloco ia na delegacia batia lista, ia na prefeitura, o prefeito era no tempo de Josué ele assinava, né a gente arrecadava o dinheiro ali, pra comprar às vezes o sebo o carvão que a gente comprava né, corda choçao, tudo a gente comprava e esse povo ajudava a gente. E hoje não, hoje chega no posto aí arranja uma lata de óleo se mela todo sai pro mei da rua atolando (sujando) todo mundo e não pode atolar ninguém né. (...) O “Cão” é uma coisa de responsabilidade é por exemplo tem uma multidão a gente chega assim brinca, mete medo ali, ali eles

³⁵⁹Sra. M. S. C. T., 52 anos, 2006.

³⁶⁰BASTIDE, Roger, *op. cit.*

³⁶¹NOGUEIRA, Carlos R. F., *op. cit.*

dá um real, outos dá qualquer dinheiro, mas a gente não pode pegar ninguém nem tolar ninguém, que inclusive ai a pessoa vai preso. (...)³⁶²

A fim de estabelecer o lugar da sua prática, o grupo dos “Cão” burlava algumas normativas da sociedade amargosense, como melar, laçar e perturbar. O que lhes rendeu algumas políticas de regulamentação, como as licenças que deveriam ser tiradas com o delegado ou na prefeitura. Por ser um dos mais antigos personagens do “Carnaval de rua” amargosense, os “Cão” passaram a estabelecer procedimentos táticos que lhes permitiram o trânsito pelas várias ruas da cidade. Para análise desta questão, toma-se como exemplo a narrativa do Sr. S. F., quando o mesmo evidencia a relação entre a prática dos “Cão” e a cachaça:

Muitos que saía no grupo porque embebedava a polícia era que pegava levava pro hospital tudo melado de óleo, embebedava caia no mei da rua, então pra não ficar no mei da rua a polícia pegava e levava.(...) Era o maior cuidado que a gente tinha, nós já saía avisando, cachaça bem pouco. Chegava assim no bar o povo dava copo de cerveja, ou cachaça, ou conhaque, eu digo oi cachaça bem pouco pra não sujar ninguém, nem no passei a gente não subia. ‘Chega pra cá, chega pra cá’, não aqui tá bom.³⁶³

A cachaça enquanto um elemento considerado indisciplinador do corpo, não apenas do corpo físico, mas do corpo social, não fazia parte dos princípios estabelecidos pela lógica hegemônica de organização da sociedade. Assim como o ato de melar paredes, pessoas, ou mesmo passeios era considerado, dentro desta lógica, como atos de perturbação da ordem pública. Para não serem acometidos por nenhum sentimento eufórico, supostamente desencadeado pela cachaça, alguns “Cão” evitavam o álcool; esta era uma tática consciente empreendida por alguns do grupo para que seus espaços perdurassem. Além disso, faziam as “listas batidas” na delegacia que funcionavam como regulamentação da prática, mas também davam respaldo àqueles grupos que faziam tal registro conferindo-lhes a “oficialidade”.

Porém, quando estas normas não eram seguidas a risca, eis que as estratégias de poder organizacionais da sociedade passavam a atuar através de ações coercitivas, objetivando a docilidade dos corpos e a contenção do Grupo dos “Cão”. Deste modo, a coerção no contexto amargosense se aplicou com o estabelecimento de atos de

³⁶²Sr. S. O. E. 63 anos, 2007.

³⁶³Sr. S. F., 53 anos, 2006.

desencorajamento. Os sujeitos que saíssem de “Cão” sem as licenças, e que por algum motivo destoassem dos padrões sociais vigentes, eram punidos em atos públicos de espancamento, como uma forma de mostrar aos outros “Cão” o que poderia vir a acontecer com os perturbadores da ordem. Como destacamos na narrativa do Sr. S. A.,

Que nem teve mermo uma vez que saiu um sem a licença, voltou no dia que a gente terminou de sair, nós saímos, porque nós tinha nossa licença, quando a gente encerrou era 11 hora do dia, já tinha corrido a cidade toda, que uma hora da tarde a gente tem de se achar lá na Batucada pra sair na cidade. Quando a gente caba, terminou de vir lá do Alto da Bela Vista, aí tá o policial, tava espancando um ali de frente onde era a Quinze Velha, pra onde vai pra delegacia.(...) Saiu sem licença, e esse rapaz, esse “Cão” meteu a mão na barraca da senhora que tinha uns peixe frito, ele de pedir a mulé não ele foi e pegou, e melou, pegou o peixe e melou os outro tudo. Por causa disso a mulé representou a queixa e aí o policial veio pegou e *espolitiou [espancou] tanto que depois vorto e levou pro hospital.*³⁶⁴

A investidura do “Cão” logo contra uma barraca de peixe foi seguida do exercício policial coercitivo. A atuação destes elementos coercitivos pode ter contribuído para que os “Cão” tomassem a iniciativa de tirar “licenças”, “lista batida”, “alvará” na delegacia ou na prefeitura, autorizando-lhes o desfile, evitando desta forma que pudessem vir a sofrer algum dano no período do carnaval.

Eu tirava com delegado. Era que era pra eu sair porque se os outro fizesse como saía aí, como uma ocasião tipo o povo da Baixa do Sapo, saíram aí foram melar as parede, melar o povo, aí a polícia foi e prendeu, né. Aí eu tava na casa de Marlo, do sargento Marlo, ali na rua de quem vai pro Cajueiro, que quando nós tá lá com o sargento a polícia chega procurando mais “Cão”. Aí ele disse não, eu mostrei a lista, ele disse esses daqui não, esses todo ano bate a lista lá na delegacia, vai pra prefeitura a prefeitura assina, meus negócio era tudo certinho que era pra não dá bolo com os outro...³⁶⁵

No entanto, uma aparente iniciativa dos “Cão” de tirar licenças – recorrente nas décadas de 1960 e 1970 – que lhes autorizassem o desfile e que lhes fosse interessante, só disfarça uma das estratégias sociais de controle da prática. Muitos foram os Blocos e Grupos de mascarados que desfilavam pelas ruas de Amargosa, mas só há relatos de existência destas “licenças” e “autorizações” nas delegacias e na prefeitura dos grupos dos “Cão”. Primeiro que se não houvesse a associação do “Cão” com a marginalidade, e se estes “Cão” realmente nunca tivessem melado e/ou laçado, qualquer um que fosse,

³⁶⁴Sr. S. A., 58 anos, 2006.

³⁶⁵Sr. S. O. E., 63 anos, 2007.

provavelmente a licença não se faria necessária. Muito menos os discursos dos “Cão” seriam tão defensivos quando questionados sobre possíveis arruaças e problemas com a polícia.

Não, não, ninguém pegava ninguém não, não podia sujar ninguém, a gente chegava na delegacia tirava uma folha corrida, pra não sujar ninguém, uma autorização pra não sujar ninguém, não sujar o passei, não entrava dentro de casa pegava o dinheiro de laço. (...) quem começou a tirar foi eu, que começou entrar muito concorrente tá entendendo, tudo quanto era pivete queria se sujar de óleo e entrar e aí fazia bagunça na casa do povo na casa do comércio, pra gente não ficar naquele movimento, a gente chegava, eu peguei e fiz, tirei uma inscrição. Aí saía cinco de meu grupo tá entendendo, aqueles cinco: Dadáu, Nito, Bomfim e Bacurau e eu. Bacurau morreu, Nito deixou de sair, Bomfim deixou de sair, Dadáu deixou de sair, Dadáu morreu também, só tem eu aqui.³⁶⁶

Saía uma rapaziada, mas o povo não gostava não, porque quando chegava numa casa no mei da rua, passano na casa, botava a mão na parede, fica pegado.³⁶⁷

Batia a corda no chão, mas ficava só rodando né, que aquelas pessoa que não queria dá o dinheiro, tá entendendo, aí... a gente ficava rodando fazendo que ia melar aí o pessoal dava o trocado a gente ia embora.³⁶⁸

A suposta decisão “voluntária” pelas licenças apresenta-se como uma das muitas táticas³⁶⁹ empreendidas pelos próprios sujeitos que saíam de “Cão” para que o desfile prosseguisse durante os anos. Caso os registros policiais da cidade de Amargosa tivessem sido disponibilizados à pesquisa histórica, talvez trouxessem maior compreensão dos crimes que eram atribuídos aos “Cão”. Certamente possibilitaria adquirir mais subsídios para as investigações a respeito do caráter subversivo associado à prática. Infelizmente, não se teve o acesso autorizado para leitura e interpretações de processos ou registros de queixas nos períodos de carnaval que provavelmente constam no fórum da cidade³⁷⁰. Na delegacia da cidade a informação é a de que não há registros sob os períodos que compreendem o recorte da pesquisa, não se sabe ao certo onde estes documentos encontram-se atualmente, possivelmente, os mesmos, indicariam as prováveis prisões e/ou licenças necessárias para que os “Cão” desfilassem no período do carnaval.

³⁶⁶Sr. S. F., 53 anos, 2006.

³⁶⁷Sr. L. L. M., 84 anos, 2006.

³⁶⁸Sr. S. A. 59 anos, 2006.

³⁶⁹CERTEAU, Michel de, *op. cit.*, 1994.

³⁷⁰Foram encaminhados alguns ofícios solicitando acesso à possível documentação existente no Fórum da Cidade, porém todas as solicitações foram indeferidas.

Mesmo mencionando a necessidade das licenças para o desfile, em nenhum momento os “Cão” se referem ao caráter “subversivo” ou perturbador daquilo que consideravam “diversão”. Contudo, a prática dos “Cão” subvertia a ordem espacial oficial das festas carnavalescas, eles formavam um dos poucos Grupos que desfilavam por praticamente todas as ruas da cidade. As reações ao desfile dos “Cão” podem ser caracterizadas não simplesmente como um medo às classes pobres “subversivas”, mas acentuadamente, como uma subversão pelo riso³⁷¹.

Os “Cão” perturbavam nos dias de carnaval, mas também faziam rir e proporcionavam descontração, por mais estranho que parecesse a transmissão de alegria com ameaças e arruaças que assemelhavam-se, pelo ato de melar, às práticas de Entrudo. Entre risos e medos, a prática persistiu resistindo e apropriando-se das políticas de controle e organização do carnaval.

³⁷¹SOIHET, Rachel, *op. cit.*, 1998.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Muito distante das abordagens sobre o carnaval que o conceberam enquanto espaço de abolição provisória das relações hierárquicas, das regras e condutas sociais, ou inversões, interessaram exatamente as regras, as relações hierárquicas, as condutas sociais e os lugares ocupados pelos participantes no carnaval, bem como as práticas e representações desencadeadas nestas festividades. Os espaços conquistados, os circuitos e itinerários percorridos revelaram, sobretudo, a dinâmica carnavalesca na cidade não apenas das classes abastadas, mas de populares, negros, mulheres e crianças, que atravessavam a cidade naqueles dias de festa. As distinções das mais variadas que separavam os diferentes sujeitos da festa não impediram que trocas diversas acontecessem.

De modo tímido foi possível conhecer um pouco mais sobre a cidade de Amargosa e sobre vivências festivas religiosas na mesma. Os carnavais apresentados revelaram aspectos do “Carnaval de Rua” das classes ricas, mas também das classes pobres. Porém, verificou-se que o “Carnaval de Clube” além de centralizar os festejos em ambiente privados, fez acentuar diferenças de classe e em alguma medida de raça.

Outros modos de brincar foram apresentados e novos sujeitos apareceram compondo o carnaval de Amargosa. Alguns portando lança-perfume, outros em tempos da infância e adolescência. Teve-se a inserção do Trio elétrico nas ruas da cidade e ora olhares distantes, outrora foliões fantasiados são flagrados pelo registro fotográfico. Diálogos diversos aconteceram, entre Batucadas, Filarmônicas e bandas de estudantes da capital. Os sons do carnaval foram muitos, mas apresentaram aspectos comuns. As Batucadas em seus ensaios cotidianos anunciavam a proximidade do carnaval. No carnaval passavam à condição de “Escolas de Samba” e não mais as Batucadas garantiam o som da festa. Teve-se ainda o Baile da Gordura, formado pelas “graxeiras”, na verdade mulheres pobres, em maioria negra e mestiça, trabalhadoras dos mais variados ofícios que também queriam desfrutar dos Bailes de carnaval em espaços fechados. Os espaços das ruas talvez já não fossem suficientes.

Conflitos e tensões também caracterizaram os festejos e marcaram alguns Grupos de forma mais intensa como os “Cão”. Os lugares ocupados socialmente por estes, bem como o fato de serem identificados fenopiticamente como negros e suas práticas culturais, acentuaram estas tensões que se consumaram principalmente no campo do imaginário religioso. A relação deste Grupo com o Bloco das Almas exemplificou muito bem essas relações no campo religioso, bem como revelaram um jogo de sedução que implicou questões de gênero, não muito aprofundadas.

Percebeu-se que, além das distinções e divisões de classe, a sociedade amargosense em suas diferenças se propôs ao diálogo, ainda que tenso, entre as diferentes esferas que a compunha. Trocas das mais diversas transpuseram o campo das festividades e alcançaram esferas como as das religiosidades.

As diferentes formas de brincar o carnaval de Amargosa trouxeram ao debate também distinções de classe. Pobres, majoritariamente negros, ao apresentarem modos peculiares de festejar o carnaval, distinguiram-se dos modos mais convencionais praticados em grande parte pelas elites. Estes negros, mestiços e pobres elaboravam em seus grupamentos sociais estruturas organizacionais que davam conta de suas necessidades festivas e mesmo sociais. Assim, a festa para estes sujeitos representava um espaço de expressão de suas vivências cotidianas, espaço de reivindicações, tal como em alguma medida também representava para as elites, porém traziam esta dimensão reivindicatória dilatada.

As classes pobres, as mulheres e os negros, se viram no carnaval cercados por algumas contenções e ordenamentos, organizações exteriores as suas práticas festivas ou então estigmatizadas. Porém, souberam articular entre si várias estratégias de circulação pelos mais distintos espaços da cidade durante o carnaval. Transformaram os elementos que os distinguiam dos outros em identidades, desta forma sabiamente articularam e mantiveram os laços de sociabilidades e solidariedade da comunidade. De tal modo que, mesmo com a formação da OFCA (Organizadora dos Festejos Carnavalescos), mesmo com as restrições e licenças policiais e na prefeitura aos grupos dos “Cão”, mesmo com a reconfiguração das Batucadas em Escolas de Samba, estes homens e mulheres tiveram maturidade para se organizarem e ir às ruas não apenas para se divertirem, mas para exercerem também os seus poderes.

FONTES

IMPRESSAS

“Comemorando o Centenário do Nascimento de Eulina”. Disponível na Biblioteca Municipal de Amargosa, Carlos Cohen. Produzido em Amargosa, 23 de outubro de 1999, por familiares da Sra. Eulina Nogueira Pita.

Emanuel Oliveira dos Santos (Sr. Nené). “Amargosa de A a Z. Eu conto os contos que me contaram em contos e histórias”, 1825 a 2008. Trabalho não publicado.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. Presidente do IBGE. Obra conjunta dos Conselhos Nacional de Geografia e Nacional de Estatística. Julho de 1958.

Folhetins sobre o carnaval em Amargosa. Seis exemplares datados de 1964, 1965, 1966, 1967, 1968 e 1971. Publicação do Alvorada Tennis Club. Domínio Público. Documentos cedidos pelos familiares do Sr. Angelysio Cabral dos Santos Borges, um dos fundadores do Alvorada Tennis Club.

Jornal *O Tanjo*, Amargosa, 22 de agosto de 1915. Órgão Humorístico, Crítico e Noticioso.

Jornal *Cidade do Salvador*, 01 de setembro de 1942.

Jornal *Nova República*, 15 de março de 1955.

Jornal *Diário de Notícias*, Bahia, quinta-feira, 10 de fevereiro de 1977.

Jornal *A Tarde*, 19 de junho de 1991.

Decreto nº 51.211, de 18 de agosto de 1961.

Revista dos Municípios. “Amargosa”, 1928-1929, sem paginação.

Revista dos Municípios. Município de Amargosa. “A Rainha do Café”, 1926-1927, sem paginação.

Angelysio Cabral dos Santos Borges. Rascunhos pessoais dados de 1992, cedidos pela senhora sua esposa a Prof^a. Célia Barbosa.

VIANNA, Hidelgardes. *A Bahia já foi assim: crônicas de costumes*. Prefácio de Thales de Azevedo. 2ª Ed. São Paulo: GRD; Brasília: ILN, 1979.

REZENDE, Gildeflá Costa. et alia. (Orgs.) *Revista Amargosa Centenária*. Bahia, 1991.

SANTOS, Milton. et al. *A Região de Amargosa*. Universidade da Bahia. Comissão de Planejamento Econômico, Salvador, dez. 1963.

PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. *Os Kiriri Sapuyá de Pedra Branca*. Centro de Estudos Baianos. Publicação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1985.

Almanaque Sapucaia. Orgs. Neves, Márcia Luzia Cardoso.; Marques, Carla Tereza dos Santos.; Souza, Everton Hilo de. Amargosa: Sapucaia, 2008. Além de vários jornais que também reproduziram a lenda das Pombas Amargosas.

Theodomiro Jordão. *Vultos e Factos da Minha Infância*. Imprensa Glória, Bahia, 1949.

Convite da Sociedade Filarmônica “15 de Abril” para os Bailes em seus salões. Amargosa, fevereiro de 1952.

Secretaria da Justiça; Gabinete do Secretário; Série: Auto de Defesa do Prefeito da cidade de Amargosa. Fundo/Grupo: Secretaria de Justiça/Gabinete. Séries/Livro: Representação contra o prefeito de Amargosa (fotografias). Auto de Defesa do Prefeito da cidade de Amargosa. Datas-limite: 1943. Consta 95 páginas, além de anexos sobre a administração do Prefeito Raul Paranhos que neste auto responde a 27 itens de acusação.

ICONOGRÁFICAS

Acervo digital da Prefeitura Municipal de Amargosa.

Fotografias cedidas pela professora Maria Belarmina dos Santos.

Fotografias cedidas pela Professora Regina Maria Vaz de Almeida.

ORAIS

Vinte e dois depoentes. Nome abreviado inversamente, idade, ano do depoimento, nome completo.

1. Sr^a. S. L. J. M., 93 anos, 2007.
2. Sr^a. S. B. M., 62 anos, 2006.
3. Sr. S. O. E., 63 anos, 2007.
4. Sr^a. S. H., 74 anos, 2007.
5. Sr^a. S. P. C. M., 61 anos.
6. Sr. N. M. D. E., 52 anos, 2006.
7. Sr^a. C. C. O., 68 anos, 2007.
8. Sr^a. L. F., 75 anos, 2007.
9. Sr. M. F. C., 54 anos, 2007.

10. Sr. S. A. 75 anos, 2007.
11. Sr. L. L. M., 84 anos, 2006.
12. Sr^a. M. S. C. T., 52 anos, 2006.
13. Sr. S. R. J., 44 anos, 2007.
14. Sr. S. F., 53 anos, 2006.
15. Sr. S. A., 58 anos, 2006.
16. Sr. S. A. 59 anos, 2006.
17. Sr^a. A. V. M. R., 66 anos, 2008.
18. Sr. O. M. P. A., 49 anos, 2009.
19. Sra. S. S. Z., 57 anos, 2006.
20. Sr. S. S. A., 28 anos, 2006.
21. Sra. S. B. J. M., 91 anos, 2006.
22. Sr. S. L. A., 75 anos, 2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Nova Fronteira, São Paulo, Fapesp, 1999.

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *Algazarra nas ruas: comemorações da Independência na Bahia*. Campinas, Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999.

_____. "Esperanças de Boaventuras: Construções da África e Africanismos na Bahia (1887-1910)" In: *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 24, nº. 2, 2002.

ARAUJO, Patrícia Vargas de Lopes de. *Folganças Populares e Festejos de Entrudo e Carnaval em Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG; Fapeming; FCC, 2008. Coleção Olhares.

SANTA BARBARA, Reginildes Rodrigues. *O caminho da autonomia na conquista da dignidade: sociabilidades e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana – Bahia (1929-1964)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. 3 ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BAROJA, Julio Caro. *Le Carnaval*. Paris, Gallimard, 1979.

BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia*. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

BITENCOURT, Elson. *A cultura da mandioca em Amargosa (1960-1990): o plantar e o colher imbricados ao viver de homens e mulheres "da roça"*. Trabalho Monográfico de Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Santo Antonio de Jesus, 2006.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. "O rito e o tempo: a propósito do carnaval carioca". In: LOPES, Antonio Herculano (Org.) *Entre Europa e África: A invenção do carioca*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, Topbooks, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. *A Cultura no Plural*. Campinas: Papyrus Editora, 1995.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural, entre práticas e Representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1987.

_____. "Cultura Popular": revisitando um conceito historiográfico. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol 8, n. 16, 1995, p.179-192.

COUTO, Edilece Souza. *Festa e Cultura na Bahia Republicana*. Anais do ENECULT, 2005.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. "Vários Zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca na virada do século." In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.) *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002.

_____. *Ecos de Folia: uma História Social do Carnaval carioca 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. Companhia das Letras, 1989.

FENELON, Déa Ribeiro. "Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa". In: *Projeto História: revista do Programa de Pós-graduados em História da PUC – SP*. São Paulo: Editora EDUC, 1981.

FILHO, Raphael Rodrigues Vieira. "Folgedos Negros no Carnaval de Salvador (1880-1930)". In: SANSONE, Livio; SANTOS, Jocélio Teles (Orgs.). *Ritmos em trânsito: Sócio-Antropologia da Música Baiana*. São Paulo: Dynamis Editorial; Salvador, BA: Programa a Cor da Bahia e Projeto S. A. M. B. A., 1997.

FRY, Peter; CARRARA, Sérgio; COSTA, Ana Luiza Martins. "Negros e brancos no carnaval da Velha República". In: REIS, João José (Org.) *Escravidão e Invenção da Liberdade: Estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

GANDON, T. "Entre Memória e História: tempos múltiplos de um discurso a muitas vozes." In: *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC – SP, n.0*. São Paulo: EDUC, Projeto História 22, História e Oralidade, 1981.

_____. "Etnotexto e Identidade Cultural na Construção da Memória". In: *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v.14, n23, jan./jun. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, V Campus I, 2005.

_____. “Palavras de Itapuã: literatura e história”. In: *neho-historia - Revista do Núcleo de Estudos em História Oral*. Número 1, Novembro 1999.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALBWACHS, Maurice. “Memória individual e memória coletiva”. In: *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

JOSGRILBERG, Fábio B. *Cotidiano e Invenção: os espaços de Michel de Certeau*. Coleção Ensaios Transversais. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma História do Corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro, 2006.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *A Rainha Destronada: Discursos das Elites sobre as Grandezas e os Infortúnios da Bahia nas Primeiras Décadas Republicanas*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. São Paulo, 2005.

LIMA, Fábio. *Que Diabo é Exu?* 1999. 49 f. Trabalho Monográfico de Bacharelado em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia - UFBA. Salvador, 1999.

LINS, Robson Oliveira. *A Região de Amargosa: Transformações e Dinâmica Atual. (Recuperando uma contribuição de Milton Santos)*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal da Bahia, UFBA, Instituto de Geociências, Salvador, BA, 2007.

MASSEI, R. “Fotografia e História”. In: *Revista História*. São Paulo: UNESP – V. 8, 1989.

MAUAD, Ana Maria. “Fragmentos de Memória: Oralidade e Visualidade na construção das trajetórias familiares.” In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC – SP n.0*. São Paulo: EDUC, 1981. Projeto História 22, História e Oralidade.

NETO, Raul Lomanto. A “Região de Amargosa”: olhares contemporâneos. In: *Recôncavo da Bahia: educação, cultura e sociedade*. Orgs. Luís Flávio R. Godinho, Fábio Josué S. Santos, autores, Maria de Azevedo Brandão [et. al] -. Amargosa, Bahia: Ed. CIAN, 2007, 184p.:Il ; 21 cm -. (Reconvexo: 1).

NOGUEIRA, Carlos R. F. *O Diabo no imaginário cristão*. 2 ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002. Coleção História.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *No Tempo dos Valentos: os capoeiras na cidade da Bahia*. Salvador: Quarteto, 2005.

ORTIZ, Renato. *A consciência fragmentada: ensaios de cultura popular e religião*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

PELEN, Jean-Noël. “Memória da literatura oral a dinâmica discursiva da literatura oral: reflexões sobre a noção de etnotexto.” In: *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo n.0*. São Paulo: EDUC, 1981. Projeto História 22, História e Oralidade.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

PINHO, Patrícia de Santana. “Identidade africana feita na Bahia”. In: *Reinvenções da África na Bahia*. São Paulo: Annablume, 2004.

RECHDAN, Maria Letícia de Almeida. *Dialogismo ou Polifonia?* Departamento de Ciências Sociais e Letras. Universidade de Taubaté. Versão PDF.

REIS, J. J. “Tambores e Temores: A festa negra na Bahia na primeira na primeira metade do século XIX”. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002.

REVEL, Jacques. “A beleza do morto, o conceito de cultura popular”. In: *A invenção da sociedade*. Lisboa: DIFEL, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

RIOS, A, MATTOS, H. “Memórias do cativo: narrativa e identidade negra no antigo Sudeste cafeeiro.” In: *Memórias do Cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. RJ: Civilização Brasileira, 2005.

SANTA BARBARA, Reginildes Rodrigues. *O caminho da autonomia na conquista da dignidade: sociabilidades e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana – Bahia (1929-1964)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2007.

SANTO, Joseane do Espírito. *O MEB e os Movimentos Populares de Caráter Reivindicatório - Amargosa, 1980 -1990*. Trabalho Monográfico de Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Santo Antonio de Jesus, 2006.

SLENES, Robert W. “O que Rui Barbosa não queimou: novas fontes para o estudo da escravidão no Século XIX”. In: *Estudos Econômicos*, 13, (1983): 117-149.

SILVA, Graça Maria Magalhães da. *Vassouras que trazem a sobrevivência: História e Memória da Comunidade de Três Lagoas, Amargosa/BA*. Trabalho Monográfico de Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Santo Antonio de Jesus, 2007.

SILVA, Miguel José da. *Educação da Rainha do Lar: Um estudo sobre a formação das mulheres no Ginásio Santa Bernadete em Amargosa - 1946-1973*. Trabalho Monográfico

de Especialização em História Regional. Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Santo Antonio de Jesus, 2006.

SOARES, Emanuel Luís Roque. "As Vinte e uma faces de Exu, o senhor dos caminhos – Laroíê Exu". In: VASCONCELOS, José Geraldo; PINHERIO, Andréa; ATEM, Érica (Orgs.). *Polifonias: vozes, olhares e registros na filosofia da educação*. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

SOIHET, Rachel. *A Subversão pelo riso*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. "Reflexões sobre o carnaval na historiografia – algumas abordagens". *Revista Tempo*, v. 7. Versão Pdf, 1999.

SÜSS, Paulo Günter. "Catolicismo popular no Brasil: tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida". São Paulo, Edições Loyola, 1978. BRANDÃO, Sylvana. (Org.). *História das Religiões no Brasil*. Vol. 2. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. *Carnaval em Branco e Negro: carnaval popular paulistano: 1914-1988*. Campinas; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2007.

ZORZO, Francisco Antonio. *Ferrovias e Rede Urbana na Bahia: Doze Cidades Conectadas pela Ferrovia no Sul do Recôncavo e Sudoeste Baiano (1870-1930)*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001.

_____. Transporte e Desenvolvimento Urbano-regional: o caso de Amargosa e da Estrada de Ferro de Nazaré. In: Recôncavo da Bahia: educação, cultura e sociedade. Orgs. Luís Flávio R. Godinho, Fábio Josué S. Santos, autores, Maria de Azevedo Brandão [et. al] - . Amargosa, Bahia: Ed. CIAN, 2007, 184p.:il ; 21 cm -. (Reconvexo: 1).